12-V-1945

CINQÜENTA ANOS DE INVESTIGAÇÃO ORNITOLÓGICA (*)

HISTÓRIA DAS ORIGENS E DO DESENVOLVIMENTO DA COLEÇÃO ORNITOLÓGICA DO MUSEU PAULISTA E DE SEU SUBSEQUENTE PROGRESSO NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA DA SECRETARIA DA AGRICULTURA.

por

OLIVÉRIO PINTO

PRÓLOGO

"L'examen des objets recueillis vivants, dans leur activité éthologique, leur preparation, leur determination par comparaison avec les formes déjà classées en collections est la plus saine des distractions en même temps qu'elle donne à l'esprit des qualités d'ordre, de jugement, d'esthétique visuelle susceptibles d'applications nombreuses dans les domaines les plus divers de l'art et de la science".

Alfred Giard (De la Méthode dans les Sciences, cap. Morphologie)

Tão pormenorizadamente quanto o permitiram os elementos encontrados, procura-se recapitular nas páginas que se seguem a história das origens e do desenvolvimento das coleções ornitológicas reunidas a princípio pelo Museu Paulista e continuadas depois pelo Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de S. Paulo.

Estas coleções abrangem já agora período maior que meio século e traduzem fielmente as oscilações e as alternativas experimentadas por uma obra científica, certamente muito modesta no seu escopo e limitada no seu alcance, mas nem por isso menos digna de figurar entre os exemplos de esfôrço perseverante e trabalho ininterrupto colimando um mesmo objetivo. Obedecendo ao programa de exploração metódica do País, foram formadas, na imensa

^(*) Entregue para publicação em 7-2-1945.

maioria dos casos, à custa de viagens e expedições empreendidas insistentemente pelas duas instituições supranomeadas e, de regra, a interêsse também dos outros grupos zoológicos, ou mesmo botânicos, no tempo em que o estudo das plantas, como o dos minerais, entrava no quadro da repartição mais antiga. Nestas campanhas foram sucessivamente visitados quase todos os Estados do Brasil, alguns até vêzes repetidas, sem que, salvo muito raras exceções, o êxito dos trabalhos de campo se visse embaraçado por melindres ou desconfianças, filhos da apoucada cultura das populações, ou de ciumento regionalismo. Tendo tomado parte em muitas dessas emprêsas, pode o Autor testemunhar o auxílio que quase sempre lhes prestaram autoridades e particulares, prova confortadora da simpatia com que se acolhem iniciativas dessa natureza, havidas por tôda parte como úteis ao progresso e melhor conhecimento da grande pátria comum.

A parte oriunda de aquisições feitas a colecionadores particulares vem em segundo lugar na ordem de importância, ao passo
que é bastante escasso o contingente trazido pela permuta com o
material de outros estabelecimentos similares, nacionais e estrangeiros. Entre nós, só o Museu Nacional (do Rio de Janeiro) parece
figurar neste intercâmbio, sempre em escala modesta; fora do País,
as principais instituições permutantes foram o American Museum
of Natural History (Estados-Unidos), o Museo de La Plata (República Argentina) e, principalmente, o Museum of Comparative Zoology, instituto norte-americano cujas relações conosco assumiram
a relevância de real e assídua cooperação, com o se haver proveitosamente associado, durante anos sucessivos, às expedições de coleta, segundo veremos pormenirizado no momento oportuno.

A documentação fotográfica que acompanha êste artigo deve-se na maioria dos casos ao sr. W. Garbe, auxiliar cujo papel nas expedições vai também explanado no local conveniente. Algumas, obteve-as o próprio Autor no curso de várias viagens de estudos.

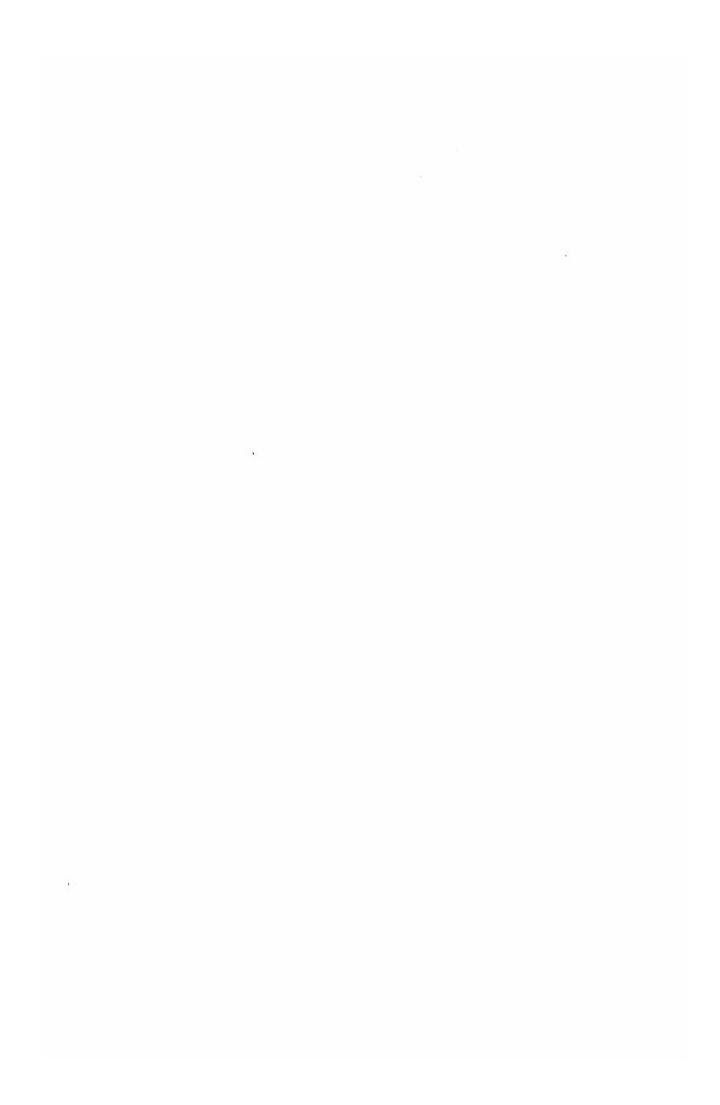
As cartas, do Brasil e de São Paulo, que tanto contribuem para valorizar o trabalho, foram executados pelo serviço cartográfico do Instituto Geográfico e Geológico do Estado, graças ao espírito de colaboração do Eng. Waldemar Lefevre, seu competente diretor, a quem tenho o prazer de exprimir os meus agradecimentos. Elas incluem, nos limites permitidos pela escala, quase tôdas as localidades e estações de coleta mencionadas pelo Autor em sua narrativa, pelo que serão de grande utilidade para os menos familiarizados

com a nossa geografia e especialmente os estrangeiros envolvidos no estudo da distribuição dos animais no Brasil.

Foi primeira idéia anexar o presente relatório à segunda parte do Catálogo das Aves do Brasil, o que explica venha o nome desta obra referido na legenda do mapa do Estado de São Paulo, já gravado quando a extensão tomada pelo artigo e razões de outra ordem aconselharam publicá-lo como trabalho independente.

Não obstante, teve agora o Autor sempre em mente aquele seu trabalho, procurando acrescentar à informação zoogeográfica nele contida os dados que foi possível obter com referência ao meio físico e às condições ecológicas das localidades ou zonas representadas nas séries estudadas no mesmo. Neste particular, não se poderia esperar grande uniformidade, visto como a princípio, si alguma atenção era dispensada ao assunto, escasseavam todavia os meios para devidamente apreciá-lo. Por isso houve também pouca hesitação em expôr, com minúcia e extensão muito maiores, os fatos relativos a algumas expedições recentes e de que não viera a lume até aqui qualquer notícia circunstanciada.

OLIVÉRIO M. DE OLIVEIRA PINTO



HISTÓRICO

"Para que um Museu possa ser respeitável e útil, deve desenvolver uma atividade agressiva, seja em educação, seja em investigação ou ambas".

Brown-Goode, The principles of Museum administration, N. York, 1885.

Criado o Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura em janeiro de 1939, para êle foi integralmente transferida a coleção ornitológica do Museu Paulista, como tudo quanto nesta antiga instituição formava a Secção de Zoologia. Entretanto, as origens da referida série remontam a data anterior à da própria existência do Museu, por isso que muitos de seus componentes haviam feito parte de um gabinete particular existente na cidade de São Paulo com o nome de Museu Sertório, verdadeiro "bric-à-brac", pertencente ao então coronel Joaquim Sertório, apaixonado colecionador e antiquário.

Muito poucas informações existem a respeito dêste museu privado; mas sabe-se que, ao lado de algumas valiosas peças de arqueologia, continha grande número de espécimes zoológicos, alguns de preparação muito mediocre em face dos progressos ulteriores da taxidermia, e da mais variada e incerta procedência. As mais completas serão talvez as que nos deixou Carl von Kozeritz, no relato de sua viagem a São Paulo, em novembro de 1883. Diz-nos êste distinto viajante que "o major Sertório, sem preocupação científica, encheu completamente sua casa de uma quantidade de objetos dos mais diferentes gêneros", vendo-se "muita cousa inútil ao lado de material extraordinàriamente importante". Neste último caso devia estar sem dúvida incluida a coleção ornitológica, que no dizer do referido autor possuia "tôdas as aves do sul do Brasil em ótimos exemplares". (1) Pela mesma fonte, ficamos sabendo também que

⁽¹⁾ Cf. Carl von Kozeritz, *Imagens do Brazil*, traduzido do original alemão por Afonso Arinos de Melo Franco, Livr. Martins edit., São Paulo, 1943 (págs. 261-2). Carl Kozeritz, alemão de nascimento (Dessau, 1830), veio para o Brasil como ar-

já por aquela época, graças a A. Loefgren, o botânico sueco a quem o Brasil ficou devendo tão assinalados serviços, se havia pensado em dar ao museu Sertório "um comêço de organização científica". Mas êsse trabalho se limitava quase exclusivamente às secções mineralógica e botânica, por isso particularmente importantes.

1890-1895

Em fins de 1890, como se lê na informação redigida por Orville Derby, (1) o conselheiro Francisco de Paulo Mayrynk comprara, por duzentos contos de réis, o Museu Sertório, doando-o em 23 de novembro do mesmo ano ao govêrno de São Paulo, juntamente com o que adquirira a outro colecionador de nome Pessanha.

A 17 de abril de 1891, por sugestão ainda de Alberto Loefgren, que tinha a seu cargo a parte de Botânica na Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, resolveu o Govêrno fundar com as coleções que lhe foram oferecidas um museu, a que seria dado o nome de Museu Paulista, e confiar a sua direção interina ao supranomeado botânico, que teve como auxiliares os srs. Guilherme Friedenreich e Alexandre Hummel, breve substituidos pelos srs. Gustavo Koenigswald e Roberto de Almeida.

Depois de curta permanência no Largo do Palácio, em março de 1893, foram as coleções anexadas à Comissão Geográfica, para cuja sede, à Rua da Consolação, foram logo transferidas. Sua existência foi todavia muito passageira nesta instalação provisória, porquanto já em agôsto do mesmo ano decidia o Govêrno instalar definitivamente o Museu Paulista no grande edifício comemorativo da Independência do Brasil, conhecido por Monumento do Ipiranga, do nome do histórico ribeiro que banha o local.

Tornando-se evidente a necessidade de conferir administração condigna à repartição recém criada, a conselho de ORVILE DER-

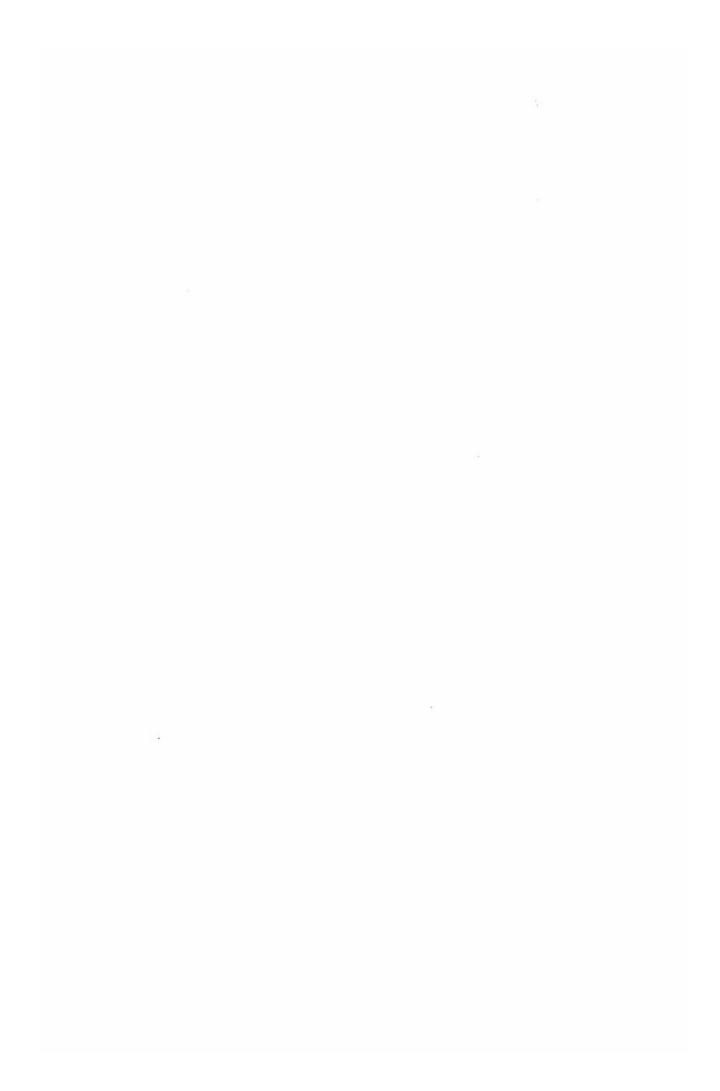
tilheiro em 1851, passando-se, após curta demora no Rio de Janeiro, para o Rio Grande do Sul, onde conquistou grande prestígio, chegando a ser ali durante algum tempo a principal personalidade da colónia alemã, através de uma atividade política, jornalística e literária de mais de trinta anos. Tendo-se naturalizado brasileiro, seu amor pelo Brasil, dí-lo o snr. Melo Franco, foi sincero e grande. Ocupou-se também, por vêzes, com assuntos referentes à história natural do país e veio a falecer em 30 de maio de 1890, no meio das grandes lutas que se seguiram à proclamação da república.

(1) Cf. Rev. do Mus. Paul., I, p. 12 (1895).

Arquivos de Zoologia, Vol. IV - Publ. do Dep. de Zool. da Secr. da Agric. (S. Paulo, Brasil)
Olivério Pinto — Cinquenta Anos de Investigação Ornitológica



Ernst Garbe (1853-1925), naturalista-colecionador a quem deveu principalmente o Museu Paulista as importantes séries zoológicas acumuladas no primeiro período de sua existência.



BY, (1) Chefe da Comissão Geográfica, foi convidado para dirigi-la o dr. HERMANN von IHERING, destacado membro da colônia alemã domiciliada no Rio Grande do Sul e já bastante conhecido através de importantes publicações atinentes à zoologia e à etnografia do Estado em questão. (2)

Uma vez no pôsto para que fôra nomeado em meados de janeiro de 1894, procurou o dr. Ihering orientar o Museu no sentido da História Natural, por considerar talvez, não sem fundamento, que só a sua reconhecida autoridade neste domínio poderia tê-lo conduzido ao referido cargo. Começada em princípios de fevereiro, já a 11 de maio a mudança das coleções estava concluida, (3) iniciando-se a seguir as obras necessárias à adaptação do prédio às necessidades do Museu, cuja inauguração só poude, entretanto, ser realizada em 7 de setembro de 1895.

Acompanhando o exemplo das instituições estrangeiras congêneres, uma das primeiras preocupações do dr. Ihering foi introduzir, ao lado das coleções expostas ao público, séries exclusivamente destinadas ao estudos científico. (4). Para isso foi mister organizar desde logo excursões com o fim expresso de colher material, no que parece terem sido utilizados também às vêzes os serviços de alguns colecionadores estranhos ao minguado pessoal da repartição.

⁽¹⁾ Orville Adalberto Derby, natural da pequena cidade de Kelloggville (Estados Unidos, Estado de New York) e doutor em filosofia pela Universidade de Cornell, veio ao Brasil trazido por Carlos Frederico Hartt, o antigo companheiro de L. Agassiz durante a célebre expedição patrocinada por N. Thayer. Depois de ter exercido sucessivamente os cargos de geólogo da Comissão Geológica do Império e de diretor da secção de Geologia do Museu Nacional, foi em 1886 nomeado diretor da Comissão Geográfica de São Paulo, pôsto que ocupou com extraordinário brilho até 1905, confirmando a reputação de abalizado cientista e grande amigo de nosso país. A lista copiosa de suas contribuições plode ser procurada no necrológio publicado por Afonso Taunay (Rev. do Mus. Paul., tomo X, 1918, págs. 909-928), pouco depois de seu falecimento, na capital da república, em 28 de novembro de 1915.

⁽²⁾ Hermann von Ihering, doutor em medicina e em ciências naturais, nasceu em Giessen, na Alemanha, a 9 de outubro de 1850. Com reputação já firmada de zoólogo, chegou ao Brasil em 1880, fixando-se no Rio Grande do Sul. Neste Estado viveu longo tempo, exercendo a dupla atividade de clínico e de naturalista, até o momento de mudar-se para São Paulo, onde viria a exercer, proficuamente, durante 25 anos, o cargo de diretor do Museu Paulista. Faleceu no seu país natal, deixando, afora outras realizações, a considerável bagagem de cêrca de 310 trabalhos científicos, na sua maioria atinentes à Zoologia. No vol. XVII, 1.º parte (1931) da Revista do Museu Paulista, consagrou-lhe Afonso Taunay breve notícia biográfica, enquanto muitos episódios curiosos foram divulgados pelo seu filho Rodolfo, num pequeno artigo publicado no Almanaque Agrícola Brasileiro (1920), sob o título "O Dr. H. von Ihering na intimidade" e reproduzido depois no livrinho intitulado "Contos de um Naturalista" (S. Paulo, 1924, Edit. Brazão).

⁽³⁾ Cf. H. von Ihering, Rev. Mus. Paulista, I, p. 13 (1895).
(4) Cf. H. von Ihering, loc. cit., p. 20; idem, vol. II, p. 6 (1897).

No que respeita particularmente às Aves, não há elementos para se conhecer com inteira precisão e pormenor o fruto dessas atividades de campo durante a fase inicial da vida do Museu. Os primeiros exemplares inscritos no livro de accessões datam de setembro de 1897; mas é certo que muito antes desta data já tinha entrado para as coleções um número apreciável de espécimes que só mais tarde foram incluidos naquele registro.

1896-1899

Pela Revista do Museu Paulista, cujo volume inaugural já em janeiro de 1896 vinha a lume, sabe-se que um dêsses primeiros excursionistas foi o sr. Beniamino Bicego, preparador da repartição, que em começos daquele ano (maio) viajou pela Bahia e, mais tarde, por várias localidades do Estado de São Paulo, tais como a Ilha de São Sebastião (novembro), Sorocaba e Itapetininga, nada constando todavia sôbre as aves que tenha porventura trazido destas peregrinações. Em setembro e outubro do mesmo ano, acompanhado dos preparadores B. Bicego e Hellmuth Pinder, esteve no Município de São Sebastião o próprio DR. IHERING, coligindo alguns dos nossos exemplares ornitológicos mais antigos. (1). Mas, neste ano, o colecionador mais ativo na parte referente à especialidade que nos ocupa parece ter sido o sr. João Zech, que fez demorada estacão na localidade de Piquete (outubro de 1896 a janeiro de 1897), situada na Serra da Mantiqueira, em região de extensas matas, quase nos limites dos Estados de São Paulo e Minas Gerais.

Por essa época, era o bairro do Ipiranga apartado subúrbio da Capital paulista, de maneira que sem muito se distanciarem da sede do Museu seus preparadores conseguiam com facilidade espécimes ornitológicos, interessantes muitas vêzes como documento da fauna peculiar aos campos de Piratininga, tais como, por

⁽¹⁾ Com base nesta expedição, publicou H. IHERING substancioso estudo sôbre o aspecto físico e riquezas naturais da "A Ilha de S. Sebastião" no tomo II (1897) da Revista do Museu Paulista, acompanhado de um bom mapa da região. Em anexo (págs. 165-6) figura uma "Lista dos pássaros caçados nos mêses de Setembro e Outubro de 1896 nos Municípios de São Sebastião e Villa Bella", da autoria de H. Pinder. Compreende 50 espécies ornitológicas, de habitat terrestre em quase sua totalidade. A história natural da Ilha de São Sebastião, recebeu novo e importante subsídio quase 20 anos depois (1925), época em que, após demorada viagem de estudos, publicou H. Lüderwaldt o resultado de suas pesquisas no vol. XVI da Rev. do Mus. Paul. (págs. 3-79).

exemplo a coruja buraqueira (Speotyto cunicularia grallaria (Temm.)), que ainda em data muito recente (1943) era encontrada nas cercanias. Mais tarde, o crescimento das árvores do Horto Botânico anexo ao Museu vinha oferecer à passarada novo asilo, atraindo grande variedade de aves, entre as quais não raro apareciam também um ou outro imprevisto visitante, quase sempre àvidamente aproveitado pelos colecionadores. (1).

Já nos registros correspondentes ao ano de 1897 se encontra o nome do sr. Adolfo Hempel, que embora exercesse o cargo de entomologista (cf. Rev. Mus. Paul., II, pág. 14), durante alguns anos contribuiu largamente para o enriquecimento da coleção ornitológica. A maioria dos espécimes caçados por Hempel provém do Reservatório situado nas cabeceiras do Córrego do Ipiranga, uma meia légua além do Monumento, no local onde até hoje existe uma floresta remanescente, de propriedade do Govêrno, que ali localizou o atual Jardim Botânico do Estado. Alguns poucos exemplares foram colecionados na Fazenda Poço Grande, à margem do Rio Juquiá (afl. do Ribeira de Iguape), na tombada oriental da Serra do Cubatão, região de grandes matas, de cuja riqueza avifaunística tivemos a prova em explorações realizadas nos últimos anos. Entre os contribuintes a que a coleção de aves deve o seu progresso nesta primeira fase, merece destaque especial o sr. RICARDO KRONE, que exercia na pequena cidade de Iguape a profissão de farmacêutico, dedicando os seus lazeres ao estudo da natureza, já colecionando ativamente, já contribuindo para a imprensa científica com apre-

Sôbre o Horto Botânico e a Estação Biológica do Alto da Serra v. o trabalho de Fred. Hoehne, Album da Secção de Botânica do Museu Paulista (1925, São Paulo).

⁽¹⁾ Até em nossos dias a despeito do crescimento da cidade e do completo desbravamento de seus arredores, acontece fazer-se no referido parque algum achado excepcional, o que se explica provàvelmente pela relativa proximidade das matas da Cantareira ou da Serra do Cubatão. O fato se verifica principalmente nos mêses frios do ano, e se relaciona provàvelmente com um movimento de migração das aves da serra marítima, de onde é de supor-se tenham provindo, por exemplo, o exemplar de Buteola brachyura coligido no Horto em junho de 1941, assim como os de Selenidera maculirostris maculirostris e Pionopsitta pileta, obtidos respectivamente em junho e agôsto de 1943. Há, todavia, exemplos que fogem a essa explicação, como a ocorrência, durante o mês de março, de dois cuculida silvestres, Piaya cayana macroura (em 1943) e Coccyzus melacoryphus (1941).

A história do Horto vem contada por H. Lüderwaldt no artigo intitulado "O Herbário e o Horto Botânico do Museu Paulista" vindo a lume no tomo X (1918) da Rev. do Mus. Paul. (págc. 288-311). Vê-se por ali que o dr. H. Ihering nele teria pensado concretizar um dos projetos alimentados desde os primeiros momentos de sua administração, com a finalidade precípua de realizar experiências de ecologia animal; mas, sob a direção de A. Taunay, que, segundo Lüderwaldt, dedicava "especial carinho ao desenvolvimento regular da seção botânica do Museu", veio êle a desempenhar papel ainda mais importante, embora com as grandes limitações impostas pela sua restrita área e impropriedade de sua situação em lugar alto, de solo paupérrimo e privado de águas naturais.

ciáveis trabalhos, referentes principalmente à geologia, etnografia e zoologia da região. (1).

Muitos dos exemplares de Krone datam da época remota de 1893, anterior portanto à da própria existência do Museu como repartição independente. Isso é fácil de explicar, sabendo-se que Kro-NE possuia em sua casa numerosa coleção particular, pacientemente feita no decorrer de vários anos. A maior parte, porém, figura no livro de registro sob a data de 1900, correspondente sem dúvida à época em que deram entrada, mas não à de seu colecionamento.

Na era de 1897, sabemos terem contribuido também para a coleção ornitológica os srs. Alexandre Hummel, de São Manoel do Paraizo, e Valêncio Bueno, de Piracicaba. (2). Mas, enquanto nada consta sôbre os espécimes fornecidos pelo primeiro, com relação ao último há ainda hoje nas coleções muitas amostras. Entretanto, nem sempre se pode ter inteira confiança nas indicações de procedência de seus exemplares, uma vez que êle era possuidor também de um pequeno museu particular, onde, sem classificação científica, se misturavam aves de origens as mais diversas.

No ano seguinte (1898), a coleta de material ornitológico recebeu algum impulso graças às atividades de um novo auxiliar, o sr. João Leonardo Lima, cujo gôsto por êste gênero de trabalho estava destinado a converter-se em verdadeiro interêsse pelo estudo sistemático das aves. Com efeito, chegou êle a adquirir mais tarde regular conhecimento dos animais dêste grupo, como o provam algumas publicações dadas a lume na Revista do Museu Paulista. Iniciando sua carreira no Museu como funcionário da mais modesta categoria, ainda muito moço e em época contemporânea à da criação do instituto (5 de setembro de 1895), ascendeu sucessivamente de pôsto graças ao próprio esfôrco, vindo a falecer em 1936 (15 de outubro), no cargo de naturalista-viajante. Durante êsse longo lapso de tempo realizou expedições de coleta nos lugares mais diversos, como se verá no decorrer desta notícia. (1)

Os primeiros exemplares de Lima foram caçados de ordinário nos arredores do Ipiranga, frequentemente em companhia de Hem-PEL, PINDER e outros companheiros de repartição; mas datam também dessa época algumas aves suas de Itatiba, pequena localidade

⁽¹⁾ Sôbre a vida e a obra de RICARDO KRONE cf. AFONSO D'E. TAUNAY, Rev. Mus.

Paul., tomo X, págs. 931 a 938 (1918).

(2) Cf. H. v. Ihering, Rev. Mus. Paul., III, p. 120.

(1) Cf. o necrológio de João Leonardo de Lima por Afonso Taunay no tomo XXI (1937) da Rev. Mus. Paul., pp. 1059-62.

situada não muito distante de São Paulo e de onde era filho. Também foram feitas, por Lima e outros, visitas ao Alto da Serra e à Serra da Cantareira, a primeira situada no ponto mais elevado da Serra do Cubatão, à margem da estrada de ferro entre São Paulo e Santos, e a última, muito perto da capital paulista, em direção ao oeste, onde pode ser considerada prolongamento meridional da Serra da Mantiqueira. No Alto da Serra veio o Museu a possuir uma estação biológica, que muito facilitou a exploração racional da flora e fauna da crista da serra marítima. Hoje, no Alto da Serra pouco parece restar da fauna original, se não também da pujante mata virgem dos primeiros tempos; mas, em relação à Serra da Cantareira, a devastação da vestimenta vegetal tem sido poupada graças à reserva mantida pela Repartição de Águas de São Paulo e pelo Horto Florestal do Estado, que ali tem a sua sede.

Data de agôsto de 1898 uma série de exemplares obtidos pelos colecionadores do Museu na localidade de Cachoeira, situada no extremo norte de São Paulo, já quase nos limites com o Rio de Janeiro. No mês de setembro seguinte esteve o sr. A. Hempel no Rio Mogi-Guaçu, trazendo material ornitológico assaz interessante. Por essa época permanecia ainda quase intacta a fauna primitiva daquela região densamente florestada. Cada vez mais empobrecida com o correr dos anos, nela ainda viviam há bem pouco tempo atrás alguns dos representantes mais esquivos da avifauna primitiva, como o mutum (Crax fasciolata sclateri Gray). (1) A Estação do Rio Grande, não distante do Alto da Serra, concorreu também com muitos exemplares, colecionados em começos de 1899 por Schrottky e preparados por Lima.

Preocupava-se já então o dr. Ihering em representar na coleção do Museu Paulista a fauna alada dos outros Estados. Suas vistas parece se terem voltado principalmente para o Rio Grande do Sul, cuja ornis foi sempre alvo de suas atenções durante os longos años de permanência nessa província meridional. As aves de Nova Hamburgo, adquiridas a A. Schwartz, trazem datas de coleta compreendidas entre janeiro e novembro de 1898 (uma é de setembro de 1897). São do ano seguinte (julho a dezembro de 1899) as peles, ninhos e principalmente ovos, de aves mandados da Colônia de São Lourenço pelo sr. Chr. Enslen.

⁽¹⁾ Um exemplar capturado em armadilha, uns quinze anos atrás, aproximadamente, na latitude de São Carlos, conforme a informação do sr. Lourenço Corrêa, de Araraquara. De acôrdo com a mesma fidedigna testemunha, um casal vivo da ave fôra capturado na mesma zona, em data mais próxima.

Remontam a 1899 os espécimes de São Francisco do Sul, oferecidos pelo sr. dr. Gualberto. Contam-se entre os raros que até hoje exemplificam em nossas coleções a avifauna de Santa Catarina. Dêste Estado, abstraída a localidade referida, todos os espécimes ulteriormente adquiridos provêm de Colônia Hansa, onde foram coligidos pelo sr. Ehrhardt (1902).

1900-1903

Em começos de 1900 (5 de abril) rescindiu o sr. A. Hempel o contrato com o Museu, sendo admitido em seu lugar o sr. Curt Schrottky, nome que aparece ligado a uns trinta e tantos espécimes ornitológicos coligidos durante o mês de maio, nas vizinhas localidades de São José do Rio Pardo e Caconde, situadas ambas no norte do Estado de São Paulo, próximo à fronteira de Minas Gerais (vale do Rio Pardo). Em agôsto, de uma pequena excursão a Jundiai, trazia o mesmo sr. Schrottky perto de uma vintena de pássaros comuns naquele distrito, não mais visitado depois disso. Outras excursões foram feitas no mesmo ano pelo pessoal do Museu, salientando-se a que em companhia do sr. Lima realizou o pr. Ihering em Jaboticabal (20 a 30 de novembro de 1900) e em Batatais (9 a 11 de dezembro), com muito bom resultado do ponto de vista da representação da avifauna campestre da porção mais septentrional de São Paulo. (1). Entre os pássaros da última localidade incluiamse vários exemplares de Coryphaspiza melanotis e Culicivora caudacuta, espécies bastante raras, a cuja procura foi ùltimamente (dezembro de 1943), sem nenhum resultado, o sr. José L. Lima. Contemporâneamente, ia o Museu se enriquecendo com a aquisição de material colecionado por alguns particulares, merecendo especial menção os numerosos ovos e couros de aves da região de Vargem Alegre (sul de Minas Gerais), comprados nessa época (1900) ao sr. JACINTO B. DE GODOY, farmacêutico residente naquela localidade.

Também o sr. A. Hempel, que depois de se ter afastado da repartição passou a trabalhar por conta própria como naturalistacolecionador, adquiriu o Museu em várias oportunidades algumas formas interessantes da avifauna do interior. Procedem tôdas do sudoeste do Estado de São Paulo (zona da Estrada de Ferro Soro-

⁽¹⁾ Cf. H. von Ihering, Rev. Mus Paul., V, p. 6 (1902).



C Sr. João Leonardo Lima (1874-1936), sucessor de E. Garbe no cargo de naturalista-viajante do Museu Paulista.



cabana), sendo uma meia dúzia de Vitória de Botucatu (coligidas em julho de 1900 e em agôsto e novembro de 1902) e outras tantas da Fazenda Caioá, situada perto de Salto Grande do Rio Paranapanema (diferentes mêses de 1903), zona ainda naquêle tempo quase inteiramente virgem, e de entre cujas raridades ornitológicas veio o marreco de bico serrilhado, *Mergus octosetaceus* (Vieillot), morto em 30 de maio de 1903.

Entre as viagens realizadas em 1901 e interessantes do ponto de vista ornitológico, está a breve excursão de Lima e Ehrhardt aos campos e matas da zona de Rincão (fevereiro), no oeste de São Paulo. Foi ela seguida a curto prazo de visita mais demorada (abril a maio) à localidade de Jacarèzinho (chamada naquele tempo Ourinho), situada no norte do Estado do Paraná e cercada de matas virgens.

A saida deHempel não tardaria a ser largamente compensada pelo concurso de um novo colaborador com que o Museu parece ter tido seu primeiro contacto ainda no comêço do ano de 1900, através do copioso material zoológico procedente de Piracicaba, e de que faziam parte 25 couros de aves. Em seu relatório, não conta o dr. Ihering (1) em que circunstâncias travara precisamente conhecimento com o sr. Ern'st Garbe; mas o fato é que, mais ou menos na época de que estamos tratando, o sr. Garbe, que morava naquela cidade e vinha até então se ocupando da captura de animais vivos para os jardins zoológicos da Europa, (2) seguia para a remota localidade de Bauru, talvez já sob o patrocínio do Museu Paulista, de quem se tornaria em breve importante fator de progresso e engrandecimento. Bauru era por aquele tempo a porta de entrada do dilatatíssimo sertão inexplorado do ocidente do Estado de São Paulo, zona de grandes matas ainda infestadas pelas hordas bravias dos índios coroados. Foram bastante animadores os resultados desta primeira experiência para que em comêco de 1902 (2 de janeiro), fôsse o sr. Garbe contratado naturalista-viajante do Museu Paulista, cargo cujo exercício assumiu por meio de procuração, visto achar-se ausente, no desempenho de uma grande expedição ao Rio Juruá, o grande afluente meridional do alto Rio Solimões (Estado do Amazonas).

⁽¹⁾ Cf. Rev. Mus. Paul., VI, p. 16 (1904).

⁽²⁾ Pelo necrológio de A. Taunay (Rev. Mus. Paul., XIV, 1926, p. 677), sabemos que Garbe, alemão de nascimento, trabalhava principalmente por conta de Karl Hagenbeck, proprietário do famoso Jardim Zoológico de Hamburgo.

Depois de pequena permanência no Rio de Janeiro, documentada no livro de registro ornitológico por alguns beija-flores colecionados em Petrópolis, deixou Garbe aquela capital no dia 12 de setembro de 1901, rumando para a cidade de Manaus (Amazonas), onde chegou a 15 de outubro. Daí, sem mais demora, seguiu diretamente para o alto Juruá, escolhendo como centro de operações a localidade de São Felipe, cujo nome foi posteriormente (1930) mudado para João Pessoa. Garbe permaneceu em São Felipe não além de mês e meio (de 7 de novembro de 1901 a 22 de janeiro de 1902); seguiu depois daí para os seringais de Dejedá e Mato-Piri, situados umas 10 léguas abaixo, na margem direita do rio, onde permaneceu até julho; passou-se depois para as terras mais altas intermediárias aos rios Juruá e Purús, chamadas zona do Centro, localizando-se nas margens do Rio Chiruã, que explorou durante os mêses de agôsto a outubro. (1).

Os resultados ornitológicos dessa expedição, cuja importância pode avaliar-se lembrando que, até então, dos afluentes meridionais do Amazonas brasileiro, só o Rio Madeira havia sido explorado daquele ponto de vista, consistiram, como nô-lo informa H. von Ihering no importante estudo que consagrou ao assunto, (1) em

pág. 5 (1902).

(1) H. von IHERING, Rev. Mus. Paul., VI, págs. 383-460 (1904).

⁽¹⁾ O snr. Walter Garbe, a quem recorri, depois de escritas as linhas acima, para esclarecer as circunstâncias em que seu falecido pai começou a prestar serviços ao Museu Paulista, baseando-se na sua memória dos fatos, dignou-se a fornecer-me os apontamentos que se seguem: "Em princípios de novembro de 1900 partimos de Piracicaba para Petrópolis. Aí o meu velho fez contrato com um sr. de nome Foetterle, para ir ao Estado do Amazonas a fim de colecionar borboletas. Com o Museu Paulista não havia, pelo que sei, compromisso algum, a não ser uma combinação breve com o sr. dr. H. von IHERING então Diretor do Museu, pela qual êste Instituto adquiriria tôdas as peças preparadas (aves, mamíferos etc.) que meu velho colecionasse nesta viagem. Seguimos então para Manaus, onde demoramos alguns dias à espera de embarcação e ultimando também os preparativos de nossa viagem a seguir. Chegamos à S. Felipe em meados de dezembro (1900), colecionando nas imediações e transpondo também o rio para caçar numa lagoa que ali existe, na margem direita. Em princípios de março de 1901, aproximadamente, descemos o Rio Juruá 4 dias de viagem, fazendo estação nos seringais de Djeddá e Mato-Piri, situados à margem direita do Rio Juruá e distantes um do outro uns 10 km., e de propriedade do Sr. Cap. Francisco Pio Machado, que, já em nossa ida para S. Felipe tinha nos convidado, para fazer, na volta, uma estação em suas propriedades. Escolhemos o seringal de Mato-Piri para a nossa base de operações, daí fazendo as nossas excursões aos diversos pontos, em terrenos alagadiços, lagoas e terras firmes. Nestas excursões atingimos também o Rio Chiruã, pequeno afluente da margem direita do Rio Juruá. Nesta zona magnífica para caçar, demoramos alguns mêses de 1902. Subimos também o Rio Chiruã, 4 dias de viagem, ficando uns 14 dias em casa de uns moradores, que ali viviam completamente isolados.

Assim, partindo do seringal de Mato-Piri, tivemos um raio de ação de uns 75 km., em zona de vegetação quase uniforme. Em 21 de dez. de 1902 regressamos a Manaus'. Do sr. J. G. FOETTERLE, citado acima por GARBE, veio o Museu Paulista a receber em 1899 ou 1900, "uma rica coleção de borboletas". Cf. Rev. Mus. Paulista, vol. V,

399 couros de aves, representativos de 184 espécies, algumas novas para a ciência e muitas até então nunca verificadas no Brasil. Das três espécies e quatro subespécies descritas por IHERING com base nesse material, cinco permanecem válidas. Garbe, que já em 1 de janeiro de 1903 se encontrava de volta em Manaus, interrompendo a viagem para o sul, fez uma pequena parada em Santarém (bôca do Tapajós) com o fito de coligir exemplares zoológicos, inclusive algumas aves. Embora se tenha demorado muito pouco no baixo Amazonas, porquanto já nos fins de fevereiro (dia 19) se achava de volta em São Paulo, cêrca de 70 exemplares foram ali conseguidos pelo diligente colecionador.

Pouco depois de ter voltado da viagem ao Juruá, recebeu Garbe a incumbência de explorar a região campestre do alto Rio Paranapanema, seguindo para Itararé, no limite meridional extremo do Estado de São Paulo, onde colecionou durante os mêses de abril a agôsto. Embora ocupando-se pouco de ornitologia, trouxe de aves 250 exemplares, muitos dos quais foram ulteriormente permutados ou cedidos a instituições européias, entre as quais o museu do conde Berlepsch, o sábio ornitologista com quem o dr. Ihering fizera anos atrás a sua estréia na especialidade, estudando a avifauna de Taquara do Mundo Novo (Rio Grande do Sul). (2).

No interêsse ainda de esclarecer vários "problemas relativos à fauna do Estado de São Paulo", (3) partiu o colecionador em fins de 1903 (setembro) para o interior, localizando-se em Avanhandava, na margem esquerda do baixo Tietê, de onde em menos de dois mêses se viu forçado a retirar-se por ter adoecido seriamente de paludismo. Mudou-se então Garbe para o pequeno povoado de São Jerônimo, distante 12 quilômetros, em zona de campo. Aí permaneceu igual período, regressando para São Paulo, ainda doente, nos últimos dias do ano.

1904-1906

Em março de 1904 punha-se Garbe a caminho para explorar as zonas de Bebedouro (março a maio) e Barretos (maio a junho de 1904) localidades situadas no extremo norte do Estado de São Pau-

⁽²⁾ Hans von Berlepsch & H. von Ihering, "Die Vögel der Ungebung von Taquara de Mundo Novo, Prov. Rio Grande do Sul'', em Zeitschrift f. die gesammte Ornithol., 1885, págs. 97-184.

(3) Cf. Rod. von Ihering, Relat., em Rev. Mus. Paul., VII, p. 8 (1907).

lo e não muito distantes do Rio Grande, que serve de limite com o Estado de Minas Gerais e foi também por êle visitado em ambas as margens. O ponto mais detidamente investigado nesta excursão foi Pôrto Cemitério (hoje Colômbia), que todavia não aparece indicado nos rótulos dos espécimes de Barretos. Fica à margem esquerda do Rio Grande, pouco abaixo da foz do Rio Pardo, até onde se estenderam as atividades dos excursionistas. Aí, ao contrário do que acontece na zona de Bebedouro e arredores de Barretos, onde não há senão campo, existiam também alguns trechos de mata, em ambos os lados do rio. Rumando depois para oeste, com passagem por São José do Rio Pardo, desceu GARBE o Rio Tietê, de Avanhandava a Itapura, junto à margem oriental do Rio Paraná, onde colecionou durante os mêses de julho a outubro. Fez o colecionador também desta vez uma curta estação (parte de outubro e novembro) em Pôrto Faia, na margem oposta do Rio Paraná (Estado de Mato Grosso), reunindo nestas duas últimas etapas cêrca de 300 espécimes ornitológicos. Entre êstes merece menção particular o da rarissima pombinha Oxypelia cyanopis (Pelzeln), que nenhum viajante depois de Natterer tinha conseguido encontrar. (1) Na volta, subindo o Tietê até Avanhandava, e tomando depois o rumo de Araraquara, fez em princípios de janeiro de 1905 pequena parada na vila de Matão, onde colheu algumas amostras da fauna alada da zona, por aquela época uma das mais densamente florestadas do interior de São Paulo.

Datam de 1904 (março) alguns exemplares de Catalão (Rio Paranaiba) adquiridos ao sr. Otto Dreher, os primeiros do Estado de Goiaz que entraram para as coleções do Museu e aproximadamente contemporâneos de outros tantos de Joinvile (Santa Catarina), comprados ao sr. Grossmann. Entre as acessões de 1904, devem ainda incluir-se as que trazem o nome do preparador, sr. João L. Lima, o qual fez entre julho e agôsto uma estação no Alto da Serra, obtendo pequena série (86 exemplares) para a série ornitológica.

Como na expedição ao Rio Juruá, em tôdas estas viagens era o sr. Ernst Garbe acompanhado pelo seu filho Walter, bom caçador e excelente fotógrafo, cuja colaboração, exercida através dos anos seguintes, foi daí por diante das mais preciosas para o enriquecimento das coleções do Museu Paulista.

⁽¹⁾ Cf. Pinto, Bol. Biol., Nova Sér., III, n.º 5, p. 7 (1937). Muitos anos dedecorreram ainda até que Walter Garbe tivesse a boa dita de colecioná-la de novo no sul de Goiaz (Rio Claro), exemplares únicos, em dois anos sucessivos. O & ad. caçado em fins de 1940 foi cedido ao Mus. of. Compar. Zool., enquanto que a ç obtida em outubro de 1941 faz parte das coleções do Departamento de Zoologia.

Tendo descansado das penosas viagens do ano anterior, já em começos de 1905 (março e abril) viajava o naturalista-viajante do Museu para Ubatuba, localidade litorânea do norte de São Paulo, até onde vêm ter as encostas abruptas da Serra do Cubatão, vestidas da mais extensa e opulenta mata primitiva. Embora relativamente breve, foi esta excursão de grande proveito para a coleção ornitológica, que se viu enriquecida de número avultado de espécies endêmicas, muitas das quais representadas apenas em bem poucos museus.

Obedecendo ao plano de explorar mais dilatadamente as matas da faixa oriental e ainda com o fito especial de observar os remanescentes dos índios Botucudos, (1) partiu Garbe em setembro do mesmo ano para o Estado do Espírito Santo, que continuava a ser, sob todos os pontos de vista, uma das regiões menos conhecidas do país. De passagem, demorou-se até fins de setembro em Angra dos Reis, pouco porém se ocupando com a avifauna local (27 exemplares), aliás muito semelhante à de toda a costa meridional do Estoda do Rio de Janeiro. Durante esta etapa foi feita uma curta visita à Ilha Grande, motivando, inexplicàvelmente, serem rotulados como dali os exemplares colhidos no continente. (1)

No Espírito Santo, o primeiro ponto explorado por Garbe foi Pôrto Cachoeiro (nome mudado depois para Santa Leopoldina), que fica pouco ao norte de Vitória, no sopé da serra e à margem do Rio Santa Maria; ai trabalhou durante os mêses de outubro e novembro, passando-se depois para Pau Gigante, localidade situada mais ao norte, e onde pouco se demorou. Nos primeiro dias de janeiro seguiu para Rio Doce, que explorou em sucessivas estações, infelizmente omitidas nos rótulos dos exemplares. Pelas informa-

⁽¹⁾ As observações de Garbe sôbre êste assunto especial constituem a matéria principal de um artigo publicado pelo Dr. H. von lhering no tomo VIII da Revista do Museu Paulista (ano 1911, págs. 38-51) sob o título "Os Botocudos do Rio Doce".

⁽¹⁾ Esta circunstância, cujo conhecimento devo ao sr. W. Garbe, faz com que na primeira parte do Catálogo das Aves do Brasil (Rev. Mus. Paulista, XX, 1937) de minha autoria, devam ser considerados de Angra dos Reis os espécimes registrados como de Ilha Grande. No breve relato de suas viagens que redigiu a meu pedido, assim se exprime textualmente sôbre o ponto W. Garbe: "De volta de Ubatuba regressamos à São Paulo, para com pouca demora voltarmos ao litoral, para Angra dos Reis (1905). Aí nos dedicamos especialmente a colecionar peixes. Uma bela manhã fizemos também uma excursão à Ilha Grande (em lancha motor); aí permanecemos um dia, porém não me lembro que tivéssemos caçado. À tarde voltamos para Angra dos Reis".

ções verbais de Walter Garbe, conclui-se porém que a maioria dos que entre os últimos trazem a indicação de Rio Doce foram obtidos, entre março e setembro de 1906, nas vizinhanças de Linhares e na Lagoa Juparanã, situada não longe da margem septentrional da mais baixa porção do grande caudal.

Enquanto viajava Garbe pelo Espírito Santo, continuava a avolumar-se a coleção das aves de São Paulo, às custas muitas vêzes da contribuição de caçadores residentes no interior. Entre êstes merece referência o nome do sr. Francisco Günther, que acompanhou a turma da Comissão Geográfica do Estado em sua exploração do Rio Feio, e obteve, durante os mêses de maio a outubro, uma certa quantidade de exemplares ornitológicos, na sua maioria das cercanias de Bauru e de um obscuro lugarejo chamado Cã-cã. Do mesmo Günther deram também entrada no Museu alguns exemplares da Ilha de São Sebastião, colecionados em diferentes oportunidades (dezembro de 1905, janeiro de 1906, novembro de 1907) outros poucos da Ilha da Vitória (setembro de 1907), que fica a leste da primeira e a grande distância da costa de São Paulo.

Em fins de 1905, aparece pela primeira vez no livro de registro de aves o nome do sr. Hermann Lüderwaldt, que pouco antes tinha ingressado no Museu Paulista, afirmando-se desde logo, por todos os títulos, como elemento prestantíssimo de seu futuro desenvolvimento, já como colecionador incansável, já como estudioso competente e probo da Natureza indígena. (1) Encarregado de estudar a avifauna de Serra da Mantiqueira, colecionou Lüderwaldt durante os mêses de dezembro de 1905 a fevereiro do ano seguinte nos arredores de Campos do Jordão (norte de São Paulo), seguindo depois para os campos do Itatiaia (mêses de abril a maio), que provou ser das regiões mais interessantes do ponto de vista que nos ocupa.

1907-1908

A época de que vimos tratando é uma das que mais se assinalam na história dos progressos experimentados pela coleção orni-

⁽¹⁾ A carreira de H. LÜDERWALDT, que teria entrado para o Museu Paulista como simples jardineiro e veio a falecer em 1934 no pôsto de assistente, é edificante exemplo do quanto pode a fôrça de vontade posta ao serviço de uma grande vocação. Sôbre a sua vida e sua obra leia-se a notícia biográfica publicada por Afonso d'E. Taunay no vol. XXI (1937) da Rev. do Museu Paulista (págs. 33 a 47). V. também uma passagem do Relatório de H. von Ihering em Rev. Mus. Paul., vol. VII (1907), pág. 10.

Arquivos de Zoologia, Vol. IV Publ. do Dep. de Zool: da Secr. da Agric. (S. Paulo, Brasil) Olivério Pinto — Cinquenta Anos de Investigação Ornitológica



Aspecto da vegetação na margem ocidental ou matogrossense do Rio Paraná, próximo do Paredão. À direita domina a paisagem gigantesco jequitibá. (Foto Oliv. Pinto, dezembro de 1939).



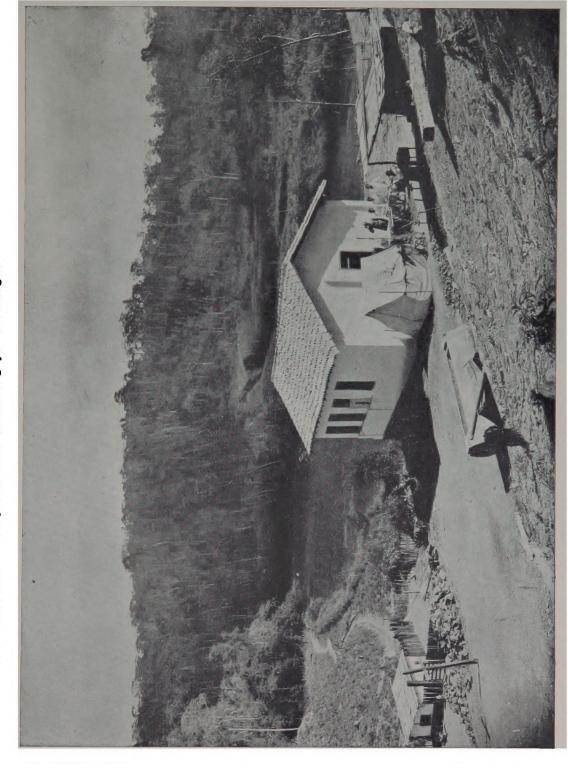
Barranca îngreme da margem matogrossense do Rio Paraná, conhecida localmente pelo nome de Paredão. Vêem-se distintamente os inúmeros buracos cavados pelas araras vermelhas. (Foto Oliv. Pinto, dezembro de 1939).

gem direita do grande Rio São Francisco. Em Joazeiro, região estritamente campestre, onde já estiveram antes Spix (1817) e Reiser (1903), passou Garbe os mêses de novembro e dezembro de 1907, durante os quais colheu ótimos resultados, tanto em material, como em observações interessantes. Entre estas, merecem relevo as referentes à nidificação e aos ovos de numerosos caprimúlgidas, representados na zona por variedade surpreendente de espécies, algumas bastante raras, como Nyctipolus hirundinaceus (Spix) e Nannochordeiles pusillus (Gould). (2)

Ao cabo de dois mêses partiu GARBE rio acima, até Cidade da Barra, situada na margem esquerda do Rio São Francisco, junto à foz do Rio Grande, numa região em que o meio físico pouco difere do das caatingas pròpriamente ditas. Quanto à fauna alada destas últimas, o nosso colecionador iria dentre em breve explorála demoradamente, descendo o rio em viagem de retôrno e fixando-se ao sul de Joazeiro, na localidade de Vila Nova, que chamada nos primeiros tempos Vila Nova da Rainha, passou depois a denominar-se Bonfim. Os espécimes de Cidade da Barra datam todos de janeiro e fevereiro, mêses que assinalam o fastígio do verão e a época das grandes sêcas. Não obstante, trazem ainda a data de fevereiro os primeiros espécimes de Vila Nova, o que alonga a permanência de Garbe neste lugar, ao que parece já ràpidamente visitado em dezembro, durante a sua estada em Joazeiro. O colecionador demorou-se em Vila Nova cêrca de seis mêses (fevereiro a julho), partindo depois para a capital da Bahia, onde não se deteve, seguindo ato contínuo para Caravelas, cidade marítima do sul do referido Estado. Após ter permanecido o mês de agôsto no lugar em questão, dirigiu-se para o interior, utilizando a estrada de ferro que dali parte para a cidade mineira de Teófilo Otoni. onde fez estação, tendo de passagem colecionado alguns poucos exemplares em Mucuri, que trazem data de setembro. Em tôda a região abundava a grande mata virgem, já então objeto da imoderada exploração que ameça extinguí-la de todo em próximo futuro. Após haver-se demorado em Teófilo Otoni os mêses de outubro e novembro, levantou Garbe acampamento em começos de

⁽²⁾ Sôbre estas e outras consulte-se o trabalho de H. von Ihering, na Rev. Mus. Paul., vol. IX, pág. 420 e segs. (1914). Como foi demonstrado por Hellmayr (Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Serv., XII, pág. 400) à primeira das duas espécies citadas pertencem os exemplares que Ihering determinou como Stenopsis longirostris (Bonap.).

Акритов ве Zoologia, Vol. IV - Publ. do Dep. de Zool. da Secr. da Agric. (S. Paulo, Brasil) Olivério Pinto — Cinqüenta Anos de Investigação Ornitológica



Parque Florestal do Rio Doce, no Estado de Mínas Gerais: sede dos trabalhos da Expedição do Departamento de Zoologia. (Foto Garbe, agôsto de 1940).

dezembro, interrompendo a viagem de regresso na estação de Mayrink, em cujas imediações no curso do mencionado mês obteve vários espécimes interessantes.

1909-1910

Os anos com que neste momento nos vimos entretendo foram uma fase de atividade incansável do naturalista-viajante do Museu, o qual, sòzinho e com êxito invariável, arcava com a pesada tarefa de atender às necessidades de representação de todos os grupos de animais, feita exceção apenas dos de tamanho microscópico, achando ainda tempo para depois ocupar-se, no laboratório, com o preparo e conservação do material que trazia. meados de 1909, foi-lhe proposta a exploração do Rio Paraiba, pelo que, de acôrdo com os poucos dados que se possuem (1), em agôsto seguiu para São Luiz do Paraitinga e dai para as nascentes do rio, perto dos Campos Novos de Cunha, muito pouco se ocupando de ornitologia, como é também o caso das breves estações que subsequentemente fez em Cachoeira (perto de Cruzeiro), Barra do Pirai e Entre Rios. Passando-se porém em setembro para Nova Friburgo, explorou as redondezas dêste lugar durante perto de três mêses (os exemplares trazem as datas de setembro, outubro e novembro), fazendo coleta regular das formas peculiares à avifauna silvestre daquele trecho da grande cordilheira conhecida com o nome de Serra do Mar.

Em princípios de 1910, entre os mêses de março e julho, fez Garbe uma nova excursão ao oeste de São Paulo, visitando sucessivamente Bauru, Avanhandava e Itapura. Desta feita só se ocupou em trabalhos estranhos à ornitologia; no segundo semestre, porém, deixou São Paulo com destino à região este-septentrional do Estado, circunjacente à cidade de Franca, nome que figura, sem mais indicações, nos rótulos das aves por êle coligidas nos mêses compreendidos entre agôsto de 1910 e maio de 1911, o mesmo acontecendo com o seu respectivo registro no livro de acessões. Sabe-se, entretanto, que o naturalista-colecionador pouco se deteve na referida localidade, partindo a breve prazo em visita a outros pontos de que só temos notícia através das informações de von

⁽¹⁾ Cf. o já citado relatório de H. e R. von Ihering, na Rev. Mus. Paul., VIII, pág. 13.

IHERING, que acho por isso útil transcrever. "Em 23 de agôsto, diz o então Diretor do Museu Paulista (2), partiu em nova excursão, cabendo-lhe a tarefa de explorar a região de Franca, e foi nos arredores desta cidade que êle se demorou até meados de setembro; seguiu então para Patrocínio do Sapucai, onde permaneceu até fins de outubro, quando seguiu para Jaguaré em Minas; os mêses de novembro e dezembro foram consagrados a cacadas em diversas fazendas na Borda da Mata, bem como os primeiros mêses do ano de 1911. Em março viajou por Ituverava, passando-se dai para Sete Lagoas, onde ficou até fins de maio, para caçar depois na mata virgem do Rio Grande." E' de supôr que GARBE, ao preparar os seus exemplares, houvesse desta vez se limitado a assinalar apenas a data de coleta, considerando que a respectiva localidade seria registrada mais tarde, com base no itinerário percorrido. Só assim parece possível explicar-se tenham todos a indicação de Franca, que seria de tôda conveniência poder retificar, para a correta apreciação dos assuntos zoogeográficos em que aquêles possam eventualmente achar-se envolvidos. Infelizmente, não existem quaisquer dados sôbre a época e o tempo de permanência do naturalista-viajante em cada uma das localidades por onde passou antes de estacionar em ltuverava, lugar em que, a julgar pelos exemplares ornitológicos trazidos, deve ter começado a colecionar em abril de 1905. Ituverava era um pequeno burgo situado na grande região campestre da parte mais oriental do extremo norte do Estado de São Paulo. Não obstante ser êle a procedência inscrita no rótulo de tôdas as aves coligidas por GARBE nos mêses de abril a agôsto, o colecionador muito pouco se deve ter detido no distrito que verdadeiramente lhe pertence, seguindo logo para as proximidades do Rio Grande, de cujas matas parece provir a maioria dos espécimes.

1911-1913

Enquanto trabalhava Garbe em zona distante, continuava o Museu a receber a apreciável contribuição dos que se dedicavam a explorar as zonas mais próximas da Capital, incluindo-se neste contingente as aves de Piassaguera (na costa, dentro da baía de Santos), as colecionadas no Alto da Serra por João de Lima (abril

⁽²⁾ Cf. Rev. Mus. Paul., vol. IX, pág. 12 (1914).

Arguivos de Zoologia, Vol. IV - Publ. do Dep. de Zool. da Secr. da Agric. (S Paulo, Brasil) Olivério Pinto — Cinqüenta Anos de Investigação Ornitológica



Lagoa em terrenos do Parque Florestal de Rio Doce no Estado de Minas Gerais. (Foto Garbe, agôsto de 1940).



de 1911) e as obtidas pelo mesmo auxiliar em cada visita que fazia ao seu pequeno sítio de Itatiba. Ainda nos fins de 1911, depois de curta demora em São Paulo, foi Garbe incumbido de fazer coleções ictiológicas no baixo Paraiba, ocasião que aproveitou para trazer algumas aves do litoral do Rio de Janeiro, umas de Atafona (novembro), na ponta meridional extrema da foz do Rio Paraiba, e outras de São João da Barra (dezembro), também na margem direita do mesmo rio, junto à embocadura.

O ano de 1912 acha-se assinalado pela importante expedição ao curso médio do grande Rio São Francisco (Estado de Minas-Gerais) que, como vimos, já tinha sido por êle explorado anteriormente, na parte baixa. Tendo deixado São Paulo em começos de abril, já antes de maio se achava em Pirapora, pequena cidade situada à margem direita do mencionado rio e pouco acima da foz do Rio das Velhas, no ponto terminal da estrada de ferro que sai de Belo Horizonte. De passagem, sabemos ter feito também uma nova e rápida visita a Santa Leopoldina, no Estado do Espírito Santo, sem algum alcance todavia para a coleção ornitológica. Fazendo centro em Pirapora, que é onde começa o trecho francamente navegável do Rio São Francisco, estendeu Garbe suas excursões por tôda a região, (1), seguindo depois águas abaixo até Cidade da Barra, cuja avifauna explorou pela segunda vez. Não se tem nenhuma noticia a respeito dos pontos precisos em que teria colecionado na região de Pirapora; mas que ai bastante se demorou, provam-no as datas inscritas nos rótulos dos espécimes. Com indicação dessa procedência existem aves caçadas em todos os mêses compreendidos entre abril de 1912 e agôsto de 1913 inclusive, exceção feita porém do semestre de novembro a abril, período que abrange tôda a estação quente, ou seja a das grandes chuvas, e foi provàvelmente aproveitado na investigação de outros grupos zoológicos. Quanto às aves colecionadas desta vez na Cidade da Barra, em número de sessenta e poucas, trazem elas as datas de setembro, outubro e novembro. Em dezembro seguinte e janeiro de 1914, o naturalista-colecionador iá se achava de passagem em Joazeiro, em viagem de regresso, como nô-lo demonstram uma 9 de Nyctipolus hirundinaceus e os vários ninhos estudados por H. von Ihering (1).

⁽¹⁾ Cf. R. von Ihering, Relat em Rev. Mus. Paul., IX, p. 12 (1914).

⁽¹⁾ H. von Ihering, Rev. Mus. Paul, IX, págs. 426 e 443.

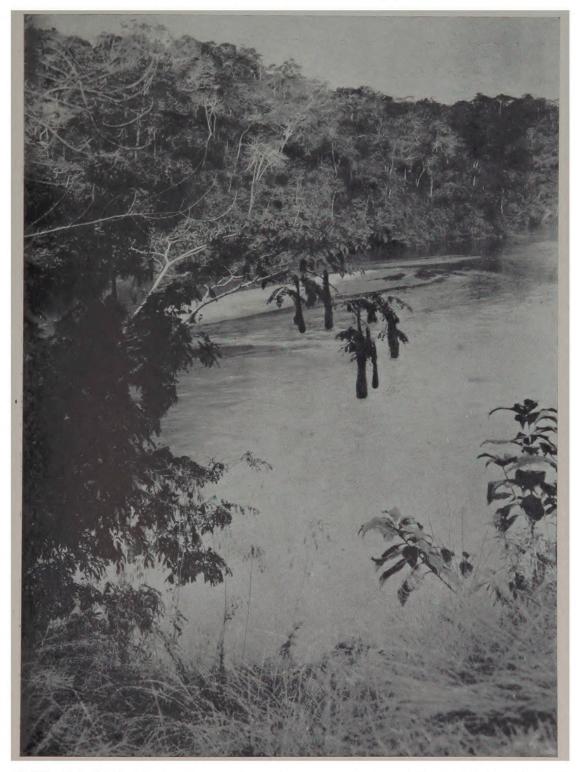
1914-1916

Afora um pequeno lote complementar de aves de Miritiba (norte do Maranhão) adquirido ao SR. SCHWANDA FILHO, no comêço de 1914 entraram para o Museu uma pequena série colecionada em Albuquerque Lins (ao oeste de Bauru) durante o mês de maio por João L. Lima e uns poucos exemplares obtidos em Piassaguera (mês de abril) por Garbe. Em maio, foi êste colecionador enviado pela segunda vez à região de Castro, no norte do Paraná, afim de completar as coleções feitas por êle próprio, sete anos antes. Demorando-se ali apenas um mês e meio (maio e junho), em que ativamente trabalhou, seguiu depois para o extremo sul do país. Pelo que informa o DR. IHERING, teria GARBE, em trânsito, caçado durante algum tempo em Santa Maria da Bôca do Monte (2), na parte central do Estado do Rio Grande do Sul, dirigindo-se logo em seguida para o Rio Uruguai cuja avifauna explorou com grande êxito, fazendo pela primeira vez representadas nas coleções do Museu Paulista muitas formas peculiares à região do Rio da Prata. A princípio, durante o mês de julho, localizou-se em Uruguaiana; aí, todavia, pouco se deteve, passando-se a breve prazo para Itaqui, localidade mais septentrional, à beira também do Rio Uruguai, em que já se achava nos últimos dias de julho e onde ainda se encontrava em janeiro de 1915, como o testemunham alguns exemplares (v. g., um 8 juv. de Hypomorphnus urubitinga, N.º 9.086). Voltando pelo mesmo caminho, conclui-se ainda pelas peças que trouxe dessa viagem ter feito Garbe durante fevereiro e março uma estação na pequena colônia de Nova Wurttemberg, situada nas vizinhanças de Cruz Alta e pouco ao norte de Santa Maria da Bôca do Monte. Nenhum informe ministrou o colecionador quanto ao aspecto físico dêste lugar; mas, a julgar pelas amostras avifaunísticas trazidas, devia abundar em boas matas.

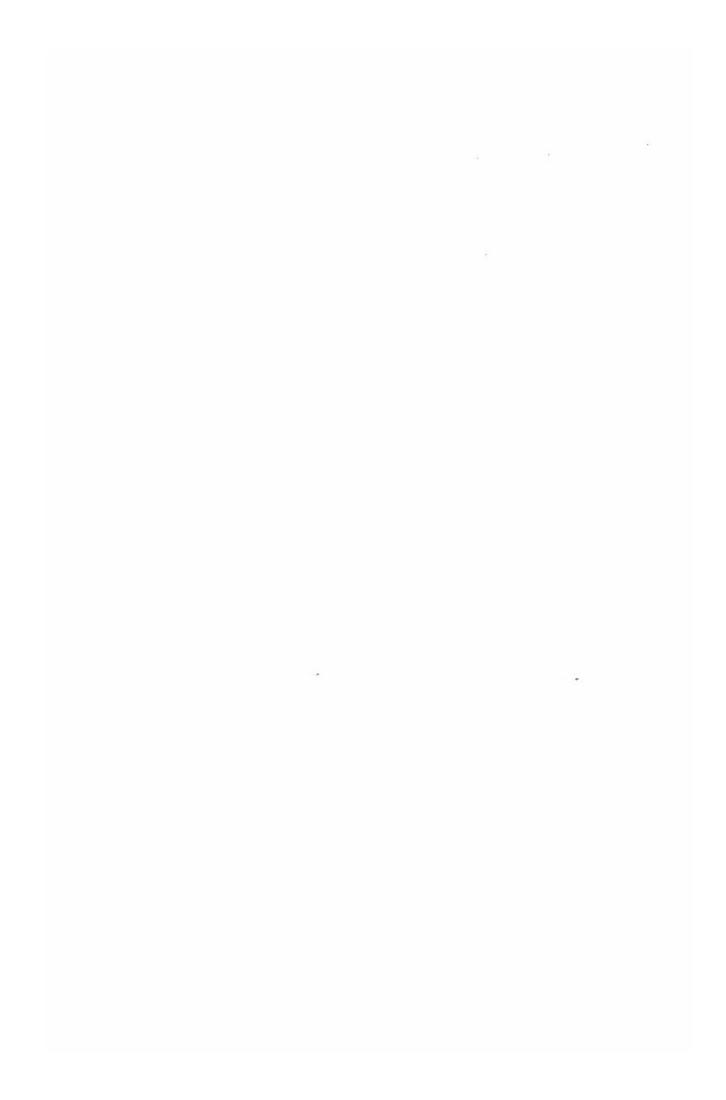
À série representativa da avifauna de Itatiba acrescentaram-se novas unidades, trazidas por João Lima em março de 1915, o mesmo acontecendo com a Ilha de São Sebastião, visitada por Garbe em dezembro do mesmo ano.

⁽²⁾ Cf. Relat. do ano de 1914 em Rev. Mus. Paul., X, pág. 10 (1918). Não consta que tenha aí colecionado uma só ave. E' possível, porém, que tendo havido confusão por parte do relator quanto à ordem cronológica das localidades visitadas, queira êle fazer referência a Nova Wurttemberg, que fica na mesma zona e não é mencionada no relatório, aliás já muito impreciso no tocante ao itinerário seguido pelo viajante. A hipótese parece tanto mais provável quanto por demais exíguo é o intervalo de tempo que medeia entre a saída de Castro (junho) e a chegada em Uruguaiana (julho).

Arquivos de Zoologia, Vol. IV - Publ. do Dep. de Zool. da Secr. da Agric. (S. Paulo, Brasil) Olivério Pinto — Cinquenta Anos de Investigação Ornitológica



O Rio Piracicaba, não longe de sua confluência com o Rio Doce (Estado de Minas Gerais), vendo-se ninhos de guaxes (Cacicus haemorrhous affinis Swains.) pendentes dos galhos de uma árvore marginal. (Foto Garbe, agôsto de 1940).



Em consequência da séria crise que se instalou logo nos primeiros dias de 1916 com o afastamento do DR. H. von Ihering do cargo de diretor, muito pouco progresso puderam êsse ano experimentar as coleções zoológicas do Museu (1). Especialmente no que diz respeito à parte ornitológica, tais sucessos tiveram efeitos desastrosos, apontando-se entre as inovações infelizes dêles decorrentes a suspensão temporária, por ordem superior, do sistema individual de tombamento e numeração dos exemplares, os quais, quando de uma mesma espécie e procedência, passaram a ser inventariados coletivamente, sob o número com que a espécie ou raça aparecem no Catálogo publicado por IHERING & IHERING em 1907. Muito difícil se torna, por isso, tracar nesse tumultuoso período o histórico da vida científica da instituição, que em dado momento chegou a ficar quase inteiramente interrompida (2). Não obstante, de uma viagem a vila Olímpia, realizada em dezembro de 1916, com o fim principal de trazer restos fósseis descobertos por ocasião da abertura de um poço, trouxe GARBE algumas aves preparadas, poucas em número, mas ainda assim dignas de serem referidas nesta resenha (1).

1917-1919

Em começos de 1917 (22 de fevereiro), com a nomeação de Afonso d'Escragnole Taunay para o cargo de Diretor, inaugura-se para o Museu Paulista uma nova fase, em que o culto do passado nacional e a conservação dos objetos históricos assumiu papel preponderante. Seria entretanto injustiça dizer-se que a nova administração tenha relegado ao abandono a parte de História Natural,

⁽¹⁾ A exoneração do dr. H. von Ihering deu-se em começos de agôsto, suceden-do-o o dr. Armando Prado; mas desde maio a diretoria vinha sendo exercida interinamente pelo sr. Rodolfo von Ihering, custos da repartição. Cf. Relat. do Dir. em Com., na Rev. Mus. Paul., X, pág. 19 e segs. (1918).

⁽²⁾ Convém acentuar que, por falta de pessoal idôneo, houve sempre muita imperfeição no assentamento dos dados referentes à cada exemplar registrado, principalmente no que respeita às datas. As consequências dêste descuido se agravam enormemente quando, como felizmente muito raro acentece, houve substituição dos rótulos do colecionador por outros, feitos no laboratório.

⁽¹⁾ Desta excursão temos, redigido pelo próprio viajante um curto relatório, inserto no tomo X da Rev. do Mus. Paul. (págs. 26-28).

cujos constantes progressos haviam garantido ao instituto lisongeiro conceito no círculo de seus similares de dentro e de fora do país. De qualquer forma porém, o afastamento, quase simultâneo, dos dois IHERINGS, veio desfalcar de modo incalculável o quadro da secção zoológica, que passou a viver penosamente, à custa de minguado número de funcionários, nem sempre suficientemente dotados de preparo técnico. Só a permanência de GARBE, de LÜDER-WALDT, de SPITZ e de LIMA evitou que neste período crítico desmedrasse completamente a parte por assim dizer agressiva da vida científica da repartição zoológica, que até essa data, como se vê, dir-se-ia privilégio quase exclusivo dos compatrícios de seu primeiro dirigente. Apenas se sentiu ambientado em suas funções, apressou-se o dr. Afonso Taunay em investir o naturalista-viajante de importante missão no oeste de Mato Grosso, Estado cuja fauna não havia sido até então explorada por emissários do Museu. Como êle perfunctoriamente nô-lo conta em seu relatório anual (2), e os dados do colecionador completam, Garbe partiu para Mato Grosso em agôsto de 1917, seguindo diretamente para Corumbá, na margem esquerda do Rio Paraguai. Todavia, só em setembro seguinte parece ter-se iniciado a coleta de aves, que continuou durante todo o mês de outubro e uma parte de novembro, época em que começam as chuvas. Deixando Corumbá, subiu Garbe até São Luiz de Cáceres, localidade do alto Paraguai que ainda nos começos do século passado, quando Natterer fizera nela as suas coleções, era chamada Vila Maria. Foi breve a permanência do colecionador em Cáceres, abrangendo uma parte de novembro e o mês de dezembro seguinte, em plena estação das águas. Esta dupla excursão, conquanto muito proveitosa para a zoologia em geral, rendeu apenas 241 exemplares ornitológicos, entre os quais, além de muitas desiderata, o tipo de uma nova raça de pica-pau, descrita por J. L. LIMA com o nome de Picumnus lepidotus corumbanus. (1).

Nada consta com referência a viagens no ano de 1918. Mas, no decorrer de 1919, duas grandes excursões de coleta foram realizadas; a do naturalista-viajante do Museu às matas do sul do Estado

⁽²⁾ Relat. referente ao ano de 1917, apresentado ao Govêrno pelo dr. A. D'E. TAU-NAY e publicado no volume X da Rev. Mus. Paul., pág. 975 e segs. (1918).

⁽¹⁾ Cf. Rev. Mus. Paul., XII, 2.º parte, pág. 93 (1920).

da Bahia e a do sr. José Pinto da Fonseca aos formadores do Rio Doce, no centro-leste de Minas Gerais. Da primeira, por feliz casualidade, temos um pitoresco e pormenorizado relatório redigido pelo próprio sr. E. Garbe e publicado na integra no tomo XII da Revista do Museu Paulista (2). Tendo saido de São Paulo nos últimos dias de março, já em começos de abril se achava o naturalista-colecionador trabalhando no pequeno povoado de Pontal, situado na costa bahiana, fronteirico à Cidade de Ilhéus. Como o lugar se mostrasse muito pouco propício até mesmo para a coleta de peixes, passou-se logo o colecionador para a fazenda de nome Pitoresca, situada três horas de canôa acima da foz do Rio do Engenho, que é um confluente meridional do último trecho do Rio Cachoeira, chamado também dos Ilhéus. Bem pouco frutuosos se mostraram ainda nesta segunda sede os resultados da excursão, em grande parte devido às chuvas pesadas e ininterruptas que caem durante o outono e o inverno de tôda a faixa litorânea do Brasil este-septentrional. "O resultado dos nossos trabalhos, diz Garbe, era no entanto mínimo, depois de termos feito um caminho de cinco a seis horas batendo morros e montanhas, às vêzes molhados até os ossos". Os exemplares ornitológicos rotulados como de Ilhéus datam de abril e maio, devendo provir, em quase sua totalidade, da mencionada fazenda, onde o excursionista demorou-se, segundo êle próprio nô-lo informa, um mês inteiro. Depois daí, obteve Garbe facilidades para investigar a região de Itabuna, onde ainda existiam grandes restos da opulenta mata primitiva, alternando com as plantações de cacau, já bastante extensas naquela época. Conta nosso colecionador o que foram as dificuldades de acesso à Fazenda Ditosa, situada do lado oposto (margem direita) do rio, a alguma distância de suas margens. Verificando "não haver caça nos arredores da fazenda", foi êle imediatamente compelido a deixá-la, para instalar acampamento "em plena floresta, na mata virgem em tôda a sua pujança", tudo isso debaixo dos mil embaraços ligados à topografia da região e principalmente ao tempo constantemente mau, pois "entrou a chover a cântaros, às vêzes sem descontinuar dias inteiros", acarretando fortuna sempre contrária às batidas dos caçadores. "Passarinhos, raros obtivemos, diz desalentado o excursionista, aves de porte, nenhuma". Ao cabo de três semanas (fins de junho a meados de julho) de permanência quase inútil nesse retiro inhóspito, retornou GARBE à Fazenda Ditosa, onde, aproveitando

⁽²⁾ V. Rev. Mus. Paul., XII, 2. parte, págs. 469-478.

a estiada, foi-lhe permitido realizar "dilatadas excursões pelo mato" e obter "boa quantidade de aves, mamíferos, cobras e insetos". Teve, porém, de deixar a breve prazo esta cômoda e propícia estação na Fazenda Ditosa para regressar a Ilhéus, à espera do vapor que o conduzisse a Belmonte, situada mais ao sul, na margem direita da foz do Rio Jeguitinhonha. Agui nosso naturalista-viajante escolheu para sede de seus trabalhos a Fazenda São Diogo, situada rio acima, cêrca de cinco horas de canôa. Todos os exemplares de Belmonte datam de agôsto de 1919, já no fim da estação chuvosa, devendo ser referidos também a essa época os que na primeira parte do "Catálogo das Aves do Brasil" (1), por motivo das imperfeições do livro de registro, foram atribuidos a junho ou julho. No tomo XII (2.ª parte, pág. 96 e segs.) da Rev. do Museu Paulista, deu o sr. João L. Lima a lista das aves colecionadas por Garbe nessa excursão à Bahia, sem todavia especificar o lugar preciso em que foi colecionado cada espécime. Duas raças então apresentadas como novas por Lima, com base nesse material, provaram, a meu vêr, corresponder a formas anteriormente descritas (1).

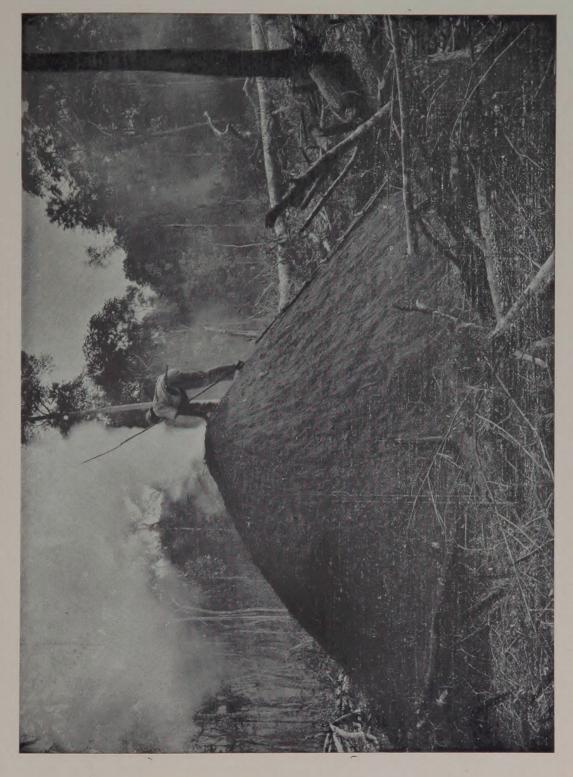
Já antes de sua excursão ao alto Rio Doce havia Pinto da Fonseca prestado o seu concurso ao Museu Paulista, enviando-lhe espécimes zoológicos, sobretudo aves, colecionadas em maio e setembro de 1918, nos arredores da cidade de Mariana, onde tinha residência. Pelo que sôbre a referida viagem nos informa o resumido relatório dela publicado, (2), sabemos que Pinto da Fonseca, caçador contratado, partiu de Mariana no mês de junho, seguindo, com escala por Ponte Nova, para o Rio Matipoó, afluente da margem direita do Rio Doce, na zona das grandes matas virgens que de leste de Minas Gerais se estendem até o Estado do Espírito Santo. A viagem, como nô-lo diz a notícia há pouco mencionada, prolongou-se por todo o segundo semestre de 1919; mas, abstraidos uns poucos exemplares colecionados durante o mês de julho no Rio Sacramento, todos trazem como procedência o Rio Matipoó, e acusam apenas os mêses de junho, julho, agôsto e setembro.

⁽¹⁾ OLIVÉRIO PINTO, "Catálogo das Aves do Brasil", parte I, em Rev. do Mus. Paulista, tomo XII, págs. I — XVIII + 1 — 566 (1938).

⁽¹⁾ Xiphocolaptes albicollis belmontensis Lima, 1920, corresponde a X. a. bahiae Cory, 1919 (Auk. XXXVI, pág. 540), ao passo que Campylorhamphus trochilirostris intermedius Lima, como verificou Hellmayr, é inseparável da forma típica de C. trochilirostris (Licht.).

⁽²⁾ V. Rev. Mus. Paul., vol. XII, 2.4 parte, pág. 479 (1920).

ARQUIVOS DE ZOOLOGIA, Vol. IV - Publ. do Dep. de Zool. da Secr. da Agric. (S. Paulo, Brasil) OLIVÉRIO PINTO — Cinqüenta Anos de Investigação Ornitológica



Fabrico intensivo de carvão vegetal na Fazenda Boa Esperança, perto de São José da Lagoa. (Foto Garbe, agôsto de 1940).

1920-1921

Incumbido de explorar ainda uma vez a fauna do baixo Amazonas, para lá seguiu Garbe em abril de 1920, dirigindo-se logo para a cidade de Santarém, onde já estivera havia perto de vinte anos. Desta expedição deixou-nos o naturalista-colecionador relato bastante minucioso (3), que além dos informes interessantes sôbre o aspecto físico e as condições climáticas das localidades visitadas, dá-nos elementos para retraçar com satisfatória exatidão o itinerário percorrido. As vizinhanças da cidade, informa Garbe, são campo estéril para o colecionador; só depois de uma hora de marcha através da planície arenosa começa a mata, que aliás se mostrou muito pobre. À vista disso, após mais ou menos um mês de permanência em Santarém (parte de maio e junho), Garbe atravessou o Rio Amazonas, cuja margem esquerda desceu em curto trecho, navegando de canôa, através de furos por vêzes quase inteiramente fechados pela vegetação, até as bordas da Lagoa Grande. Aí, a despeito do tempo, quase sempre chuvoso, as matas se mostraram muito mais propícias às suas atividades de viajante-naturalista. Um mês inteiro, entre julho e agôsto, permaneceu êle nesse ponto da margem septentrional do baixo Amazonas, a que também pertencem os exemplares de Ilha Grande e Monte Alegre, obtidos todos no correr do mês de julho. Regressando a Santarém, em meados de agôsto, aí se deteve ainda GARBE durante quase duas quinzenas (até começos de setembro), que foram bem aproveitadas em trabalhos de coleta na Fazenda Marucú, situada no sopé da serra e distante da cidade quatro horas de viagem em estrada carroçável. A 12 de setembro, deixando Santarém, mudou-se o excursionista para a Fazenda Taperinha, de propriedade do DR. HAGMANN, nome bastante conhecido nos círculos zoológicos, através de trabalhos vindos a lume nas publicações do Museu Goeldi, de que era funcionário. Taperinha fica situada próximo à margem direita do Amazonas, uns 60 quilômetros abaixo de Santarém, onde uma série de colinas serve de anteparo à vasta planície, coberta então de serrada mataria. Todos os dias, quando o permitia o tempo, subiam os colecionadores a pequena serra, "errando sòzinhos pelos matos", com resultados porém pouco compensadores, "apezar da vastidão da mata". Acossados porém pelas febres palustres, GARBE e seus com-

⁽³⁾ V. Rev. Mus Paul., vol. XIV, (Anexos), págs. 711-720 (1928).

panheiros não se detiveram muito tempo em Taperinha, porquanto, após uma visita pouco demorada a Belém do Pará (outubro?), já em novembro se achava o infatigável naturalista-viajante em trabalho na cidade de Óbidos, situada na margem septentrional do baixo Amazonas, acima de Santarém. Dois mêses (novembro e dezembro) foram gastos em diversas excursões pelo interior do distrito de Óbidos, empreendidas com fito de "obter espécies de animais mais raros, que perto das habitações quase não existem". Confirmou-se então, aos olhos do viajante, o juizo, já externado por outros, de "que Óbidos é um bom lugar para colecionadores".

De óbidos partiu novamente GARBE para Santarém, decidido desta vez a explorar pròpriamente o Rio Tapajós. Depois de uns onze dias (janeiro de 1921) na última cidade, aliás não de todo innúteis para a coleta de aves, subiu êle o mencionado rio, localizando-se em Itaituba (margem esquerda), uma vez verificada a impossibilidade de permanecer em Bela Vista, perto das primeiras cachoeiras, como tinha sido seu desejo. Depois de uma demora de 16 dias (fins de janeiro e começos de fevereiro) em Itaituba, uma vez que o "mato não era muito rico em animais" e não lhe era possível "empreender excursões de canôa mais longas", passou-se a colecionar para a Fazenda Monte Cristo, situada um pouco mais abaixo e, ao que parece na mesma margem do rio. Os 16 dias (até-10 de março) de parada em Monte Cristo, utilizados em trabalhos outros, foram de muito pouco proveito para a coleção ornitológica, certamente porque coincidiram com estação absolutamente impròpria, em que "tôdas as terras baixas estavam inundadas e o rio subiu pavorosamente".

Em meados de março, após alguns dias de demora em Santarém, deixou Garbe o Rio Tapajós, para subir o Amazonas até a cidade de Parintins, que a literatura ornitológica estrangeira ainda teima em chamar pelo nome obsoleto de Vila Bela Imperatriz. Parintins fica mais pròpriamente situada numa grande ilha da margem direita do Amazonas e quase junto à embocadura do Paraná do Ramos, grande furo que, como se sabe, dirige-se para oeste, estabelecendo comunicação entre o baixo Madeira e o grande rio de que êste é tributário. Cercado de todos os lados por canais, seus "arredores" são principalmente campos entrecortados de matas", que se mostraram impróprios às caçadas. Na volta porém, subindo o aludido furo até as proximidades de Maués, demorou-se Garbe cêrca de vinte dias (4 a 26 de abril) na Lagoa José-Açu do Ramos, aí conseguindo "melhor quantidade de aves e macacos". Desta es-

tação provêm quase tôdas as aves que trazem Parintins como procedência. Em seguida, surpreendido por imprevisto contratempo, viu-se o viajante forçado pelas circunstâncias a permanecer na referida cidade cêrca de dois mêses (maio e junho), que ainda aproveitou como poude, acrescentando à sua coleção alguns novos espécimes.

Depois de Parintins, não consta tenha Garbe feito nenhuma outra estação, embora só em setembro estivesse de volta em São Paulo, como nô-lo diz o relatório dos trabalhos do Museu no ano de 1921 (1). Também, esta viagem ao baixo Amazonas estava fadada a ser última na carreira do naturalista-viajante, pois que a ela sobreviveria apenas poucos anos, falecendo no correr do ano de 1925, quase septuagenário e completamente sem fôrças para tão penosas lides (2).

Durante a ausência de GARBE, em outubro de 1920, a fauna insular do litoral de São Paulo foi estudada pelos srs. H. Lüderwaldt e Pinto da Fonseca, através de uma excursão à Ilha dos Alcatrazes, que é antes um ilhéu rochoso situado a uns cincoenta quilômetros da Ilha de São Sebastião, a terra mais próxima. A despeito da exiguidade da ilhota, cuja área excede de pouco a um quilômetro quadrado (3), e da pobreza da vegetação, ricunscrita às pequenas manchas de terra vegetal acumulada entre os penhascos, puderam os dois naturalistas verificar a ocorrência de 39 espécies de aves, entre as quais muitos elementos próprios à fauna do continente. A parte mais importante dos resultados desta excursão, que durou quase um mês (6 de outubro a 3 de novembro), consiste em observações sôbre a biologia das aves marinhas que frequentam a Ilha e especialmente das duas espécies que nela ocorrem em maior abundância, a saber, o "joão-grande" (Fregata magnificens rothschildi), chamado também, impròpriamente, "alcatraz", e o "atobá", ou "mergulhão" (Sula leucogaster leucogaster). (1).

⁽¹⁾ Cf. Rev. Mus. Paul., vol. XIV, pág. 791 (1926).

⁽²⁾ Cf. Relat. Comm. Geogr. e Geol. de São Paulo, "Exploração do littoral", 1. seção (1915).

⁽³⁾ V. o necrológio de Garbe por A. Taunay, já anteriormente citado. (Rev. Mus. Paul., XIV, pág. 677-81).

⁽¹⁾ Afora o estudo consagrado por Lüderwaldt e Pinto da Fonseca à história natural da Ilha dos Alcatrazes no vol. XIII (pág. 441 e segs.) da Rev. Mus. Paul., há ainda, da excursão, um pequeno relatório, entre as págs. 1318 e 1322 da mesma revista.

1922-1925

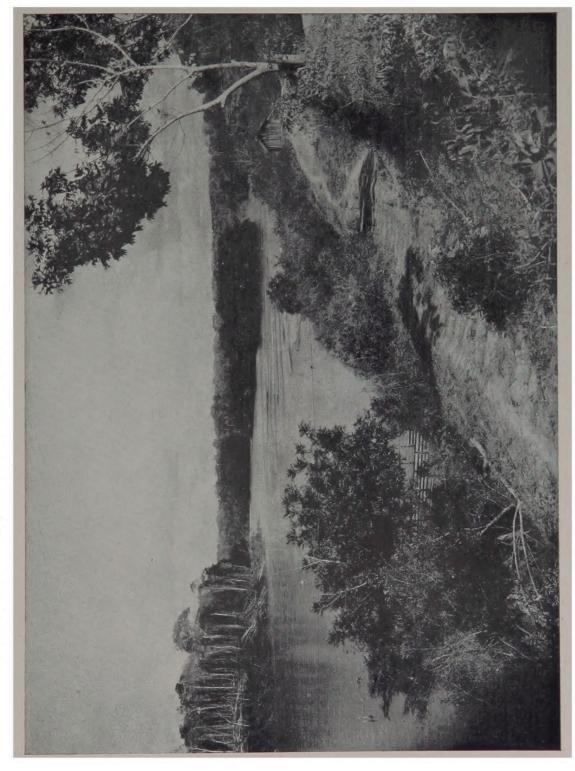
O mau estado de saúde de Garbe depois da viagem ao baixo Amazonas, não havia permitido que êle de outra cousa se ocupasse além de trabalhos no próprio Museu. Ademais, coincidindo esta época com a grande reforma do prédio e os preparativos para a comemoração, em setembro de 1922, do primeiro centenário da Independência, os trabalhos de coleta de material foram quase completamente interrompidos, sucendendo-se vários anos de muito pouco progresso para a Secção de Zoologia em geral e para a ornitologia em particular. Afora uma ou outra peça coligida pelo sr. João L. Lima nas proximidades da Capital, ou trazida de seu sítio de Itatiba, nada consta que tenha entrado durante o ano de 1922.

Em 1923, deram também entrada alguns exemplares dos arredores de São Paulo (altos do Ipiranga) e uma pequena série das faldas da serra (Piassaguera, Cubatão, Itutinga), perto de Santos, obtidas por João L. Lima, que por êsse tempo era auxiliado pelo seu filho mais velho, pouco depois falecido. Data dêste período a compra, pelo Museu, de uma coleção de aves da região este-paraense (Distrito do Pará, na literatura ornitológica estrangeira) feita pelo SR. FRANCISCO QUEIROZ LIMA, antigo preparador do Museu Goeldi. Os exemplares desta série, excetuados uns poucos da Ilha de Marajó, procedem dos subúrbios mesmos da cidade e de pontos mais ou menos próximos, situados nos seus arredores, tais como Utinga, Murutucu e Rio Cunani. Foram todos obtidos entre os anos de 1921 e 1923, nos mais diferentes mêses do ano e não se prendem a nenhuma expedição regular; como preparação, em tudo deixavam a desejar, motivo pelo qual muitos tiveram de ser excluidos das colecões, por imprestáveis, com grande prejuizo para a representação da importante zona zoogeográfica a que pertencem.

Algumas peles de aves foram trazidas em maio de 1924, pelo SR. H. LÜDERWALDT das matas da Serra da Bocâina, no extremo norte da faixa oriental do Estado de São Paulo.

Em 1925, dentro ainda do longo período de estagnação de que nos ocupamos, acham-se registradas algumas aves marinhas da Ilha de Santo Amaro (agôsto), na costa de Santos, caçadas por Pinto da Fonseca, e um pequeno lote colecionado pelo sr. João L. Lima, mais ou menos pela época, em Pilar e Alecrim, localidades situadas no vale do Rio Juquiá (sudeste de São Paulo).

Argutivos de Zoologia, Vol. IV - Publ. do Dep. de Zool. da Secr. da Agric. (S. Paulo, Brasil) Olivério Pinto — Cinqüenta Anos de Investigação Ornitológica



Confluência dos Rios Doce e Piracicaba, no Estado de Minas Gerais. (Foto Garbe, agôsto de 1940).



1926-1929

Em 1926, o mesmo sr. João Lima trouxe de Itatiba novo contingente, obtido durante os mêses de março e abril; mas, em fins de maio e começos de junho, por ordem do Museu, realizava uma excursão de maior raio ao extremo oeste do Estado de São Paulo, visitando sucessivamente as localidades de Pôrto Epitácio, na margem esquerda do Rio Paraná, e Presidente Prudente, a pouca distância do mesmo rio. Nesta viagem teve o sr. João Lima como companheiro e jovem auxiliar o seu filho José, o qual daí em diante, na qualidade de taxidermista-auxiliar do Museu, raramente deixou de tomar parte nas excursões realizadas pelo pai. Em fins de julho do mesmo ano estiveram os srs. Lima em Itapetininga, conforme o atestam vários espécimes ornitológicos, alguns caçados em comecos de agôsto. Já então acontecia, não raras vêzes, sair cada qual para o seu lado, como em julho de 1927, época de que datam algumas peles de aves colecionadas por João Lima em Pôrto Sapé, no Estado de Mato Grosso (foz do Rio Pardo) e por José de Lima em Alecrim, no litoral de São Paulo.

O ano de 1928 assinala-se por demorada excursão do velho LIMA às grandes matas do oeste de São Paulo, ao sul do baixo Tietê, no trajeto da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. O excursionista deve ter deixado São Paulo em meados de junho, rumando diretamente para Glicério, onde sua presença na data de 18 é atestada por algumas peças preparadas. De Glicério seguiu êle para o incipiente povoado de Braunau, hoje mudado em Brauna, aí colecionando espécimes ornitológicos entre os dias 25 de junho e 1.º do mês seguinte. Passou-se depois para a estação de Icatu, representada na coleção por numerosas peças preparadas entre 4 de julho e 15 do mesmo mês. Alguns exemplares de 20 de julho provam que LIMA, depois daí, trabalhara ainda algum tempo na própria Glicério; mas, decorrido um intervalo sôbre que não há qualquer informe, vêmo-lo durante tôda a segunda quinzena de agôsto no próximo pôsto indígena de Vanuire, onde deu por finda sua bem sucedida missão

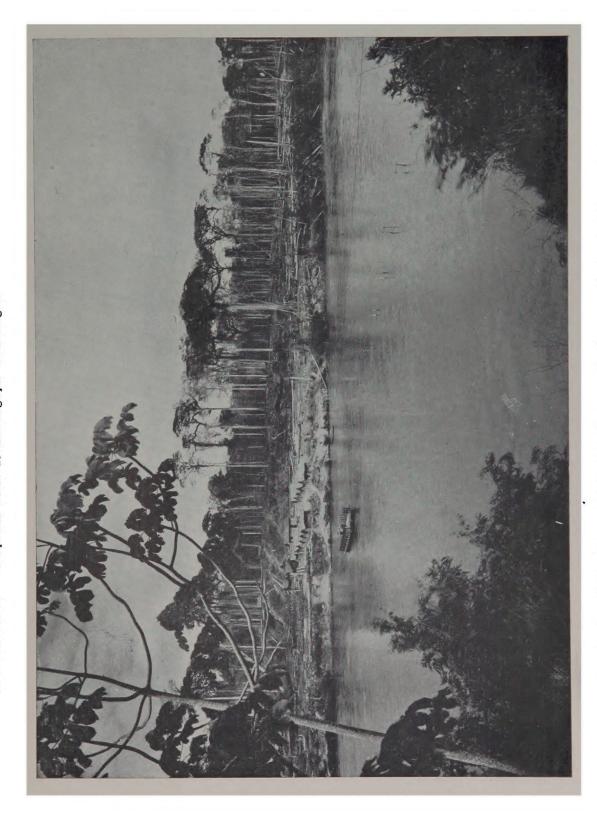
Em janeiro de 1929, ingressando na Secção de Zoologia do Museu Paulista como Assistente, dispôs-se o Autor a incrementar por todos os meios as excursões e trabalhos de campo, assumindo pessoalmente a direção de suas atividades, e buscando imprimir-lhes não só maior raio de ação, como objetivos mais definidos. Graças ao apôio e interêsse sempre demonstrado pelo Dr. Afonso de Paranapiacaba, utilizando o trajeto da estrada de rodagem que o Govêrno do Estado então fazia construir, com o fim de ligar a zona de Itapetininga ao vale do Rio Ribeira de Iguape. Todos os exemplares desta jornada, de que tomou também parte o falecido mamalogista Glover Allen, do Museum of Comparative Zoology, foram colecionados pelo sr. João Lima na zona da serra, entre 26 de agôsto e 5 de setembro. Trazem como procedência o nome da localidade mais próxima, São Miguel Arcanjo, não obstante a sua situação em campo aberto e plano, e a notável distância das matas virgens que cobrem as duas vertentes da cadeia de montanhas.

1930-1931

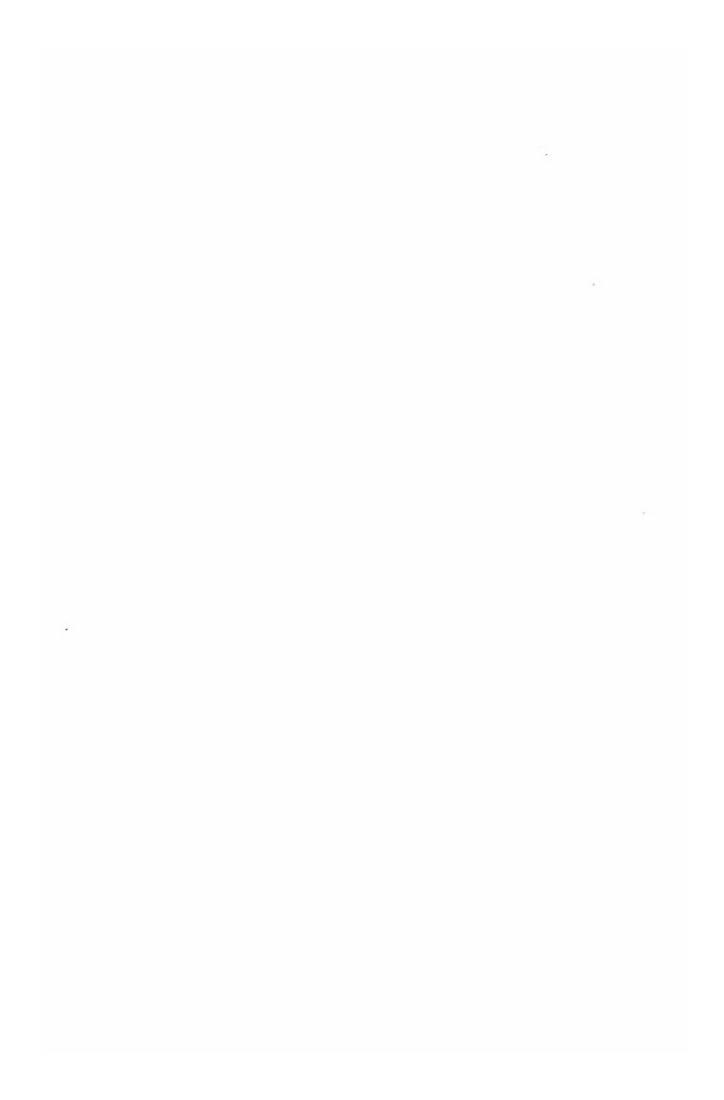
Em fins do primeiro semestre de 1930, empreenderam os sas. LIMA, pai e filho, demorada expedição ao sul de Mato Grosso, trazendo importante contingente para a representação da avifauna daquele Estado nas coleções do Museu. Depois de pequena demora em Campo Grande (junho), seguiram para Coxim, (hoje Herculânia), pequena cidade situada 300 quilômetros ao norte da primeira, na margem direita do Taquari, grande afluente do Rio Paraguai. Até as proximidades de Coxim estende-se a imensa e baixa planura que as enchentes do Rio Paraguai e tributários anualmente alagam, formando o que se conhece com o nome de grande Pantano ou Lagoa Xaraies. Assim, não muito longe do lugar, fica o Pantanal dos Cavalos, onde os dois colecionadores permaneceram em trabalho muitos dias, conseguindo boa cópia de exemplares, alguns bastante interessantes. Em fins de julho já se achavam ambos novamente em Campo Grande, onde todavia não se detiveram, seguindo para Miranda, pequena e antiga localidade situada à margem do rio homônimo e de cujas belezas naturais no correr do último século o VISCONDE DE TAUNAY nos transmitiu muitos quadros sugestivos. Prosseguiram depois (setembro) a viagem pará oeste, até Pôrto Esperança, estação terminal da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, já na margem esquerda do Rio Paraguai.

Data de dezembro de 1930 e primeiros dias de janeiro do ano seguinte uma pequena série de pássaros caçados pelo Autor em

Arguivos de Zoologia, Vol. IV - Publ. do Dep. de Zool. da Secr. da Agric. (S. Paulo, Brasil) Olivério Pinto — Cinqüenta Anos de Investigação Ornitológica



Grandes derrubadas à margem do Rio Doce, em Ipatinga, no Estado de Minas Gerais. Balsa da Cia. Siderúrgica Belgo-Mineira. (Foto W. Garbe, agôsto de 1940).



Silvânia, pequena estação próxima de Matão, onde pompeavam ainda restos da pujante mata primitiva, hoje inteiramente substituida pelos cafezais de numerosas fazendas.

Na segunda quinzena de junho de 1931, em companhia dos sas. Lima, empreendi uma nova excursão às matas do oeste de São Paulo, a qual se continuou rumo a oeste pelo sul do Estado de Mato Grosso. Com esta excursão inaugurava o Museu Paulista uma praxe nova, entrando em cooperação com o Museum of Comparative Zoology, importante instituição norte-americana. Valparaizo, lugar pouco distante de Araçatuba, era por aquêle tempo lugarejo incipiente, aberto em plena mata virgem, no altiplano que medeja entre os Rios Tietê e Feio. Não admira, pois, que nela se obtivessem abundantes amostras das formas mais características da avifauna de tôda a região florestada do oeste paulista, como sejam o tucano de bico verde (Ramphastos dicolorus Linn.), a tiriba de testa vermelha (Pyrrhura frontalis chiripepe (Vieill.)), o periquito de cabeça dourada (Aratinga auricapilla aurifrons Spix), o surucuá de barriga vermelha (Trogonurus surrucura surrucura (Vieill.)), o tangará (Chirixiphia caudata (Shaw)), o pintassilgo da mata (Cissopis leveriana major Cabanis), o gurundi (Tachyphonus coronatus (Vieill.)), além de outros, que embora muito conspícuos, a nomenclautra vulgar desconhece (Philydor rufus rufus (Vieill.), Dendrocalaptes platyrostris Spix, Trichothraupis melanops (Vieill.) etc.). A permanência em Valparaizo prolongou-se por quase um mês (13 de junho a 9 de julho) e coincidiu com os rigores do inverno; em seguida, rumando para Mato Grosso, fizemos pequena estação em Três Lagoas, zona de campo e planura, não muito distante da margem direita do Rio Paraná. A 18 de julho, deixando Três Lagoas, rumamos para o norte, em busca de Santana do Paranaiba, próximo à fronte meridional de Goiaz e a pouca distância do rio a que ligara o nome. A visita a Santana, embora curta, foi bastante proveitosa, permitindo a inclusão na avifauna de Mato Grosso de uma meia dúzia de formas ainda não registradas no Estado pela literatura. Retornando a Três Lagoas a 27 de julho, prosseguimos depois a viagem para oeste, rumo a Aquidauana, onde foram feitas coleções entre 1 e 10 de agôsto. Até Aquidauna, cuja flora e fauna hoje se nos afiguram amostra muito pálida da primitiva exuberância descrita por Taunay, chegam os alagados da zona do Pantanal, favorecendo a coleta das formas peculiares a êsse ambiente geográfico. Depois daí, desligando-se dos companheiros, que regressaram a São Paulo, o sr. João Lima deteve-se no Rio Paraná, colecionando uma

296

série suplementar de exemplares ornitológicos. Estes, como se vê da lista publicada em apêndice ao relatório geral da expedição, (1) foram, na sua maioria, obtidos em Pôrto Tibiriçá (20 a 25 de agôsto), minúsculo povoado situado na margem ocidental (Estado de Mato Grosso) do Rio Paraná, não muito abaixo da foz do Rio Pardo; os restantes provêm de Jupiá (14 de agôsto), também na margem esquerda do Rio Paraná, perto de Três Lagoas, ou de várias ilhas fluviais (Taquaruçu, Cantagalo, etc.) visitadas por Lima nos últimos dias de agôsto e primeiros dias de setembro seguinte.

1932

Foi quase sempre insignificante a contribuição dos doadores para o desenvolvimento da coleção ornitológica; ordinàriamente, atestam-na apenas um ou outro exemplar isolado, não raro sem valor para o estudo científico, por falta das indicações necessárias. Muito poucas são as exceções a esta regra, contando-se entre elas dois lotes de aves recebidas no decurso do ano de 1932, a saber, 13 exemplares enviados de Crixás (Goiaz) pelo sr. Paulo Sester (1) e algumas amostras da avifauna de Valparaizo (oeste de São Paulo), colecionadas pelo sr. Heitor Serapião (2).

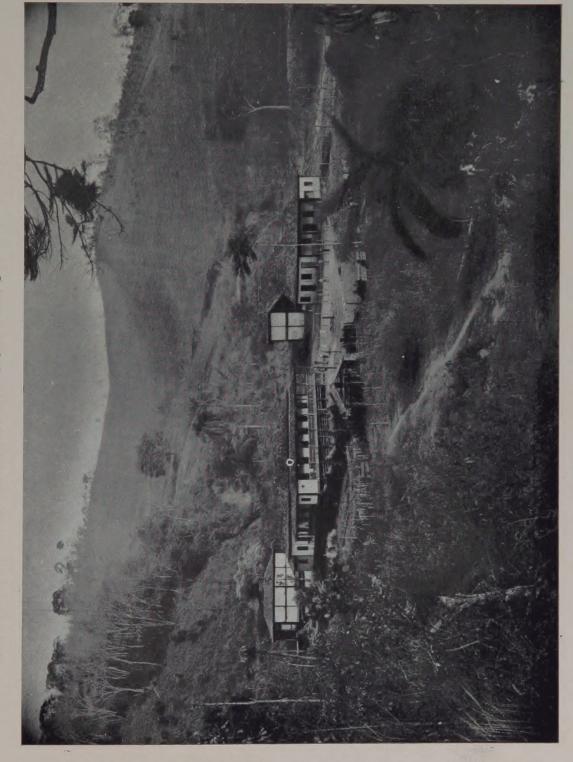
O ano de 1932 assinala-se principalmente pelo início de uma das mais importantes expedições de coleta de material zoológico organizadas pelo Museu. Limitou-se ela, todavia, ao Estado da Bahia e foi chefiada pelo Autor, que partiu de São Paulo em 25 de outubro, acompanhado dos srs. Walter Garbe, como colecionador e fotógrafo, e Carlos A. de Camargo Andrade, nomeado pouco tempo

⁽¹⁾ O. Pinto, "Result. Ornithol. de uma Excursão pelo oeste de São Paulo e sul de Mato Grosso", Rev. Mus. Paul., XVII, 2.ª parte, págs. 691 a 826 (1932).

⁽¹⁾ Travei conhecimento com o sr. Paulo Sester através de uma carta em que êle solicitava instruções sôbre a técnica do preparo de aves e mamíferos. Alemão de origem, morava nas proximidades de Crixás, ocupando-se de agricultura, em pequeno sítio de sua propriedade. Não poude ir muito longe sua contribuição aos museus zoológicos, porque pouco depois da minha excursão a Goiaz, em agôsto de 1934, vinha a falecer, vitima de acesso palustre, num novo sítio que pretendera abrir na região do Rio das Almas.

⁽²⁾ O sr. Heitor Serapião, um dos primeiros moradores de Valparaizo, ocupou durante algum tempo os lazeres deixados pela sua profissão de farmacêutico em caçar e preparar espécimes ornitológicos nas grandes matas que rodeavam aquela localidade até poucos anos atrás; esta habilidade lhe valeu poder aproveitar algumas valiosas peças, entre as quais um magnífico casal de urubu-rei (abril de 1934), por êle generosamente oferecido ao Museu Paulista. Cf. Pinto, Rev. Mus. Paul., tomo XVII, 2.º parte, pág. 7 (1932).

ARQUIVOS DE ZOOLOGIA, Vol. IV - Publ. do Dep. de Zool. da Secr. da Agric. (S. Paulo, Brasil) OLIVÉRIO PINTO — Cinqüenta Anos de Investigação Ornitológica



Sede e dependências da Fazenda Boa Esperança, junto às cabeceiras do córrego do Pissarrão e ao norte de São José da Lagoa, no Estado de Minas Gerais. (Foto Garbe, agôsto de 1940).



antes naturalista-viajante, em sucessão ao sr. João Leonardo Li-MA. (3). A pequena comitiva chegou à Cidade do Salvador a 30 de outubro, seguindo após alguns dias de permanência nessa capital para a Vila de Aratuipe, situada nos limites do Recôncavo, à margem do rio do mesmo nome e muito perto da importante cidade tradicionalmente conhecida por Nazaré das Farinhas. Após curta estada naquêle lugarejo (9 a 17 de novembro), tomaram os excursionistas a via férrea, que os levou à cidade de Jequié, à margem do Rio de Contas. O curso dêste rio havia sido interrompido por uma das sêcas mais severas que têm assolado o nordeste do país, convertendo-se num rosário de lagoas barrentas e espaçadas. Daí seguiram rumo ao Rio Gongogí, afluente meridional do Rio de Contas, que, à diferenca do que vimos acontecer com êste último, tem curso permanente e é ladeado de montanhas, famosas por se acharem ainda, na sua maior parte, cobertas de densas florestas virgens. Foram feitas nessa região, duas estações; uma (24 de novembro a 2 de dezembro) no alto da serra localmente chamada do Palhão, além do povoado de Distampina e cêrca de meia légua da margem esquerda do rio, e outra (2 a 29 de dezembro) precisamente nesta margem. O paludismo grave que aqui, ao cabo de alguns dias, acometera dois membros da comitiva, teve como resultado a suspensão imediata dos trabalhos e o regresso dos excursionistas para a Cidade do Salvador. Apesar dêste grande contratempo, os resultados obtidos nas duas estapas foram muito apreciáveis, demonstrando além de tudo tratar-se de uma das zonas mais ricamente dotadas pela natureza, particularmente no que se refere à fauna.

Após o breve intervalo imposto pelas circunstâncias, foi decidida uma cuidadosa investigação da avifauna do Recôncavo, (1) escolhendo-se para tal fim a pequena ilha de Madre de Deus, dita do Boqueirão, cuja proximidade da terra continental é das mais estreitas, a ponto de transformar-se em simples península por ocasião da vasante completa das grandes marés de equinóxio. A localidade, mau grado bastante povoada, mostrou ser uma das melhor indicadas para o estudo da fauna alada da região circunjacente à

(1) Entende-se por êste nome tôda a região que orla em larga faixa a grande Baía de Todos os Santos. E' uso incluirem-se também no referido conceito tôdas as ilhas contidas na última.

⁽³⁾ Em 31 de outubro de 1931, por motivos de saúde foi o sr. João Leonardo Lima aposentado do cargo de naturalista-viajante do Museu Paulista, para o qual tinha sido nomeado a 8 de julho de 1925, consecutivamente à morte de E. Garbe. Após o seu falecimento, em 15 de outubro de 1936, publicou o dr. Afonso Taunay breve notícia sôbre sua vida, que foi inegàvelmente um exemplo de trabalho e esfôrço perseverante (cf. Rev. Mus. Paul., vol. XXI, 1937, págs. 1057-1062).

grande Baía de Todos os Santos, não só no tocante às formas residentes, como às que, à semelhança da generalidade dos maçaricos, nela aportam apenas de passagem. Numa permanência de dois mêses (janeiro e fevereiro), em que foram também visitados alguns pontos próximos, como Curupeba e Santo Estevam, além das ilhas de Bimbarra e dos Frades, colecionaram-se 132 formas de aves, representadas por um número aproximadamente triplo de exemplares.

A expedição voltou depois daí suas vistas para o extremo sul do Estado, seguindo a 9 de março para Caravelas, lugar já visitado pelos Garbe, a mando do Museu Paulista, em agôsto de 1908. Verificada porém a pouca probabilidade de êxito nesse local, deixou-o ato contínuo, rumando por terra um pouco para o norte, até a cidade do Prado. Ai faz barra o Rio Jucurucu, centro importante de exportação de madeiras, graças às pujantes florestas que sombreiam as vertentes da Serra dos Aimorés. Seguindo rio acima, a 16 de março a comitiva penetrou no braço meridional, chamado Rio do Sul, e depois de transpôr várias corredeiras, localizou-se na Cachoeira Grande, intransponível pelas embarcações. A êsse tempo já haviam, todavia, começado as grandes chuvas de inverno, que continuaram ininterruptas, dificultado enormemente os trabalhos de coleta. Por isso, a 9 de abril suspendeu-se o acampamento, dando-se também por finda a expedição, cujos componentes estavam de volta em São Paulo no comêço do mês seguinte. Como resultado global, foram colecionados pouco menos de mil exemplares ornitológicos, representativos de cêrca de 240 formas diferentes (2).

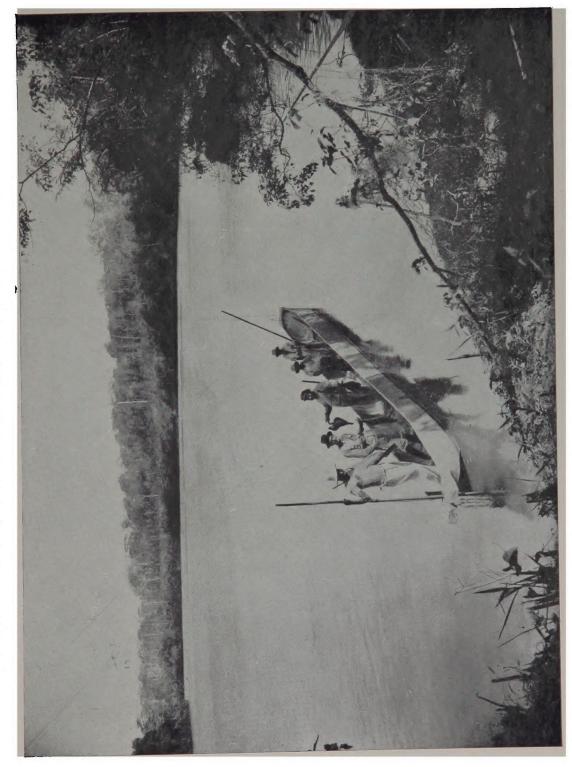
1933-1934

Durante a segunda metade de setembro e todo o mês de outubro de 1933 esteve em Itatiba o sr. José L. Lima, fazendo coleções, para reforçar as séries obtidas de outras feitas naquêle ponto do noroeste de São Paulo.

Em começos de 1934, tendo entabolado relações com o sr. Al-FONSO OLALLA, nome já conhecido nos círculos ornitológicos, adquiriu dêle o Museu Paulista uma regular coleção de espécimes do bai-

⁽²⁾ Os resultados desta expedição à Bahia foram objeto de uma nota prévia publicada em 1933 no Boletim Biológico (Nova Série, vol. I, n.º 1, págs. 5-11) e, dois anos após, no vol. XIX (1935), da Revista do Museu Paulista (págs. 1-325), de circunstanciado relatório técnico, acompanhado de fotografias e do mapa da região percorrida.

Arguivos de Zoologia, Vol. IV - Publ. do Dep. de Zool. da Secr. da Agric. (S. Paulo, Brasil) Olivério Pinto — Cinqüenta Anos de Investigação Ornitológica



O Rio Doce, próximo à confluência do Rio Piracicaba, (Foto Garbe, agôsto de 1940).



xo Rio Tapajós, onde figuram localidades de ambas as margens do rio. A maioria dêstes lugares fica na margem direita e a pequena distância de Santarém, residência então do referido colecionador, que nunca subiu o rio além de Aveiro, localidade de onde temos exemplares caçados entre fevereiro e março de 1934. Mais ou menos equidistantes das duas cidades ficam, em ordem inversa ao sentido da corrente, os sítios e lugarejos denominados Marai (fevereiro), Prainha (fevereiro e março) e Itapoama. Iroçanga, que demora na margem oposta (esquerda), pouco ao norte de Boim, comparece apenas com uns poucos espécimes, datados de começos de abril. Veremos que mais tarde, graças ainda a compras feitas a Olalla, as nossas séries representativas do baixo Tapajós iriam adquirir considerável refôrço.

No segundo semestre de 1934, com os srs. José L. Lima e W. Garbe, empreendeu o Autor uma excursão ao sul do Estado de Goiaz, zona ainda muito mal conhecida do ponto de vista faunístico. No que diz respeito ao Museu Paulista, e abstraidos os poucos exemplares de Crixás ofertados por Sester, o referido Estado tinha sido investigado apenas no seu limite este-meridional extremo, por ocasião da rápida visita de Dreher a Catalão (1904).

Utilizando a linha férrea que, com passagem por Ribeirão Preto, conduz ao extremo norte de São Paulo e, a seguir, atravessa o chamado Triângulo Mineiro, a comitiva chegava a 16 de agôsto na antiga Cidade de Jaraguá, assente próximo à margem esquerda do Rio das Almas, importante tributário da mais alta porção do Rio Tocantins. Sem se deter, seguiu ela na manhã de 17 para a Fazenda São Tomé, que dista cêrca de duas léguas da cidade e é cortada pelo mencionado Rio das Almas, no ponto em que às suas águas vêm se juntar as do córrego Tomé Pinto. Trata-se de zona ainda em grande parte vestida de matas espêssas e pouco devassadas pelo homem. A surpreendente riqueza da fauna logo se patenteou através da abundância e variedade da coleta, que foi também favorecida pela benignidade da estação. Após um mês de permanência (até 15 de setembro), retornamos a Jaraguá, cujas imediatas cercanias passaram a ser exploradas zoològicamente, mediante uma estada de 10 dias (até 25 de setembro) na Fazenda Boa Vista. Durante êsse período teve início a estação chuvosa, com a alternância de pesados aguaceiros e intervalos mais ou menos longos de céu claro e alegria primaveril. Seguindo por terra, passamo-nos depois para a Fazenda Formiga, situada também no curso do Rio das Almas, cêrca de oito ou dez léguas mais abaixo, no ponto em que nele desemboca o ri-

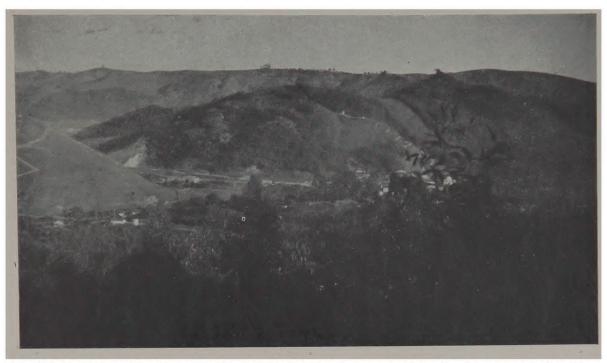
beiro a que ela deve o nome. De par com vastas extensões de campo, vestem ali o solo trechos importantes de floresta, pertencentes às matas chamadas de São Patrício, de grande fama em tôda a região. Essa diversidade de ambientes facultou variada coleta de exemplares. Nas matas abundavam os mutuns (Crax fasciolata sclateri Gray), esplêndida ave cuja escassez aumenta dia a dia, prognosticando completa extinção em próximo futuro. Os colecionadores estiveram na Fazenda Formiga até 23 de outubro, quando se deram por findos os trabalhos zoológicos no Rio das Almas. A subsequente e última etapa foi no lugarejo chamado Inhumas, a Goiabeira do tempo em que por alí passou Natterer, situado na porção alta do Rio Meia Ponte, afluente da margem direita do Paranaiba. Durante uma permanência de pouco menos de um mês (exemplares datados de 27 de outubro a 22 de novembro), apesar da relativa pobreza do lugar, conseguiu-se o suficiente para demonstrar notáveis diferenpas entre a composição da fauna da região e a do Rio Tocantins. Este fato é realmente interessante diante da reduzida distância que existe entre ambas as bacias e a inexistência de qualquer divisor importante entre elas. Como se pode ver através do trabalho em que foram dados a lume os resultados desta expedição (1), a região do Rio das Almas concorreu com 231 espécies e subespécies de aves, e a de Inhumas com 152.

Contemporâneamente à expedição do sul de Goiaz, a região meridional extrema do Estado de São Paulo era investigada ornitològicamente pelo sr. C. A. Camargo Andrade. Seguindo para Cananéia no fim da primeira quinzena de agôsto (os primeiros espécimes são datados de 17), o sr. Camargo permaneceu fora até meados de outubro, ocupando-se principalmente da coleta de aves palustres e ribeirinhas. Visitando vários pontos da tera continental, como Tabatinguera, Morrête e Cachoeirinha, estabeleceu uma série de dias na grande ilha chamada do Cardozo, tida como uma das mais ricas em avifauna marinha.

Foi dos mais propícios para o desenvolvimento da coleção ornitológica do Museu Paulista êsse ano de que nos vimos ocupando. Afora o rico material que para êle adveio das atividades de seu própio pessoal técnico, duas importantes séries de exemplares ornitológicos foram adquiridos, por compra, a colecionadores estranhos. Por intermédio do dr. Afrânio do Amaral, encaminharam-se para o Museu tôdas as aves constantes de uma grande coleção feita pelo

⁽¹⁾ Oliv. Pinto, "Contribuição à ornithologia de Goiaz", em Rev. Mus. Paulista, vol. XX, págs. 1-171 (1936).

Arquivos de Zoologia, Vol. IV - Publ. do Dep. de Zool. da Secr. da Agric. (S. Paulo, Brasil) Olivério Pinto — Cinquenta Anos de Investigação Ornitológica



Vista panorâmica da região de Monte Alegre, pouco ao norte de Amparo, no Estado de São Paulo (contrafortes meridionais da Serra da Mantiqueira).

(Foto José L. Lima, maio de 1943).



Arredores de Monte Alegre, com um aspecto dos trechos de mata existentes na maioria das fazendas. (Foto Oliv. Pinto, maio de 1943).



sr. José Blaser na região septentrional do Estado de Minas, a oeste do Rio São Francisco, e na porção adjacente do leste de Goiaz. Os espécimes de Minas Gerais, em número aliás reduzido, foram todos obtidos no Rio Pandeiro, pequeno afluente da margem esquerda do Rio São Francisco (quase em oposição à cidade de Januária), entre novembro de 1931 e fevereiro de 1932. Os de Goiaz procedem em grande parte do Rio São Domingos, que é antes um regato, afluente da margem direita do Rio Paraná, importante tributário do alto Tocantins, em cuja margem oriental desemboca. Outra parte procede de Nova Roma, lugarejo situado a pouca distância da margem esquerda (ocidental) do Paraná, mesmo em oposição à foz do Rio São Domingos. Cana Brava, que figura no rótulo de muitos especimes, não aparece nas cartas geográficas; deve todavia ficar tão próximo de Nova Roma que zoogeogràficamente não haverá razão para considerá-lo aparte. E' difícil, com base nos assentamentos do colecionador, fazer idéia clara da época precisa em que esteve êle em trabalho nas mencionadas localidades; parece todavia que as duas margens do Paraná foram repetida e alternativamente visitadas em todo o curso do ano de 1932 e começos de 1933.

1935-1936

Em 1935, durante quase todo o mês de agôsto esteve o sr. José L. de Lima no Rio Paraná, obtendo novos acréscimos à representação da aviafauna dêste grande rio; os exemplares trazidos somam apenas 29 e procedem todos da Barra do Cascalho. Aquisição mais valiosa porém foi a compra de um lote de aves amazônicas colecionadas em meados de 1935 pelo sr. A. Olalla e constituido na sua quase totalidade de exemplares de Manaus (entre abril e junho) e Codajaz (julho) localidades ambas da margem esquerda (septentrional) do trecho médio do Amazonas, zona de que até aí não exis tia nenhuma representação nas séries do Museu Paulista. (1).

Em fins de dezembro de 1935, fiz uma temporada na pequena cidade de Maria da Fé (Estado de Minas Gerais), situada no alto da Serra da Mantiqueira, pouco ao norte de Itajubá. Esta excursão prolongou-se até os últimos dias de janeiro de 1936 e garantiu para o Museu uma série representativa quase completa dos pássaros en-

⁽¹⁾ Esse material vem estudado pelo Autor num artigo do vol. XX (1936) da Rev. Mus. Paul. (págs. 229-244). Uma nova espécie de pica-pau, Picumnus pusillus, foi descrita como nova.

dêmicos naquelas elevadas paragans, cuja avifauna aliás coincide com a de Campos do Jordão.

Em meados de 1936 (22 de julho), por iniciativa do Autor, que esteve também presente durante a primeira parte da viagem, seguiu para o norte extremo do país o sr. Camargo Andrade, naturalistaviajante, com a incumbência de coligir exemplares zoológicos, aves principalmente, na região septentrional do Rio Solimões, pràticamente não representada ainda nas coleções do Museu. O primeiro ponto explorado foi Manacapuru, pequeno lugarejo da margem esquerda do Solimões, pouco a oeste de Manaús. Aí, subindo o Rio do mesmo nome, foi feita também uma curta estação no lugar chamado Membeca, de onde o sr. Camargo regressou para Manaus em data de 27 de outubro, para subir então o Rio Negro, o que fez a 3 de novembro. A cronologia das diferentes estações feitas depois daí pelo colecionador não pode ser inferida exatamente das datas constantes nos rótulos dos exemplares, pois, por difícil que seja explicá-lo, há casos em que localidades consideràvelmente distantes trazem indicação da mesma época. Mas sabe-se que a primeira estação foi São Gabriel, na margem esquerda do alto Rio Negro, onde Ca-MARGO se demorou da segunda quinzena de novembro aos primeiros dias de dezembro. Subindo depois o Uaupés, grande afluente da margem direita, fez êle breve parada em Taracuá (6 de dezembro) e, a seguir, uma permanência mais longa em Jauaretê (até primeiros dias de janeiro de 1937), junto à fronteira da Colômbia. Houve aí uma curta digressão, até o lugar chamado Santa Luzia, situado no Rio Papuri, afluente da margem direita (meridional) do Uaupés e limite natural do Brasil com a república há pouco mencionada. Procedem desta zona remota as peças mais valiosas conseguidas pelo excursionista, tais como algumas formas endêmicas de restrita área goegráfica (p. ex. Heterocercus flavivertex Pelzeln) e vários exemplares de "galo da serra" (Rupicola rupicola (Linn.)) e do grande "surucuá" amazônico (Pharomachrus pavoninus Spix). Foram também as últimas, porque o sr. Camargo, adoecendo seriamente de paludismo, foi forçado a interromper os trabalhos e, após o descanso imposto pelas circunstâncias, voltar diretamente para São Paulo. Os resultados ornitológicos desta expedição, constituidos por 230 espécies em 600 exemplares, foram objeto de pormenorizado estudo, vindo a lume no vol. XIII (1927) da Rev. do Museu Paulista (págs. 493-604).

De regresso desta viagem trouxe o Autor um número adicional de aves amazônicas, presente feito ao Museu Paulista pelo Ginásio Estadual de Manaus, em permuta com exemplares de São Paulo. Constituem essas aves parte das coleções feitas por Olalla e seus auxiliares, e trazem como procedência localidades do baixo Tapajós (Santarém, Iroçanga, Itapoama, Aveiro, Casa Nova) ou da margem septentrional do Amazonas médio (Manaus, Coadajaz), já representadas na coleção do Museu. Em data pouco posterior, ao Museu Paulista foi presenteada pelo próprio sr. Olalla uma pequena série de exemplares ornitológicos de João Pessoa (antiga São Felipe) e Lago Grande, caçados durante os mêses de agôsto, setembro e outubro, durante uma expedição ao alto Rio Juruá, (1), a que mais adiante teremos de voltar.

1937

À expedição ao Amazonas seguiu-se, na segunda metade de 1937, nova excursão de coleta à região central do Estado de Mato Grosso. Acompanhado dos srs. José L. DE LIMA, preparador, e WAL-TER GARBE, taxidermista contratado, parti de São Paulo a 27 de julho rumo à cidade de Cuiabá. A dificuldade de subir o Rio Paraguai, cujas águas haviam baixado extraordinàriamente, fez com que se evitasse o caminho fluvial, optando pela nova rodovia que parte de Campo Grande, com passagem por Coxim, já anos atrás, como vimos, visitada por Lima. Aí, na Fazenda Recreio, situada a sete léguas da cidade, colecionaram-se os primeiros espécimes ornitológicos, entre os dias 5 e 19 de agôsto. Continuando a viagem para o norte, foi feita uma nova estação na Fazenda Rondonópolis (22 a 28 de agôsto), situada na margem direita do Rio Vermelho, afluente do São Lourenço, região pràticamente inexplorada e ainda frequentada pelas tribos semi-selvagens dos índios Borôros. Sem quase se deter em Cuiabá, onde aportou nos últimos dias de agôsto, a comitiva, descendo o rio do mesmo nome, dirigiu-se para a Usina Santo Antônio (Fazenda Maravilha), situada algumas léguas abaixo, na margem ocidental, em oposição à pequena cidade que deu seu nome à Usina. Neste lugar, onde as matas, com se despirem as árvores de fôlhas durante o verão, apresentam aspecto análogo ao das caatingas, a avifauna se compõe dos elementos próprios do vale do Rio Paraguai, e difere grandemente da que vive no planalto. A permanência em Santo Antônio não foi além de duas semanas (es-

⁽¹⁾ O material proveniente desta expedição, que se realizou sob o patrocínio do Conde Nyls Gyldenstolpe, acha-se em sua quase totalidade no Museu Real de Stockolmo.

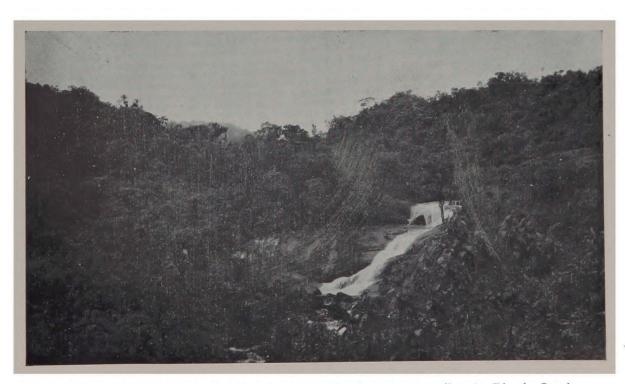
pécimes datados de 4 a 15 de setembro), embora a região se mostrasse muito propícia à cada das grandes pernaltas, como "jaburus" (Jabiru mycteria (Licht.)), "colhereiros" (Ajaia ajaja (Linn.)) e principalmente "cabeça-sêcas" (Mycteria americana Linn.). Estes, em verdadeiras multidões, reuniam-se à margem das pequenas lagoas sêcas, onde o peixe se debatia, lutando contra a morte inevitável, sob os raios do sol causticante. Deixando Santo Antônio, volveram os excursionistas a Cuiabá; aí, localizados no arrabalde de Várzea, próximo à margem do rio, reuniram entre 9 e 24 de setembro uma nova série e exemplares, realizando também algumas observações ecológicas interessantes. Da planície nua da Várzea, que, ao contrário do que acontece na estação chuvosa, agora se mostrava quase completamente sêca, erguiam-se ao primeiro alarme compactos bandos do bacurau diurno de Wied (Podager nacunda (Vieill.)) e de gaviões "caracarás" (Polyborus plancus brasiliensis (Gmelin)). No lado oposto do Rio Cuiabá (margem direita) o terreno é também baixo e inundável, motivo pelo qual são frequentados pelo "gavião caramujeiro" (Rostrhamus sociabilis sociabilis (Vieill.)), muito abundante no lugar. A estação seguinte foi na Vila de Chapada (28 de setembro a 6 de outubro), a que se chega depois de ter galgado a encosta ocidental abrupta do planalto central, algumas léguas a leste do Rio Cuiabá. O clima alí e a natureza são inteiramente outros; a temperatura é amena e a paisagem risonha, vendo-se numerosos capões de mata espalhados pela vastidão dos campos. Atravessa o povoado pequeno córrego, afluente do Rio Manso; densamente sombreado de mata, realiza ambiente propício a uma variedade de pássaros, entre os quais se destaca, pelo número, a linda Antilophia galeata (Licht). Prosseguindo na viagem de retôrno, depois de atravessar o Rio das Mortes (um exemplar de 8 de outubro) foi feita uma última parada no Córrego das Inhumas (outubro 9), lugar de aspecto próprio a despertar as atenções do naturalista, mas onde a idéia de reunir novas coleções foi frustrada por inesperado contratempo. Os resultados ornitológicos desta expedição, de que participou também o Museum of Comparative Zoology, somaram quase mil exemplares, repartidos por 227 espécies ou raças (1).

⁽¹⁾ A lista dêste material, acrescida de comentários e notas foi publicada nos Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo, tomo II, págs. 1-38 (1940).

ARQUIVOS DE ZOOLOGIA, Vol. IV - Publ. do Dep. de Zool. da Secr. da Agric (S. Paulo, Brasil) OLIVÉRIO PINTO — Cinquenta Anos de Investigação Ornitológica



Rio Paca e matas da Serra do Mar, a leste de Bananal, no limite este-septentrional extremo do Estado de São Paulo. (Foto Oliv. Pinto, agôsto de 1941).



Grandes matas da Serra do Mar, junto ao Rio Paca, nos confins do Rio de Janeiro e São Paulo. (Foto Oliv. Pinto, agôsto de 1941)



1938

Em 1938, se merece apenas menção um pequeno lote de pássaros pelo próprio Autor coligidos em Silvânia durante a segunda quinzena de dezembro de 1937, constituem para a série ornitológica importante contribuição as aves trazidas por W. Garbe da região do Rio Araguáia e das Mortes, como membro que foi da Bandeira Anhanguera, a conhecida expedição organizada e chefiada pelo malogrado sertanista Hermano Ribeiro da Silva. Neste material, a presença de elementos eminentemente característicos da zona explorada compensa largamente a apoucado número de unidades. Procurando reconstituir-lhe o roteiro em traços gerais, vemos ter sido a primeira estação de coleta na margem do Rio Cristalino (25 a 30 de agôsto de 1937), pequeno afluente da margem esquerda do Araguáia (Estado de Mato Grosso). Seguem-se-lhe os lugares rotulados "Lagoa do Aldeiamento" (1 a 9 de setembro) e "Lagoa da Serra Azul", ambas para oeste do Rio Cristalino e não muito distantes dêle. Os exemplares de "Pontal da Serra Azul", que trazem data imediatamente porterior (11 a 15 de setembro), atestam como os das precedentes estações, natureza essencialmente campestre; mas os do "Rio das Mortes" (21 de stembro a 4 de outubro) tráem modificação notável de ambiente, com a ocorrência de numerosas formas peculiares à selva amazônica. Passado o Rio das Mortes, continuam os campos, conforme o demonstram uns poucos exemplares coligidos entre 18 e 22 de outubro, que marcam o ponto mais remoto atingido pela expedição. Na volta, estacionando durante duas semanas no sítio do sr. Angelo Severo (7 a 20 de outubro), situado quase junto ao Araguáia, trabalhou ainda Garbe, acrescentando à sua coleção, como remate, mais algumas peças (2).

Pela época de que agora nos ocupamos, a representação da avifauna amazônica, que apesar das várias expedições enviadas com o fim de investigá-la, continuava a ser muito deficiente nas séries do Museu Paulista, vinha experimentando novos e importantes acréscimos mediante sucessivas aquisições feitas ao mencionado sr. Olalla. E' assim que de começos de 1938 data a compra de uma grande partida de aves empalhadas, provenientes de material acu-

⁽²⁾ Relatei, com base nos elementos de que então dispunha, os resultados ornitológicos da Bandeira Anhanguera, num artigo publicado no Boletim Biológico, nova série, vol. III, págs. 98 e segs. (1938).

mulado no curso de vários anos e em numerosas localidades. Mais tarde, em 1939, ao adquirir o Departamento de Zoologia tôda a coleção de Mamíferos e Aves pertencente ao referido colecionador, novo contingente veio se juntar às séries anteriores, com o que ficou provàvelmente aquêle Instituto na posse da mais completa representação da avifauna amazônico-paraense existente no país. Estas duas séries adquiridas àquêle colecionador equatoriano representam partes integrantes de um único acervo, figurando em cada qual as mesmas procedências e idênticas épocas de coleta. A elas terei que voltar mais adiante, com o devido pormenor.

Durante o ano de 1938, ocorre ainda curta visita do sr. José L. DE LIMA ao sul de Mato Grosso, quando serviu como preparador numa viagem de estudos chefiada pelo Prof. Lauro Travassos, do Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro. A julgar pelos assentamentos do livro de acessões, os espécimes ornitológicos colhidos desta feita, a despeito de seu número reduzido (pouco mais de 30), procedem de várias localidades situadas tôdas na região campestre de Campo Grande, e em que se incluem, além dos arredores mesmos da cidade, as fazendas denominadas Alegre, Curralinho, Carrapato, Gabinete e Viramão.

Os minguados frutos obtidos nas excursões precitadas iam, porém, ser largamente compensados pelos imprevistos resultados alcançados numa viagem de estudos realizada pelo Autor ao Estado de Pernambuco nos fins de 1938, a última que iria empreender a Secção de Zoologia como parte integrante do Museu Paulista. A avifauna daquêle trecho do nordeste brasileiro, mau grado a importância que lhe advem de ter sido, com Marcgrave, a primeira a ser estudada cientificamente no Brasil, não mais houvera sido alvo de nenhuma investigação rigorosa depois da importante contribuição trazida por W. A. Forbes, o célebre ornitolgoista britânico, que a fôra expressamente investigar em meados de 1880.

Na excursão à Pernambuco os primeiros exemplares colecionados provêm da antiga Fazenda São Bento, que se acha muito próximo da cidadezinha de Tapera (cêrca de 60 quilômetros a oeste de Recife) e era sede de um Aprendizado Agrícola instalado pouco antes pelo Govêrno daquêle Estado. O terreno, em cuja parte baixa corre o pequeno rio Tapacurá, afluente do Capiberibe, é ali bastante acidentado. Constituido de morros e planícies, conserva ainda alguns restos da mata primitiva, ponto para onde se dirigiram especialmente as atenções do ornitologista. Depois de uma permanência de perto de uma quinzena em Tapera (1 a 13 de dezembro),

dirigi-me para o litoral, colecionando durante pouco mais de uma semana (29 de dezembro de 1938 a 5 de janeiro de 1939) na Ilha de Itamaracá.

Com base no material trazido (1), pude descrever, como novas, uma espécie (Dendrocincla taunayi) (2), e duas raças (Cercomacra tyrannina sabinoi e Myrmeciza ruficauda soror, sem falar na verificação de numerosas formas até aquela data não notificadas no Estado em questão.

1939

Em janeiro de 1939 deu-se a criação do atual Departamento de Zoologia, às custas da Secção de Zoologia do Museu Paulista a qual deixou de existir desde então (1). Formando no novo instituto nada menos que uma Divisão, a Ornitologia passou a contar com maior abundância de meios, incluindo-se nesse número a adequada e subsequente instalação em prédio próprio, especialmente construido (12). Estas circunstâncias é que tornariam possível adquirir, no correr de 1939, as grandes coleções a que dentro de pouco me referirei.

Problemas de vária ordem ocuparam tôdas as atenções da administração do Departamento de Zoologia em seu primeiro ano de vida, de modo que muito pouco poude ela fazer no que diz respeito a trabalhos de campo. Ainda assim, em meados de 1939 (3), seguiram para o sul de Mato Grosso, como parte de uma nova expedição chefiada por Lauro Travassos, do Instituto Oswaldo Cruz, os srs.

(1) Na coleta das peças, é de justiça mencionar o eficiente auxílio prestado pelo sr. Joaquim de Castro Lopes, que já havia sido um excelente companheiro em 1937, na viagem a Coxim e Cuiabá.

(1) Com esta reforma o serviço zoológico passou da Secretaria da Educação, a que é subordinado o Museu Paulista, para a da Agricultura, Indústria e Comércio.

(3) Por esta época achava-se já o Autor à testa da repartição, em substituição ao primeiro Diretor, o Prof. Salvador Toledo Piza. que voltara à sua cátedra na Escola Superior de Agricultura de Piracicaba.

⁽²⁾ Veja-se o relato circunstanciado desta expedição no tomo I dos Arquivos de Zoologia do Est. de S. Paulo, págs. 219-282 (1940). Afora Myrmeciza ruficauda, que descrevi neste trabalho, as novidades tinham sido antériormente divulgadas em "Boletim Biológico", nova série, vol. IV, pág. 190 e segs. (1939). ZIMMER & MAYR (Auk, LX, 1943, pág. 252) propuseram reduzir Dendrocincla taunayi à categoria de subespécie de Dendrocincla turdina Licht.

⁽²⁾ O lançamento da pedra fundamental do edificio foi em 9 de julho de 1940 e a trasladação das coleções do prédio do Museu Paulista (Monumento do Ipiranga) para o novo edifício começou em dezembro de 1941. Cf. Arquivos de Zoologia do Est. de São Paulo, vol. II (1941), Anexos, pág. XXII.

(3) Por esta época achava-se já o Autor à testa da repartição, em substituição ao

Carlos da Cunha Vieira e José L. Lima, com a incumbência de colecionar material zoológico para as coleções da nova instituição, especialmente aves e mamíferos. O ponto escolhido desta feita foi a estação de Salobra, situada no último trecho da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (145 metros de altitude) e pouco distante do Rio Miranda. Nesta expedição, de que tomaram também parte o sr. A. Olalla e caçadores filiados ao Clube Zoológico do Brasil, sociedade de cientistas e amadores com sede na cidade de São Paulo, foram abatidos, só em Salobra, entre 21 e 30 de julho, cêrca de 420 exemplares de aves; mas dêste total apenas 170 puderam ser preparados para os coleções (4). O sr. Lima desligou-se a breve prazo da comitiva, seguindo para Campo Grande, em cujas imediações (Fazenda Viramão) colecionou alguns exemplares ornitológicos, que trazem as datas de 26 a 28 de julho.

Em dezembro (dias 6 a 11 inclusive), com os srs. Carlos da C. Vieira e Carlos A. de Camargo Andrade, realizou o próprio Autor curta excursão à margem ocidental do Rio Paraná (Estado de Mato Grosso), reunindo no lugar chamado Paredão pequeno lote de espécimes representativos da avifauna local, aí análoga à da margem oposta (Estado de São Paulo) do grande rio (1). O Paredão tira seu nome da elevada e abrupta escarpa que constitui ali a margem ocidental do rio, oferecendo sítio ótimo de nidificação às araras vermelhas (2), que vi voltearem em enormes bandos, até desaparecerem nas profundas galerias horizontais por elas mesmas abertas na barranca argilosa. Na margem de um córrego, pouco ao norte do Paredão, encontrei, ocupado pela ave respectiva, um ninho de macuco (Tinamus solitarius Vieill.) com seis ovos, primeiro registro da espécie no Estado de Mato Grosso.

⁽⁴⁾ Os resultados ornitológicos da expedição a Salobra foram divulgados no relatório apenso ao tomo I (1940) dos "Arquivos de Zoologia do Est. de São Paulo" (págs. 517-520). São ainda muito interessantes para o ornitologista o "Relatório" geral da Expedição redigido pelos drs. Lauro Travassos e J. F. T. de Freitas (Memórias do Inst. Oswaldo Cruz, XXXV, 1940, págs. 525-553) e a "Nota" publicada pelo dr. Lauro Travassos Filho no vol. I (dez. de 1940) dos "Papéis Avulsos" (págs. 57-63). (1) O objetivo principal desta expedição ao Rio Paraná, aliás frustrada, era con-

⁽¹⁾ O objetivo principal desta expedição ao Rio Paraná, aliás frustrada, era conseguir para as galerias da Exposição, couros e esqueletos de anta, cousa de que estava particularmente incumbido o sr. C. A. CAMARGO ANDRADE.

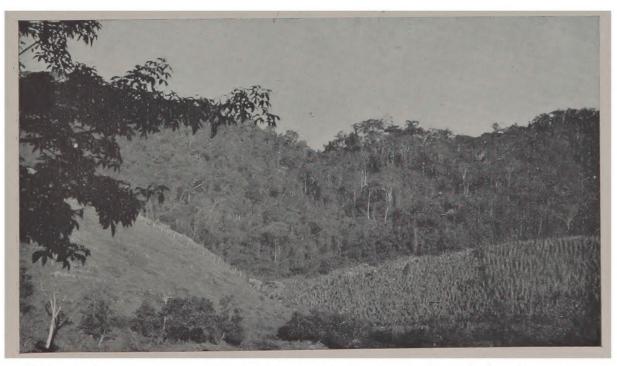
Devo mencionar ter tomado também parte nesta viagem, como auxiliar voluntário, meu irmão Nelson A. de Oliveira Pinto, cuja ajuda só não foi mais valiosa por ter adoecido de malária, moléstia endêmica em quase tôdas as margens do Rio Paraná e seus afluentes.

⁽²⁾ A arara vermelha comum (Ara chloroptera Gray) foi a única que me foi dado observar na barranca vertical a que chamam Paredão. Não obstante, informaram-me que a espécie azul e amarela (Ara ararauna (Linn.)) frequenta também o mesmo lugar.

-Arquivos de Zoologia, Vol. IV - Publ. do Dep. de Zool. da Secr. da Agric. (S. Paulo, Brasil) -Olivério Pinto — Cinquenta Anos de Investigação Ornitológica



Morros circunjacentes à Vila de Monte Alegre, para mostrar a importância e distribuição das reservas de mata existentes na zona. (Foto Oliv. Pinto, maio de 1943).



Monte Alegre: vista da mata da Fazenda Bom Jesus, uma das mais importantes do distrito. (Foto Oliv. Pinto, maio de 1943).



Esta relativa inatividade da repartição no terreno das expedições de coleta foi todavia largamente compensada pela compra, ao sr. Olalla, da grande coleção de Aves e Mamíferos amazônicos já referida linhas atrás. Nesse extenso material, como ficou dito, observa-se a estranha circunstância de figurarem frequentemente nos rótulos, com as mesmas datas, localidades diferentes e muitas vêzes consideràvelmente distantes umas das outras. Essa singularidade sugere à primeira vista suspeitas no tocante à fidelidade notas que instruem cada exemplar e, por conseguinte, sôbre o valor científico mesmo da coleção. Origina-se, porém ela no fato de o colecionador responsável ter tido sempre a seu serviço uma turma de auxiliares, recrutados entre os elementos nativos. Alguns dentre êstes, quase sempre de origem indígena e às vêzes índios puros, após o necessário aprendizado, adquiriram surpreendente capacidade técnica para o preparo das peças, tornando-se colaboradores tanto mais preciosos quanto a isso se vinha acrescentar a sua proverbial superioridade como caçadores e batedores da mata. A encampação pelo sr. Olalla do trabalho individual dêstes colaboradores anônimos, posto que fidedígnos, nem por isso deixa de ser elemento de perplexidade e confusão para quem utilize o material, e de tornar-se eventualmente responsável pelas desconfianças a que há pouco me referi. Pessoalmente, todavia, não tenho motivos para suspeitar das procedências inscritas nas etiquetas dos espécimes, visto como ainda não me aconteceu encontrar espécie ou raça atribuida a região em que sabidamente estas não ocorrem.

Não seria possível discriminar a atividade particular de cada um dos colaboradores do colecionador em questão; nem isso parece indispensável. Alguns vivem ainda, ao passo que outros já não existem, vitimados às vêzes no exercício do arriscado mister a que se aventuraram. Dois dos mais aptos (1), ao tomarem parte numa expedição zoológica à Bolívia (1938), sucumbiram à variola, moléstia a que, como se sabe, raramente resistem os índios da América do Sul. A julgar porém pelas informações verbais que me foram ministradas, parece merecedor de destaque especial o nome do indio peruano Bernardino Acho que, enquanto se realizava a aludida expedição ao alto Juruá, teve a seu cargo a tarefa de colecionar

⁽¹⁾ Bernardino Acho foi, com Augustin Sia, um dos desditosos rapazes que encontraram a morte na expedição à Bolívia referida no texto. A longa tarefa realizada pelo primeiro no Tapajoz e adjacências, é índice eloquente do valor e capacidade dêstes índios, quando aproveitados em misteres adequados à suas naturais propensões.

intensivamente aves e mamíferos na região do baixo Tapajós (de começos de 1936 a meados de 1937).

Traçar aqui quadro completo e cronológico das localidades amazônicas representadas nas coleções a que venho referindo, convém insistir, é tanto mais impraticável quanto às razões acima expostas acresce a circunstância de que no vasto material assim reunido só parte relativamente pequena dêle me é acessível. Muitas das estações de coleta mais importantes não figuram até entre as que aparecem nas séries adquiridas pelo Museu Paulista, ou pelo Departamento de Zoologia, todo o fruto nelas alcançado tendo sido remetido para a instituição a que o coleconador se obrigara a servir, numa época em que ainda não haviam sido decretadas as leis salutares que atualmente regulam em nosso país a exportação dos objetos histórico-naturais.

Abstração feita das aves do baixo Tapajós, de que já houve menção nesta resenha, e dos poucos espécimes ornitológicos com o rótulo de Casa Nova, no Rio Arapiuns (julho de 1934), os mais antigos nas coleções em apreço datam de 1935. Procedem ainda da região do Amazonas inferior e incluem não só o baixo Tapajós, como vários pontos da margem septentrional do Amazonas, oposta à barra daquêle seu grande tributário (zona de Alenquer e de Óbidos). Entre os primeiros, temos exemplares de Santarém (obtidos entre março e julho) e de Caxiricatuba (exemplares de março a setembro), pequeno sítio da margem direita do Tapajoz (cêrca de 6 léguas ao sul de Santarém), insistentemente explorada por OLALLA ou seus prepostos, antes e depois desta época. No número das últimas aparecem humílimos lugarejos que não me foi possível localizar exatamente, tais como Patauá (1) (janeiro de 1935), Lago Cuipeva (fevereiro e abril), Igarapé Bravo (abril) e Igarapé Boiuçu (abril).

Em tôdas estas estações, o colecionador responsável, que estava neste tempo domiciliado em Santarém, consta ter inicialmente orientado os trabalhos; mas a maior parte da tarefa deve ter cabido aos seus empregados ou prepostos, visto como, mudando-se pouco depois para Manaus, aí passou também a se ocupar ativamente da coleta de mamíferos e aves (exemplares de abril, maio e junho de

⁽¹⁾ Que não deve ser confundida com Patauá, sete quilômetros a leste de Tauari, no baixo Tapajoz (marg. direita), onde, em data anterior (1932-1933) fizera Olalla coleções para o Museum of Comparative Zoology (cf. Griscom & Greenway, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, 1941, págs. 85 e segs.).

ARQUIVOS DE ZOOLOGIA, VOI. IV - Publ. do Dep. de Zool. da Secr. da Agric. (S. Fanlo, Brasil) Олубяю Рімто — Cinqüenta Anos de Investigação Ornitológica

Grandes derrubadas à margem do Rio Paranapanema, próximo à Corredeira das Flores. (Foto Garbe, setembro de 1943).



1935) (2). Codajaz, localidade da margem septentrional do baixo Rio Solimões, pouco à oeste da barra do Rio Negro, foi também explorada intensamente nos mêses de junho e agôsto, de que igualmente datam, como vimos, uma parte das coleções feitas no curso inferior do Tapajoz. Esta região, ao que parece, continuou a ser campo de atividade dos colecionadores do sr. Olalla durante todo o ano de 1936. Seja como fôr, provêm de maio, junho e julho dêsse ano quase todos os exemplares de Piquiatuba, lugarejo da margem direita do baixo Tapajoz, próximo de Santarém, enquanto são de dezembro (2 a 30) os da foz do Rio Curuá do Sul, pequeno afluente da margem meridional do Amazonas, a leste de Santarém. Bom Jardim é outra estação da margem sul do Amazonas inferior, testemunhada por amostras coligidas durante o mês de marco (10 a 24). Nos fins de 1936, com sede agora em Itacoatiara, passou a ser explorado o médio Amazonas, mediante visitas sucessivas aos rios, lagos e lugarejos da região. Entre êstes merece destaque particular um rio ou igarapé, importante formador do grande Lago Saracá, que um estreito braço liga à margem norte do Amazonas, pouco a leste de Itacoatiara. Em nossa coleção, procedem do Rio Anibá exemplos numerosos, cacados no curso do ano de 1936 (marco, abril. junho, agôsto e novembro) e durante o primeiro semestre de 1937 (janeiro, fevereiro, abril, maio e junho), série por si só bastante representativa da avifauna da região. Silves, povoado sito ao norte do lago a que deve o nome, também contribue com bom número de amostras colhidas em junho e julho de 1937, pelos auxiliares AL-MEIRINDO SOARES e AUGUSTIN SIA. Delas são contemporâneos os espécimes caçados no rio Atabani (junho e julho), que é antes um ribeiro, de embocadura muito próxima àquela localidade. O Lago Canaçari, que fica aproximadmaente uma légua ao norte de Itacoatiara, concorre com espécimes coligidos em abril e 4 de maio de 1937; o Lago do Serpa, que demora logo abaixo de Itacoatiara e não passa de uma expansão do próprio Amazonas, aparece com peças datadas de novembro de 1936 e janeiro de 1937, a que se vêm acrescentar algumas outras obtidas em data ulterior (dezembro de 1938). Todos êstes pontos se situam na margem esquerda (norte) do Amazonas, à qual também vêm ter as águas do inhóspito Rio Urubu, assinalado na coleção por testemunhas obtidas em março, maio e junho do último ano. Outro tanto não acontece porém com

⁽²⁾ Veja-se O. Pinto, "Notas de Ornitologia Amazônica", em Rev. Museu Paulista, tomo XX, 1936, pág. 230 e segs..

o Lago do Batista, uma das estações mais largamente representadas entre as aves da época de que nos estamos ocupando. Por informação, sei que o dito Lago se localiza próximo à margem direita do Amazonas, pouca distância a leste da foz do Rio Madeira, em oposição portanto à região de Itacoatiara. O dilatado período de que datam os exemplares de Lago do Batista (março e abril de 1936, janeiro a julho de 1937, março, abril, maio e junho de 1939), prova que ali foram mantidos colecionadores residentes, à semelhança do que houvera sido feito no baixo Tapajoz. A importância das aves de Lago do Batista para o Departamento de Zoologia provem principalmente do fato de serem pràticamente as únicas que êle possui da região do Rio Madeira, uma das mais ricas em endemismos e variedade de formas. Duas ou três amostras caçadas em Pôrto Velho, de passagem, pelo próprio SR. OLALLA, em novembro de 1939, é tudo quanto temos da bacia do grande rio.

A época em que se desenvolveram estas atividades tendo Itacoatiara como base, coincide em parte com a da já referida viagem ao alto Rio Juruá, por iniciativa do conde Gyldenstolpe, o competente ornitologista do Museu Real de Stockolmo. Como vemos pela descrição vinda a lume (1), acompanhado de vários ajudantes, aportou o colecionador a João Pessoa (antiga São Felipe) em 8 de julho de 1936, aí permanecendo até 20 de outubro do mesmo ano. A partir desta data a coleta de espécimes zoológicos prosseguiu a cargo dos diligentes auxiliares, os quais, sem esmorecimento, continuaram a trabalhar até 11 de janeiro de 1937. Desta coleção apenas veio a ser adquirido pelo Departamento de Zoologia o material reunido na segunda fase da expedição (entre 12 de outubro de 1936 e 6 de fevereiro de 1937). Fazendo ainda centro em João Pessoa, de cujas imediações provém o grosso da série, os auxiliares do colecionador contratado, passando-se para o outro lado do rio, ocuparam-se também em demorada inspeção à parte alta do Rio Eiru, importante afluente da margem direita do Juruá, de foz situada a pequena distância daquela cidade, águas abaixo. Ali a estação de coleta foi Santa Cruz (margem direita), minúsculo sítio de que há na coleção exemplares com datas de 20 de outubro a 30 de novembro. Outro ponto do Eiru, Santo Antônio, situado aparentemente na parte baixa do rio (margem direita), já havia concorrido com muitos exemplares, estando ainda presente o chefe da expedição (co-

⁽¹⁾ A. M. OLALLA, "Un viaje hacia el rio Juruá", Rev. Mus. Paul., XXIII, págs. 235-297 (1937).

meços de outubro). O Igarapé Grande, que aparece ligado a espécimes caçados entre 3 e 25 de janeiro de 1937, é um pequeno tributário do Juruá (perto de João Pessoa), que também visitaram os ajudantes de Olalla. O material de tôdas estas coleções dos rios Juruá e Eiru acha-se repartido integralmente entre o Museu Real de Stockolmo e o Departamento de Zoologia de São Paulo. Embora não tenha sido ainda objeto de nenhum estudo de conjunto, é certo que dêle advieram apreciáveis acréscimos aos resultados conseguidos por Garbe em 1902, já oferecendo algumas formas não descritas, já permitindo também incluir na avifauna do Brasil várias outras tidas até então como extra-limitais (1).

1940

O ano de 1940, conta-se entre os mais felizes para o desenvolvimento das coleções ornitológicas, pois que a elas vieram acrescentar-se, além de numerosas pequenas achegas, duas grandes séries eminentemente representativas da avifauna do Brasil este-meridional.

Diante das animadoras impressões colhidas numa rápida visita (em abril, 6 a 9) à Fazenda Poço Grande, (3), situada na confluência do córrego do mesmo nome com o Rio Juquiá-Guaçu, tributário do Rio Ribeira, ficou resolvido fazer no referido local uma excursão regular, no mês de maio seguinte. Tendo contratado os serviços do sr. A. Olalla, que acabara de fixar residência em São Paulo, deixamos esta cidade a 11 de maio e já a 12 colecionavam-se os primeiros espécimes. Embora a permanência tivesse sido muito breve, visto como não se estendeu além de uma dezena de dias (as peças foram coligidas entre os dias 12 e 21) obtiveram-se resultados surpreendentes. Foram colecionados nada menos de 473 exemplares de aves, figurando entre as espécies algumas das mais características e raras da avifauna silvestre da faixa oriental montanhosa de São Paulo. No número dêstes achados preciosos, destaco um casal de Psilorhamphus guttatus e outro de Platyrinchus platyrhynchos,

⁽¹⁾ Cf. Nils Gyldenstolpe, "Preliminary Descriptions of some new Birds from the Brazilian Amazonas", Ark. f. Zool., Bds. 33, n.º 12, pgs. e sgs. (1941).

⁽³⁾ A Fazenda Poço Grande é uma antiga propriedade, onde o primeiro a colecionar espécimes ornitológicos foi A. Hempel. O Departamento de Zoologia possui algumas destas peles de Poço Grande, caçadas nos começos dêste século.

dois pássaros de que nas coleções do Departamento não havia mais que exemplares únicos caçados por E. Garbe, muitos anos atrás. Como quase tôda encosta marítima da Serra do Cubatão, a região de Poço Grande abrange grandes extensões de mata virgem. A estação era também das mais propícias para a coleta ornitológica, coincidindo com a época do ano em que, cessadas as chuvas de verão, a natureza se mantém ainda propícia e acolhedora à passarada, cuja plumagem de inverno se ostenta em tôda a sua frescura.

A mais importante porém das expedições feitas durante o ano em foco, pela sua duração e abundância de frutos, foi a realizada pelo Autor ao vale do Rio Doce, Estado de Minas Gerais, no curso do segundo semestre. Como anteriormente, os trabalhos de preparação estiveram principalmente a cargo do sr. Olalla e seus imediatos auxiliares; mas tomou também parte dela o sr. W. Garbe, a que ficou afeta a documentação fotográfica.

Partindo de São Paulo a 11 de agôsto, rumo a Belo Horizonte, já na manhã de 14 se achava a comitiva localizada junto à confluência dos rios Doce e Piracicaba (margem direita), no lugar chamado Fazenda Pedra Mole, hoje propriedade do Estado de Minas Gerais, que ali demarcou, com a denominação de Parque Florestal do Rio Doce, uma extensa reserva de mata virgem (1). Trabalharam os colecionadores neste lugar dos dias 17 de agôsto a 9 de setembro, visitando ora as adjacências do Piracicaba, ora o próprio Rio Doce, cuja margem oposta (esquerda) foi percorrida assìduamente, águas acima. Depois daí, buscando porção mais baixa do Rio Doce, passaram-se os excursionistas para a barra do Rio Sussuí, grande afluente septentrional daquêle, onde pareneceram de 13 a 24 de setembro, iniciando a seguir a viagem de retôrno. Detendo-se na cidade de São José da Lagoa (já por êsse tempo mudada em Presidente Vargas), deliberamos conhecer a fauna da região montanhosa que lhe fica ao norte e se estende sem descontinuidade até o grande massiço ferruginoso do Itabira. Assim, dirigimo-nos para a Fazenda Boa Esperança, que se situa próximo às cabeceiras do Córrego do Pissarrão, um dos escoadouros por onde as águas da Serra da Cacunda e suas vizinhas alcançam o leito caudaloso

(1) A escolha do local pela Expedição deve-se ao sr. Rodolfo Ehlert, Diretor do Parque, graças também ao qual foi possível ocupar a pequena casa ali existente.

Pouco tempo depois (Arq. de Zool. do Est. de São Paulo, vol. II, Anexos, págs. VII e segs.), deu o Autor sucinta notícia da excursão, acompanhada de algumas fotografias. Uma parte das duplicatas de mamíferos e aves obtidas nas várias estações foi enviada para o Museum of Comparative Zoology, cuja cooperação com o Departamento de Zoologia obedeceram às normas antes adotadas pelo Museu Paulista.

do Rio Piracicaba. Aí as matas se limitam quase que só ao tôpo dos morros, de onde talvez já tenham até desaparecido inteiramente, de tal modo ativa era a derrubada que se lhes movia então, com o fim de serem convertidas em carvão vegetal, produto hoje consumido insaciavelmente pelas usinas siderurgicas instaladas em Monlevade e noutros pontos do vale do Rio Doce.

Durante o primeiro semestre de 1940 (março a junho), trabalhando por conta própria, reuniu o sr. W. Garbe no sul de Goiaz uma série de exemplares, caçados todos na Fazenda Transwaal (Município de Rio Verde), cujas terras são cortadas pelo Rio Claro e pertencem à zona dos campos do Brasil central. Esta primeira remessa foi ampliada no ano seguinte (1941) pelo próprio sr. Garbe, que voltou ao mesmo local e nele permaneceu de abril a novembro (1).

Pequenas excursões nas cercanias mesmo da Capital paulista continuaram a proporcionar uma ou outra vez, achados interestantes. Entra nesse número uma bonita série do passarinho apropriadamente conhecido pelo nome de "galito" (Alectrurus tricolor Vieill.), conseguida numa rápida visita feita por mim e Pinto da Fonseca aos campos de Cumbica, junto de Guarulhos, em 9 de dezembro do ano de que nos vimos ocupando. Havia no lugar muitos casais nidificantes do curioso tirânida, cuja ocorrência está condicionada a movimentos migratórios ainda não estudados.

Neste lugar cabe mencionar ainda o presente, feito pela Fundação Rockefeler, de numerosos exemplares ornitológicos coligidos no Estado do Espírito Santo. Constituem êles parte de uma grande coleção ali reunida pelo E. G. Holt, distinto ornitólogo norte-americano, que trabalhara durante vários mêses na parte baixa daquêle Estado oriental a interêsse do Serviço da Febre Amarela, com o fito de investigar as relações possívelmente existentes entre a avifauna e a propagação da forma silvestre da terrível doença. Embora quantitativamente pequeno, vale o referido lote pela variedade de formas nele contidas, algumas das quais até aí não representadas nas nossas coleções. Os trabalhos de colecionamento, com a colaboração de vários elementos nacionais como H. F. Berla, G. Dutra e L. C. Ferreira, prolongaram-se por vários mêses da se-

⁽¹⁾ Do primeiro lote fazia parte um & adulto de Oxypelia cyanopis, exemplar precioso que foi pôsto à disposição do Dr. Thomas Barbour, Diretor do Mus. of Compar. Zoology, cujas velhas relações conosco aparecem referidas mais de uma vez no presente trabalho. Uma Q. conseguida a 11 de outubro na segunda visita de Garbe, faz hoje parte das coleções do Departamento de Zoologia.

gunda metade de 1940 (espécimes com datas de agôsto a novembro) e abrangeram diferentes estações e localidades. A maioria dos exemplares, porém, procede de Páu Gigante, a mesma onde esteve Garbe em 1906; Colatina, na margem esquerda do Rio Doce, concorre também com boa parte, enquanto que só umas poucas amostras trazem como procedência Santa Cruz.

Ainda em 1940, animado pelas impressões colhidas numa prévia inspecção (os poucos exemplares caçados nesta oportunidade trazem a data de 11 de novembro), enviou o Departamento de Zoologia em meados de dezembro uma pequena turma de colecionadores à zona de Santa Cruz dos Parelheiros, minusculo lugarejo que se situa a sudeste da cidade de São Paulo, além das grandes represas de Santo Amaro e não longe da Serra do Cubatão. Esta viagem, de que tomaram parte os srs. Carlos da Cunha Vieira, Assistente do Departamento de Zoologia, e A. Olalla, colecionador contratado, realizou-se em meados de dezembro; mas o mau tempo impediu que se confirmassem as esperanças dos expedicionários, pois que acossados pelas incessantes chuvaradas da serra, já antes de janeiro estavam de volta, tendo apenas visitado o pequeno povoado de Embura, de onde pràticamente procedem tôdas as amostras trazidas (com datas de 16 a 25 de dezembro).

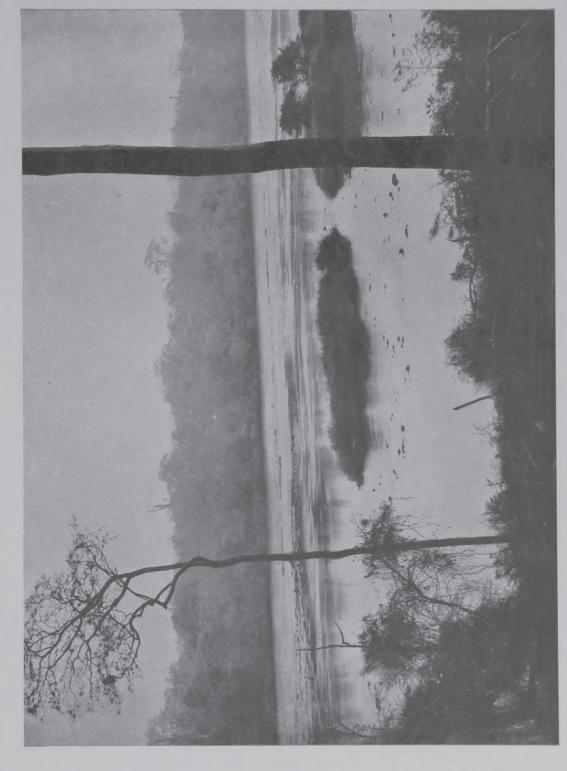
Entre as acessões verificadas em 1940, merece ainda, referência uma série de exemplares ornitológicos colecionados em Iha Sêca, no baixo Tietê (Estado de São Paulo) e Salobra (sul de Mato Grosso) pelo pessoal da 3.ª Excursão à zona da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (1).

1941

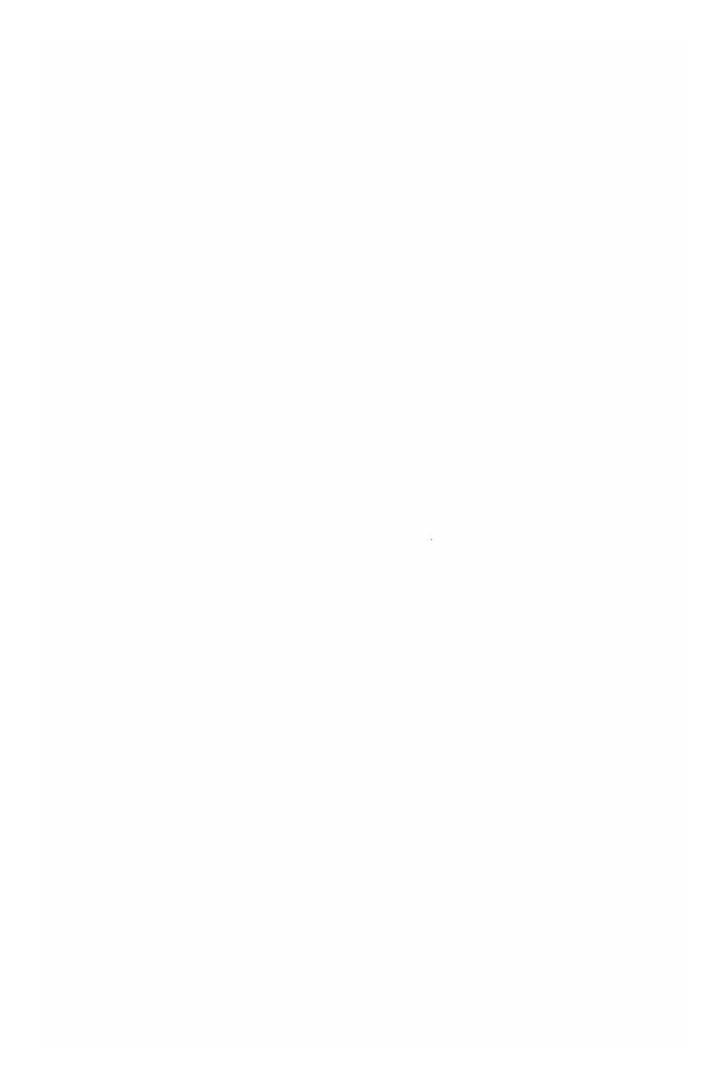
Os dois primeiros mêses de 1941 acham-se na coleção ornitológica devidamente assinalados através de numerosas peles do baixo Tietê adquiridas ao sr. Olalla. Estes exemplares trazem como procedência "Fazenda Varjão", ou senão "Barra do Rio Dourado", mas representam uma mesma estação zoogeográfica, fácil de localizar nos mapas, onde é raro faltar o nome daquêle curso d'água, que é um afluente da margem esquerda (ou meridional) do Rio Tietê, e desagúa ao norte da cidade de Lins. Data também de ja-

⁽¹⁾ Em anexo ao relatório geral publicado por Lauro Travassos no tomo XXXV das Memórias do Inst. Oswaldo Cruz (fascículo 3, abril de 1941), fornece Carlos Vieira a relação completa dos espécimes obtidos (págs. 668-672).

ARQUIVOS DE ZOOLOGIA, Vol. IV - Publ. do Dep. de Zool. da Secr. da Agric. (S. Paulo, Brasil) Olivério Pinto — Cinqüenta Anos de Investigação Ornitológica



Vista do Rio Paranapanema, próximo à Corredeira das Flores, no Município de Assiz, Estado de São Paulo. (Foto Garbe, setembro de 1943).



neiro de 1941 uma série de peles preparadas pelo sr. José L. de Lima em Salobra, por ocasião de uma nova expedição científica efetuada no sul de Mato Grosso pelo pessoal do Instituto Oswaldo Cruz.

Pelo mês de junho seguiu o sr. Lima para a Fazenda Japuiba, no litoral do Rio de Janeiro, próximo a Angra dos Reis. Ali, entre 17 e 28 de junho, reuniu variada representação da avifauna silvestre peculiar à tombada marítima da serra. Mais tarde, em começos de outubro, incorporado à comitiva organizada pela divisão entomológica, partiu de novo o sr. Lima para a localidade de Pôrto Cabral, situada no extremo-oeste do Estado de São Paulo, à margem esquerda do Rio Paraná, onde colecionou até meados de novembro.

Mas, em 1941, de tôdas as excursões a mais importante para a Divisão de Aves foi a que empreendeu o Departamento de Zoologia na faixa litorânea compreendida entre o extremo-norte do Estado de São Paulo e os limites septentrionias do Rio de Janeiro. Deixando a Capital paulista na manhã de 21 de agôsto, (1) já na tarde do dia seguinte me achava acampado no sítio de "Vargem Alegre", próximo às cabeceira do Rio Paca Grande, que nasce nos altos da Serra do Mar a leste da cidade paulista de Bananal, e corre para o oceano, na costa meridional do Estado do Rio de Janeiro. No dia imediato, tendo se tornado necessário escolher outro ponto para sede, volvemos meia légua atrás, até a Fazenda Califórnia, onde a 24 tinham já início os trabalhos de coleta, embora as condições atmosféricas se mostrassem muito desfavoráveis, prenunciando o mau tempo que nos haveria de perseguir em tôda a temporada na serra. O Rio Paca não distava mais de meia légua dêsse lugar, pelo que a 29 foi feita uma excursão às suas margens, através de exuberante mata, onde os aracazeiros, ao lado de outras alterosas árvores frutíferas, atraiam grande quantidade de passarinhos. Do mais alto das frondes vinha até nós o longo e melancólico assobio da "saudade" ou "assobiador" (Tijuca nigra Lesson), cotingida eminentemente característico da avifauna silvestre dos pontos culminantes daquêle trecho da Serra do Mar. Uma meia dúzia de exemplares desta espécie preciosa foi abatida, entre adultos de ambos os sexos e jovens. O lindo tirânida de penacho em leque, Onychorhynchus swainsoni (Pelzen) vive também naquelas paragens, visto como cacei eu próprio uma fêmea adulta junto à margem mesmo do Rio Paca. Descendo a crista da serra, chega-se ao vale chamado Brejão, ponto

⁽¹⁾ Nesta expedição foi utilizado o caminhão especial do Depart. de Zoologia, o que permitiu à comitiva maior liberdade de movimentos e grande economia de tempo.

muito procurado pelos caçadores esportivos, mas onde não se fez nenhum achado de interêsse. Todo o material colecionado nesta primeira etapa da expedição traz como procedência no "Catálogo de Aves" de O. Pinto "Serra de Bananal", que se me afigura mais exato e preciso do que Serra da Bocáina, com que a princípio, pensou-se rotulá-lo.

Pela manhã de 1.º de setembro, deixamos a Serra em demanda da cidade do Rio de Janeiro, de onde a 4, depois de atravessar a baia até Niteroi retomavamos a estrada, rumo à cidade de Campos, ao norte do Estado daquêle nome. A viagem neste dia não foi além de Maricá. No dia seguinte, com escala por Cabo Frio, Barra de São João e Macaé, fomos já noite alta, e depois de atravessar penosamente extensos areiais, pernoitar no lugarejo que deve a existência à grande Usina Acucareira de Quissamã. Chegando em Campos a 6, neste mesmo dia seguiamos para as margens da Lagoa Feia, onde se instalou acampamento na colônia de pescadores conhecida por Ponta Grossa. Em volta da imensa Lagoa o solo era chato e desprovido de qualquer vegetação, gramíneas à parte. Foi de todo mal sucedida a caca às marrecas, incentivo principal da visita ao lugar; contudo grandes bandos foram várias vêzes vistos levantar vôo, em pontos distantes. Os resultados ornitógicos dessa estação cifraramse quase exclusivamente nos espécimes, caçados pelo sr. Olalla, de Phleocryptes melanops, curioso furnariida que frequenta a vegetação marginal da Lagoa e é ali conhecido pelo nome de "estaladeira".

Para a viagem de volta, adotou-se outro itinerário. Saimos de Campos (8 de setembro) pela estrada de São Fidelis, que acompanha o curso do Rio Muriaé e apresenta desde logo perspectivas completamente novas, nas quais sobressaem colinas e morros, vestidos nos trechos mais altos de extensões variáveis de mata. Interrompendo a viagem em Cardoso Moreira, pequena Vila situada à margem do mais baixo trecho do referido rio e cercada de numerosos banhados e lagoas, fez-se, entre os dias 10 e 13 de setembro uma pequena coleção adicional, em que se incluiram alguns anátidas. Depois daí, como as chuvas se tornassem cada vez mais persistentes, a viagem prosseguiu sem nenhuma interrupção útil, até São Paulo, Mas, a 20, deixavamos novamente esta cidade, em demanda da Serra do Cubatão, no trajeto da estrada recém-construida para a vila litorânea de Caraguatatuba. Ainda desta vez, por culpa do mau tempo, nenhum resultado apreciável se poude conseguir nos poucos dias (23 a 27 de setembro) de insistentes batidas à espêssa mata que cobre tôda a região.

Em 1942 só uma expedição de vulto empreendeu o Departamento de Zoologia: a que, em companhia do sr. Benedito Soares, assistente entomologista e ainda com a participação do sr. Olalla, realizou o Autor no Estado do Espírito Santo, durante os mêses de agôsto a outubro. Utilizando a via férrea, deixamos São Paulo a 14 de agôsto e chegamos em Vitória a 17, no momento mesmo de assistir ao grande movimento de indignação popular consecutivo ao afundamento, próximo à costa, de várias unidades da marinha mercante nacional, por torpêdos inimigos. A primeira estação de coleta foi o sítio denominado Chaves, situado na serra, a meia distância entre Vitória e a localidade de Santa Tereza. Aí, com sede numa pequena casinha pertencente à fazenda dos srs. Vervloet e rodeados por extensos laranjais floridos, colecionamos ativamente de 20 de agôsto a 8 de setembro, percorrendo diàriamente as reservas de mata que ainda cobrem, em vastas extensões, as encostas dos montes. Mas, como leio ao correr os olhos às páginas de meu diário, a avifauna se mostrava muito pobre, no que toca principalmente às espécies de interêsse venatório. A despeito disso, um ou outro achado interessante foi feito, merecendo referência particular um casal de Gouldomyia langsdorffi langsdorffi (Temm.), lindo e raro beija-flôr, que entre a mutidlão das espécies mais banais, aparece uma vez por outra nas laranjeiras do pomar. Alguns, como Stephanoxys lalandi (Vieill.), às laranjeiras preferiam as árvores de Eucalyptus, que nos deram boa e variada série. Sob a sombra da mata, junto à pequeno riacho, Olalla conseguiu cacar um exemplar de Cichlopsis leucogenys leucogenys (Caban.), raro túrdida cuja ocorrência na zona já era conhecida através de alguns exemplares caçados em Santa Tereza pelo sr. Augusto Ruschi, naturalista-colecionador do Museu Nacional. Observação digna de nota foi ainda a de um bando das pequenas andorinhas da espécie e raça Neochelidon tibialis tibialis (Cassin), cujo único exemplar de procedência autênticamente conhecida até então era o caçado por Euler, em Cantagalo. De entre alguns exemplares abatidos por Olalla, só um poude entrar para a coleção; os outros se perderam por entre o labirinto de troncos derribados por sôbre um córrego de montanha, sendo arrastados pela correnteza.

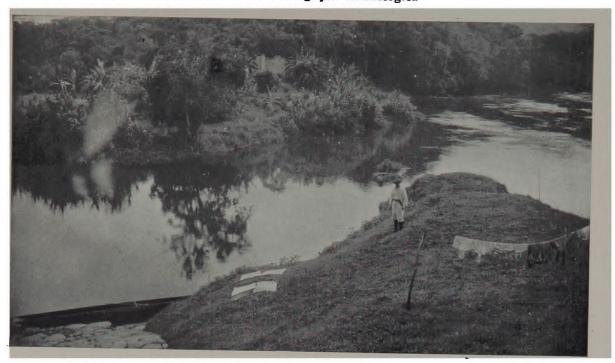
A segunda etapa da expedição foi feita no Rio São José, que é o formador principal da grande Lagoa Juparanã, e pode ser considerado, até certo ponto, o espraiamento daquêle rio em vasta bacia natural, antes de derramar-se na margem septentrional do baixo Rio Doce, perto de Linhares. O Rio São José tem sido desde longo

tempo muito procurado pelos caçadores e goza ainda da fama de possuir fauna muito rica e abundante. Para alcançá-lo, após descer a serra pela abrupta escarpa que conduz ao vale de Canaã, atravesmos o Rio Doce em Colatina e depois o Rio Pancas, seu afluente pela margem septentrional. Até o povoado de São Domingos, não longe do córrego do Sabiá, afluente da margem direita do São José, a região está hoje inteiramente despida de matas, oferecendo o mais desolador aspecto; mas, a partir da confluência do córrego há pouco mencionado, o São José corre por entre grandes matas, que na margem esquerda, ladeada neste trecho de altos morros, permanecem quase intactas. Acampados à margem direita do rio, trabalharam os colecionadores de 13 a 30 de setembro, com resultados sempre inferiores aos que seria de esperar. O mutum de bico-vermelho, Crax blumenbachii (Spix.), procurado com grande afã, apresentava-se raríssimo, um único exemplar tendo sido conseguido graças à ajuda de hábil cacador local, de nome Junga. Araras vermelhas (Ara chloroptera (Gray) são já bem pouco frequentes e quanto a papagaios só se viam os jurus (Amazona farinosa farinosa (Bodd.)), mesmo assim pouco abundantes e extraordinàriamente esquivos. Em compensação, os grandes urutáus (Nyctibius grandis (Gmelin)), não são nada raros, dois magníficos espécimes de diferente sexo tendo sido abatidos em noites sucessivas, no tôpo de um tronco sêco, sobranceiro ao nosso acampamento e quase na barranco do rio. Nos últimos dias da estada em São José as chuvas aumentaram de frequência, fazendo crescer enormemente as águas do rio, cuja largura no local é de 25 metros. Quando deixamos o lugar, o rio, que a princípio permitia passagem a váu, ameaçava transbordar, tendo já submergido inteiramente a ponte de paus construida nos primeiros dias da nossa permanência.

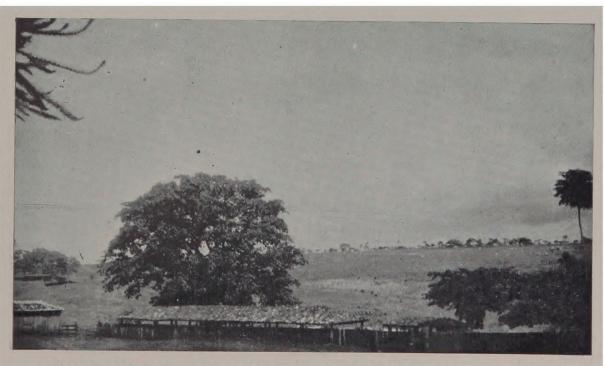
De volta do São José, fez-se curto estágio em Santa Tereza (2) a 6 de outubro), com o fim de explorar zoològicamente as matas convizinhantes. Os resultados foram porém tão pouco animadores que na manhã de 7 descemos a serra, rumo a Vitória.

A última etapa da expedição foi em Guarapari (10 a 20 de outubro), pequena vila situada em agradável enseada da costa espírito-santense, cêrca de 70 quilômetros ao sul de Vitória e a que nos levou o desejo de colecionar aves limícolas e oceânicas. A comitiva instalou sua sede na povoação de Muquiçaba, que fica ao norte da vila e desta é apenas separada pelo esteiro de água salgada. O local mostrou-se logo pouco promissor para a coleta de aves ribeirinhas. Nas praias e rochedos costeiros viam-se escassos maçaricos e só

Arquivos de Zoologia, Vol. IV - Publ. do Dep. de Zool. da Secr. da Agric. (S. Paulo, Brasil) Olivério Pinto — Cinquenta Anos de Investigação Ornitológica



Confluência dos Rios Iporanga e Ribeira de Iguape, no sudeste extremo do Estado de São Paulo. (Foto L. Lima, janeiro de 1944).



Fazenda de criação próxima de Batatais, no norte do Estado de São Paulo. (Foto L. Lima, dezembro de 1943).



umas poucas espécies, entre as quais o chamado "maçarico de bico torto" (Numenius phaeopus hudsonicus Latham), frequentavam o lodo das salinas adjacentes ao longo branço de mar que serve de estuário ao Rio Machina (lê-se maxina). Foi êste braço de mar que subimos repetidas vêzes, procurando fugir aos areiões que em larga faixa debruam êste trecho do litoral, em alternância com os morros de granito que apontam para o oceano, semeando a costa de perigosos arrecifes. Para o interior desta planura litorânea aparecem algumas extensões de mata, onde ao colecionador se oferece oportunidade de reunir formas interessantes. Foi assim que, a 16, sob tempo nublado e chuvisqueiro persistente, vi à sombra úmida da mata, saltitando nos galhos, numerosos indivíduos da bonita rendeira de cabeça branca (Pipra pipra cephaleucos Thunberg), que muito me interessava conhecer em liberdade. O sai-azul (Cyanerpes cyaneus cyaneus (Linn.)), que não existe no interior montanhoso do Estado, é pássaro que aqui no litoral aparece com bastante frequência. Nos areiais da costa a espécie mais característica é o "sabiá da praia" (Mimus gilvus antelius Oberholser), cujo canto é o mais melodioso de quantos se ouvem neste ambiente geográfico.

1942-1943

Em meados de 1942, como parte de um completo levantamento fisiográfico, empenhou-se o Departamento de Zoologia pela exploração avifaunística do Distrito de Monte Alegre, pequena localidade situada à margem do Rio Camanducaia (Estado de São Paulo, ao norte de Amparo), por entre montanhas pertencentes às ramificações meridionais da Serra da Mantiqueira. Com êsse fito incumbiu-se o sr. José Lima de realizar no local várias pequenas excursões, escalonadas de modo a facilitar a coleta das formas endêmicas, como também das que ocorrem no lugar só em determinadas estações. Zona antiga, de terras cançadas e quase sem matas, ela hoje nem de longe pode lembrar o que terá sido noutros tempos. Seu recenceamento ornitológico nem por isso deixou de ser interessante do ponto da maior ou menor resistência das espécies às mudanças do meio, sob a ação do homem.

O resultado destas investigações, com base no material colecionado e nas impressões pelo próprio Autor colhidas no local, foram objeto de estudo particular dado a lume pouco tempo atrás (1).

No ano de 1943, as primeiras entradas correspondem a material de Monte Alegre, coligido por Lima nos mêses de janeiro e fevereiro, vindo depois a pequena série obtida pelo sr. Emílio Dente nas proximidades de Cajurú, localidade do norte de São Paulo, não distante do Rio Pardo.

As outras expedições empreendidas pela repartição no referido ano foram de curta duração e circunscreveram-se aos limites do Estado de São Paulo. Como quase sempre, por motivos de ordem administrativa, foram realizadas depois do inverno, no curso do segundo semestre, estação propícia à coleta de ovos e ninhos, mas muito pouco favorável ao colecionamento de espécimes, visto a proporção grande de jovens e o precário estado da plumagem dos adultos.

Estive presente em duas, acompanhado do sr. J. Lima e de outros auxiliares pertencentes ao quadro da repartição. A primeira foi à margem direita do Rio Paranapanema, junto à Cachoeira das Flôres (Fazenda Palmira), e ao sul da cidade de Assiz. Infelizmente, hoje já muito pouco existe da grande floresta virgem de anos atrás; quase tudo quanto se vê são trechos mais ou menos extensos de mata, isolados por largas faixas de terreno descoberto, e despojados quase sempre das árvores maiores e comercialmente mais importantes, como a peroba-rosa e o cedro. Daí a impressionante pobreza da fauna, comparável à das velhas zonas intensamente cultivadas. Do lado oposto do rio, no Estado do Paraná, como a Natureza foi muito mais poupada, é grande a diferença, abundando ainda os padrões da avifauna silvestre da região, tais como os grandes tinâmidas. Com grande esfôrço, pouco mais de duas centenas de aves puderam ser colecionadas no espaço de 3 semanas (exemplares datados de 12 de setembro a 2 de outubro).

Mais insignificante ainda foi a coleta feita em Ubatuba numa breve excursão ali realizada em fins de novembro (dias úteis de 15 a 20). O insucesso destas viagens deve-se em parte à impropriedade da estação escolhida, mas significa também as condições em que já se acha a avifauna silvestre no Estado de São Paulo, não obstante a sua situação de vantagem com relação à do Rio de Janeiro.

⁽¹⁾ O. Pinto, "Sôbre as Aves do Distrito de Monte Alegre, Município de Amparo (São Paulo, Brasil)", Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia, vol. IV, págs. 117-159 (1944); idem, "Algumas Adendas à Avifauna de Monte Alegre", publ. cit., vol. VI, pág 135 (dez. de 1944).

Logo após a volta de Ubatuba (26 de novembro a 1.º de dezembro), esteve o sr. Lima em Mogi das Cruzes, trazendo novas achegas à série de exemplares obtidos de outras feitas no mesmo local, que é banhado pelo alto Rio Tietê e demora pouco ao norte de São Paulo. Frequenta os arredores variedade de caprimúlgidas, entre os quais o curiango tezoura (Macropsalis forcipata (Nitzsch)) e o singularíssimo Eleothreptus anomalus (Gould), a cuja procura foi especilamente o colecionador, sem aliás conseguir desta vez o seu objetivo.

Pouco depois, em dezembro foi o mesmo funcionário enviado a Batatais, com a incumbência de, acima de tudo, procurar algumas espécies relativamente raras, cuja existência em tempos idos naquela zona de campo é atestada por exemplares colecionados por E. Garbe. A tentativa resultou também infrutífera, fechando-se assim o ano de 1943 e, com êle, o período que neste trabalho se pretende historiar.



LISTA DAS LOCALIDADES DISTRIBUIDAS POR ESTADOS:

AMAZONAS

Codajaz Rio Anibá Dejedá Atabani Igarapé Grande Chiruã Itacoatiara Juruá Jauaretê Negro João Pessoa Purus Lago Canaçari Solimões do Batista Uaupés do Serpa Urubú Saracá Santa Cruz Luzia Manacapuru São Gabriel Manáus Silves Matupiri Membeca (Rio Mancapuru) Taracuá

Pôrto Velho

PARÁ

Iroçanga Alenquer Aveiro Itaituba Bela Vista Itapoama Belém do Pará Lagoa José-Açú do Ramos Boim Lago Cuipeva Bom Jardim Maués Casa Nova Monte Alegre Caxiricatuba Murutucu Óbidos Fazenda Marucu Paraná do Ramos Igarapé Boiuçu **Parintins** Bravo Ilha Grande Patauá Piquiatuba " de Marajó

Prainha Santarém
Rio Arapiuns Taperinha
,, Cunani Utinga

MARANHÃO

Boa Vista Miritiba Primeira Cruz

PERNAMBUÇO

Tapera (Fazenda São Bento)

Ilha de Itamaracá

BAHIA

Aratuípe Itabuna
Belmonte Jequié
Cachoeira Grande Joazeiro

Caravelas Nazaré das Farinhas

Cidade da Barra
Curupeba
Recôncavo
Fazenda Ditosa
Rio Gongogí
" Pitoresca
Ilha de Madre de Deus
Ilha da Bimbarra
Pontal
Recôncavo
Rio Gongogí
" Jucurucú
Santo Estevam
Serra do Palhão

" dos Frades Vila Nova (ou Bonfim)

Ilhéus

Espírito Santo

Chaves Pôrto Cachoeiro

Colatina Rio Doce
Córrego do Sabiá "Pancas
Guarapari "São José
Lagoa Juparanã Santa Cruz

Linhares " Leopoldina Muquiçaba " Tereza Páu Gigante São Domingos

RIO DE JANEIRO

Angra dos Reis Barra do Pirai Atafona Entre Rios Fazenda Japuiba Ilha Grande Lagoa Feia Nova Friburgo Petrópolis Rio Muriaé " Paraíba

São João da Barra

MINAS-GERAIS

Fazenda da Borda da Mata
Itajubá
Jaguaré
Mariana
Maria da Fé
Mayrinck
Mucuri
Pirapora
Pissarrão
Ponte Nova

Rio Doce " Matipoó " Piracicaba " Sacramento " São Francisco São José da Lagoa

Sete Lagoas Teófilo Otoni Vargem Alegre

São PAULO

Alto da Serra Alecrim Araçatuba Araraquara Avanhandava

Bananal Barretos Batatais Baurú Bebedouro

Braunau

Cã-cã (Rio Feio) Cachoeirinha Caconde

Campos de Cumbica
do Jordão

Cananéia Caraguatatuba

Corredeira das Flores

Cubatão

Fazenda da Borda da Mata

Fazenda Caioá

" Califórnia " Palmira

" Poço Grande " Varjão

Franca Glicério Guarulhos Icatú

Icatú Iguape

Ilha da Vitória

" de Santo Amaro " dos Alcatrazes

Ipiranga
Itapetininga
Itapura
Itararé
Itatiba
Itutinga

Itatība Itutinga Ituverava Jaboticabal Jaguaré

Jundiai

Juquiá

Lins

Matão

Mogí das Cruzes

Monte Alegre

Morrete

Olímpia

Patrocínio do Sapucaí

Piassaguera

Pilar

Piquete

Piracicaba

Pôrto Cabral

" do Cemitério

" Epitácio

Presidente Epitácio

Rincão

Rio dos Dourados

" Feio

, Mogi-Guaçú

.. Paca Grande

Rio Paranapanema

" Grande

" Grande (Estação)

Salto Grande do Paranapanema

Santa Cruz dos Parelheiros

Santos

São Luiz do Paraitinga

" Jerônimo

" José do Rio Pardo

" Manoel do Paraizo

" Miguel Arcanjo

.. Sebastião

Serra da Bocâina

, da Contareira

de Paranapiacaba

Silvânia

Sorocaba

Tabatinguara

Ubatuba

Valparaizo

Vanuire

Vila Bela

Vitória de Botucatú

PARANÁ

Castro

Fazenda Monte Alegre

Jacarezinho (ou Ourinhos)

SANTA CATARINA

Colônia Hansa

Joinvile

São Francisco do Sul

RIO GRANDE DO SUL

Itaqui

Nova Hamburgo

" Wurttemberg

Rio Uruguai

Santa Maria da Bôca do Monte

São Lourenço

Uruguaiana

MATO-GROSSO

Aquidauana

Barra do Cascalho

" " Paredão (Rio Paraná)

Campo Grande

Chapada

Corumbá

Coxim

Cuiabá

Fazenda Alegre

" Angelo Severo

" Carrapato

" Curralinho

" Gabinete

" Recreio

. Viramão

Ilha Cantagalo

" Taquaruçú

Lagoa da Serra Azul

Lagoa do Aldeiamento

Miranda

Pantanal dos Cavalos

Pontal

Pôrto Esperança

.. Faia

" Sapé

" Tibiriçá

Rio Araguaia

.. Cristalino

., das Mortes

Rondonópolis

Salobra

Santana do Parnaíba

São Luiz de Cáceres

Três Lagoas

Usina Santo Antônio

GOIAZ

Cana Brava

Catalão

Crixás

Fazenda Boa Vista

. Formiga

" Tomé Pinto

Transwaal

Goiabeira

Inhumas

Jaraguá

Matas de São Patrício

Nova Roma

Rio Claro

" das Almas.

" Pandeiro

" São Domingos



INDICE GERAL DAS LOCALIDADES (1)

			Pá	gina
Alcatrazes, Ilha dos (São Paulo) — 1920				291
Aldeiamento, Lagoa do (Mato-Grosso) — 1937				305
Alecrim (São Paulo) — 1925				292
,, ,, ,, -1927 				293
Alegre, Fazenda (Mato-Grosso) — 1938				306
Alto da Serra (São Paulo) — 1898				271
$,$ $,$ $,$ $,$ $-1904 \cdot \cdot \cdot \cdot \cdot \cdot$				276
,, ,, ,, ,, — 1911				282
Ângelo Severo, Fazenda (Mato-Grosso) — 1937.				305
Angra dos Reis (Rio de Janeiro) — 1905				277
				311
,, ,, — 1937				311
Aquidauana (Mato-Grosso) — 1931				295
				305
				310
				276
				297
Atabani, rio (Amazonas) — 1937				311
Atafona (Rio de Janeiro) — 1911				283
Avanhandava (São Paulo) — 1903				275
,, ,, ,, — 1904				276
$ \begin{array}{cccccccccccccccccccccccccccccccccccc$				281
				299
				318
				280
,, ,, ,, — 1912				283
				283
				281
				276
				272
10/12				323
,, ,, ,, — 1943				312
1027				312
1090				312
Baurú (São Paulo) — 1900		•		272
1005				278
1010				281
,, ,, ,, — 1910	•	•	•	201

⁽¹⁾ Correspondem os números dos índices à paginação do volume, que nas separatas foi conservada no rodapé da página respectiva.

						Pá	gina
Bebedouro (São Paulo) — 1904							276
Bela Vista (Pará) — 1921							290
Belém do Pará (Pará) — 1920							284
Belmonte (Bahia) — 1919							288
Bimbarra, Ilha da (Bahia) — 1933							298
Boa Vista (Maranhão) — 1906							279
\sim							279
,, ,, Fazenda (Goiaz) — 1934							299
Bocâina, Serra da (São Paulo) — 1924						100	000
Boiussú, Igarapé (Pará) — 1935							
Bom Jardim (Pará) — 1936							
Borda da Mata, Fazenda da (Minas) — 1910							
borda da Mata, Fazenda da (Minas) — 1910	•	•		•	•		
,, ,, ,, ,, ,, ,, ,, — 1911				•		•	
Braunau (São Paulo) — 1928							
Bravo, Iparapé (Pará) — 1935							
Cã-Cã (Rio Feio, São Paulo) — 1905							
,, ,, ,, ,, ,, — 1906			•		•	•	
Cachoeira (São Paulo) — 1898	•	•	•		•	•	271
,, ,, ,, — 1909							281
Cachoeirinha (São Paulo) — 1934							300
Caconde (São Paulo) — 1900							
Caioá, Fazenda (São Paulo) — 1903							273
California, Fazenda (São Paulo) — 1941							
Campo Grande (Mato-Grosso) — 1930							
,, $,$ $,$ -1937							303
,, $,$ $,$ -1938							306
,, $,$ $,$ -1939							308
Campos do Jordão (São Paulo) — 1905							278
$,, ,, ,, ,, \dots -1906 \dots$							278
" Novos de Cunha (São Paulo) — 1909							281
Cana Brava (Goiaz) — 1932							301
$,, ,, ,, -1933 \ldots \ldots$							301
Canaçari, Lago (Amazonas) — 1937							311
Cananéia (São Paulo) — 1934							300
Cantagalo, Ilha (Mato-Grosso) — 1931							296
Cantareira, Serra da (São Paulo) — 1898.							271
Caraguatatuba (São Paulo) — 1941							318
Caravelas (Bahia) — 1908							280
1022		•	•		•	•	298
,, ,, — 1935			•			•	299
							306
Casa Nova (Pará) — 1934							303
		•			•	•	301
						•	
Castro (Paraná) — 1907	•	•		•	•		279
$ \begin{array}{cccccccccccccccccccccccccccccccccccc$	•		•	•			284
Catalão (Goiaz) — 1904			•		•		276
Cavalos, Pantanal dos (Mato-Grosso) — 1930	•	•				•	294
Caxiricatuba (Pará) — 1935							310

Pági	na
	04
	19
Chiruâ, Rio (Amazonas) — 1902	74
Claro, Rio (Goiaz) — 1941	15
	01
Colatina (Espírito Santo) — 1940	16
	20
	72
	86
	86
	94
	03
그렇게 하면 하는 사람들이 되었다. 그 아니라 하는 사람들이 되었다. 그 아이들이 아니는 아이들이 살아 있다는 그리고 있다는 것이 없는데 그렇게 되었다. 그 그 그 없는데 없다.	05
	96
	71
	92
	03
	10
에서 NOTE NOTE NOTE NOTE NOTE NOTE NOTE NOTE	15
	92
	92
	06
	98
	10
	74
	87
그래요 그 가장에 가장하게 하는 이 이번에 목가를 되었다. 이 경에 가장하게 되었다. 그렇게 되었다. 그렇게 하는 것이 되었다. 그 없는 것이 없는 것이 되었다. 그 없는 것이 없는 것이 없는 것이	77
	19
	14
	81
	18
	78
" " " " "	278
	121
	299
	298
	281
	282
	306
	293
	300
	297
	298
"	312
	289
	277
	288
" Rio (São Paulo) — 1904	276

Pág	ina
Grande, Salto, do Paranapanema (São Paulo) — 1903	273
	320
Guarulhos (São Paulo) — 1941	315
	277
	289
Icatú (São Paulo — 1928	293
Iguape (São Paulo) — 1898	269
	287
	300
	269
	270
	292
	269
	299
T	287
	311
TI 11 1 (7) (1)	311
Ti 1 1 / /35' O 1 :	290
T1 / T1 7 / T	301
TI -1: 1 (0° T) 1 1 1000	306
1000	268
T1 (70 1) 100 1	293
Ti /07 D 1 1 100	299
1010	276
Ti ' (D' G I I G I	281
T/ / /OF TO 1	284
Y	275
T/ 111 /05 - 1	278
	270283
	284
	292
	293
	293 298
T	292
그녀 사람들은 1 시간 사람들은 사람들이 되었다면 하는 것이 없는 것이 없는 것이 없는 것이 없는 것이 없다면	282
	272
	273
*	282
	317
	299
	301
• 1	297
	274
	303
	312
	280
	283

Págir	าล
	76
	90
	98
	72
	78
	19
	96
	69
	92
	74
	12
- MINITERS - NO	78
	84
	16
	97
	02
	74
	01
Mantiqueira, Serra da (São Paulo) — 1896	68
,, $,,$ $,,$ $,,$ -1905 $.$ $.$ $.$ $.$ $.$ $.$ $.$ $.$ $.$ $.$	78
	99
Marajó, Ilha de (Pará) — 1923	92
Maria da Fé (Minas-Gerais) — 1935	01
Mariana (Minas-Gerais) — 1918	88
Marucú, Fazenda (Pará) — 1920 2	89
Matão (São Paulo) — 1905	76
	88
Matupiri (Amazonas) — 1902	74
	84
Mayrinck (São Paulo) — 1908	81
Membeca (Amazonas, Rio Manacapurú) — 1936 3	02
	94
	79
	84
	23
	71
	21
1049	21
(Doné) 1090	89
Faranda (Dananá) 1007	79
	290
	00
	805
	280
	320
	318
	292
$$ $$ $-$ 1923 $$ $$ $$ $$ $$ 2	292

						Pá	gina
Nazaré das Farinhas (Bahia) — 1932							297
Negro, Rio (Amazonas) — 1936							302
Nova Friburgo (Rio de Janeiro) — 1909							281
" Hamburgo (Rio Grande do Sul) — 1898							271
" Wurttemberg (Rio Grande do Sul) — 19							284
" Roma (Goiaz) — 1932							
Óbidos (Pará) — 1920							290
Olímpia (São Paulo) — 1916							285
Paca Grande, Rio (São Paulo) — 1941							
Palhão, Serra do (Bahia) — 1932							
Palmira, Fazenda (São Paulo) — 1943							321
Pancas, Rio (Espírito Santo) — 1942							320
Pandeiro, Rio (Minas-Gerais) — 1931							301
Paraiba, Rio (Rio de Janeiro) — 1909							281
1011							
,, ,, ,, ,, — 1911 Paranapanema, Rio (São Paulo) — 1903							
, , , , — 1943							322
Paranapiacaba, Serra de (São Paulo) — 1929	•	•	•	•	•		
Paredão, Barra do (Mato-Grosso) — 1939 .	•	•	•	•	•	•	308
Parintins (Pará) — 1921							290
Patauá (Pará) — 1935							310
Paranaiba, Rio (Goiaz) — 1904							276
Patrocínio do Sapucai (Minas-Gerais) — 1910							281
Patrocinio do Sapucai (Milias-Gerais) — 1910	•	•	•		•		277
Pau Gigante (Espírito Santo) — 1905							316
							274
Petrópolis (Rio de Janeiro) — 1901							282
Piassaguera (São Paulo) — 1911							284
$ \begin{array}{cccccccccccccccccccccccccccccccccccc$	•	•	•	•	•	•	
Pilar (São Paulo) — 1925							
Piquete (São Paulo) — 1896							
Piquiatuba (Pará) — 1936							
Piracicaba (São Paulo) — 1897							
$, \qquad , \qquad , \qquad -1900 \ldots \ldots$			•	•	•	•	
,, Rio, (Minas-Gerais) — 1940	•		•				.314
Pirapora (Minas-Gerais) — 1912	•	•	•	•		•	283
Pissarrão (Minas-Gerais) — 1940			•		•		314
Pitoresca, Fazenda (Bahia) — 1919				•	•		287
Poço Grande, Fazenda (São Paulo) — 1897 .							269
,, $,,$ $,,$ -1940 .	•						313
Pontal (Bahia) — 1919							287
Ponte Nova (Minas-Gerais) — 1918				•			288
Pôrto Cabral (São Paulo) — 1941							317
" Cachoeiro (Espírito Santo) — 1905 .							277
,, do Cemitério, hoje Colômbia (São Paulo) _	- 1	904				276
" Epitácio (São Paulo) — 1926							293
" Esperança (Mato-Grosso) — 1930							294
Faia (Mato-Grosso Rio Paraná) — 190	1 .						276

Pági	па
Pôrto Sapé (Mato-Grosso) — 1927	93
,, Tibiriça (Mato-Grosso) — 1931	96
" Velho (Amazonas) — 1939 3	12
Prado, cidade do (Bahia) — 1933	98
Prainha (Pará) — 1934	99
Presidente Prudente (São Paulo) — 1926 2	93
Primeira Cruz (Maranhão) — 1905	79
	74
Ramos, Paraná do (Pará)	90
	97
	03
	73
	71
	03
	20
	88
	808
	17
이 경기를 보고 있다면 하는 경기를 다른 경기를 하면 가장 가장 있었다. 그는 그는 그를 하는 것이 하는 것이 되었다. 그런 그는 그를 하는 것이 되었다. 그렇게 되었다. 그렇다는 그렇다는 그렇다는	73
	95
	12
,, ,, (Espírito Santo) — 1942 3	19
	15
	77
4040	00
	83
,, Luzia (Amazonas) — 1936	02
,, Luzia (Amazonas) — 1936	02 84
,, Luzia (Amazonas) — 1936	02 84 19
,, Luzia (Amazonas) — 1936	02 84 19 75
,, Luzia (Amazonas) — 1936	02 84 19 75 89
" Luzia (Amazonas) — 1936	02 84 19 75 89
" Luzia (Amazonas) — 1936	102 184 19 175 189 199
" Luzia (Amazonas) — 1936	84 19 75 89 99
" Luzia (Amazonas) — 1936	802 884 819 875 889 892 803 898
" Luzia (Amazonas) — 1936	802 884 19 775 899 992 803 898
" Luzia (Amazonas) — 1936	802 884 419 775 889 892 803 898 892 806
" Luzia (Amazonas) — 1936	802 844 19 75 89 99 92 803 892 806 274
" Luzia (Amazonas) — 1936	802 844 75 899 992 903 998 992 106 1074 1020
" Luzia (Amazonas) — 1936	84 19 75 89 99 92 106 274 20 301
" Luzia (Amazonas) — 1936	84 19 75 89 99 92 106 274 820 801
" Luzia (Amazonas) — 1936	802 844 19 775 899 992 803 892 806 874 820 801 272 233
" Luzia (Amazonas) — 1936	802 844 19 775 899 992 803 898 892 806 801 801 802 802 803 803 804 804 805 807 807 807 807 807 807 807 807 807 807
" Luzia (Amazonas) — 1936 3 " Maria da Bôca do Monte (Rio Grande do Sul) — 1914 2 " Tereza (Espírito Santo) — 1942 3 Santarém (Pará) — 1903 2 " — 1920 2 " — 1934 2 Santo Amaro (São Paulo) — 1925 2 " Antônio, Usina (Mato-Grosso) — 1937 3 " Estêvam (Bahia) — 1933 2 Santos (São Paulo) — 1925 2 São Bento, Fazenda (Pernambuco) — 1938 3 " Felipe (Amazonas) — 1901 2 " Domingos (Espírito Santo) — 1942 3 " Francisco do Sul (Rio Grande do Sul) — 1899 2 " " (Minas-Gerais) — 1912 2 " Gabriel (Amazonas) — 1936 3 " Jerônimo (São Paulo) — 1903 2	802 844 75 899 892 803 892 806 874 820 801 272 833 802
" Luzia (Amazonas) — 1936 3 " Maria da Bôca do Monte (Rio Grande do Sul) — 1914 2 " Tereza (Espírito Santo) — 1942 3 Santarém (Pará) — 1903 2 " — 1920 2 " — 1934 2 Santo Amaro (São Paulo) — 1925 2 " Antônio, Usina (Mato-Grosso) — 1937 3 " Estêvam (Bahia) — 1933 2 Santos (São Paulo) — 1925 2 São Bento, Fazenda (Pernambuco) — 1938 3 " Felipe (Amazonas) — 1901 2 " Domingos (Espírito Santo) — 1942 3 " Francisco do Sul (Rio Grande do Sul) — 1899 2 " " (Minas-Gerais) — 1912 2 " Gabriel (Amazonas) — 1936 3 " Jerônimo (São Paulo) — 1903 2 " João da Barra (Rio de Janeiro) — 1911 2	802 844 75 899 892 803 892 806 74 820 801 272 233 802 275
" Luzia (Amazonas) — 1936	84 175 189 192 193 198 198 198 197 197 197 197 197 197 197 197 197 197
" Luzia (Amazonas) — 1936	802 844 775 899 892 803 892 806 874 801 872 833 842 873 874 872 873 874 874 874 874 874 874 874 874 874 874
" Luzia (Amazonas) — 1936 3 " Maria da Bôca do Monte (Rio Grande do Sul) — 1914 2 " Tereza (Espírito Santo) — 1942 3 Santarém (Pará) — 1903 2 " — 1920 2 " — 1934 2 Santo Amaro (São Paulo) — 1925 2 " Antônio, Usina (Mato-Grosso) — 1937 3 " Estêvam (Bahia) — 1933 2 Santos (São Paulo) — 1925 2 São Bento, Fazenda (Pernambuco) — 1938 3 " Felipe (Amazonas) — 1901 2 " Domingos (Espírito Santo) — 1942 3 " Francisco do Sul (Rio Grande do Sul) — 1899 2 " " (Minas-Gerais) — 1912 2 " Gabriel (Amazonas) — 1936 3 " Jerônimo (São Paulo) — 1903 2 " João da Barra (Rio de Janeiro) — 1911 2 " José da Lagoa (Minas-Gerais) — 1940 3 " " " " " " " " " " " " " " — 1904 2	84 175 189 192 193 198 198 198 197 197 197 197 197 197 197 197 197 197

				,		Pá	gina
São Luiz de Cáceres (Mato-Grosso) — 1918.							286
" " do Paraitinga (São Paulo) — 1909.							231
" Lourenço (Rio Grande do Sul) — 1899.							271
" Miguel Arcanjo (São Paulo) — 1929							294
" Manoel do Paraizo (São Paulo) — 1897.							270
,, Patrício, Matas de (Goiaz) — 1934							300
" Sebastião (São Paulo) — 1896							268
$,, ,, , -1905 \dots$							278
", ", ", -1907							278
" , $"$, -1915							284
Saracá, Lago do (Amazonas) — 1936							311
Serpa, Lago do (Amazonas) — 1937, 1938.							311
Serra Azul, Lagoa da (Mato-Grosso) — 1937.							305
Sete Lagoas (Minas-Gerais) — 1911							285
Silvânia (São Paulo) — 1930							298
1097							305
,, ,, — 1937							311
Solimões, Rio (Amazonas) — 1936							302
						•	268
Sorocaba (São Paulo) — 1896						•	314
Sussui, Rio (Minas-Gerais) — 1940							
Tabatinguera (São Paulo) — 1934							300
Tapera (Pernambuco) — 1938							306
Taquaruçu, Ilha (Mato-Grosso) — 1931				•			296
Taperinha (Pará) — 1920							289
Taracuá (Amazonas) — 1936							302
Teófilo-Otoni (Minas-Gerais) — 1908							280
Tomé Pinto, Fazenda (Goiaz) — 1934							299
Três Lagoas (Mato-Grosso) — 1931							295
Transwaal, Fazenda (Goiaz) — 1941							315
Uaupés, Rio (Amaonas) — 1936							302
Ubatuba (São Paulo) — 1905							277
,, ,, ,, -1943							321
Urubu, Rio (Amazonas) — 1937							311
Uruguiana (Rio Grande do Sul) — 1914							284
Uruguai, Rio (Rio Grande do Sul) — 1914.							284
Utinga (Pará) — 1921							292
$,, \qquad ,, \qquad -1923 $							292
Valparaizo (São Paulo) — 1931					20	5,	296
Vanuire (São Paulo) — 1928						, ,	293
Vargem Alegre (Minas-Gerais) — 1900		• ,		•			272
Varjão, Fazenda (São Paulo) — 1941		•	•		•		316
Vila Nova (Bahia) — 1908			•		•	•	280
Viramão, Fazenda (Mato-Grosso) — 1938					•	•	306
Vitória de Botucatu (São Paulo) — 1900, 1902						•	
Vitória Ilha da (São Paulo) — 1907	•	•	•	•	•		273 278
VIIOLIA 1111A DA CSAO PAULO) — 1907	-					4.	410

ÍNDICE DE NOMES PRÓPRIOS

				P	gina
Acho, Bernardino					209
Allen, Glover					294
Almeida, Roberto de					266
Autor 292, 295,	296, 301,	303, 313,	317,	318, 319	, 321
Barbour, Tomas					315
Berla, H. F					315
Bicego, Beniamino					268
Camargo Andrade, Carlos Amade	u de .		296,	300, 302,	308
Castro Lopes, Joaquim de					307
Derby, Orville				. 266,	267
Dreher, Otto					276
Dutra, G					315
Ehrhardt					273
Enslen, Chr					271
Ferreira, L. C					315
Fonseca, José Pinto da			288,	291, 292	, 315
Friedenreich, Guilherme					266
Forbes, W. A					306
Garbe, Ernst 272, 276,					, 303
Garbe, Walter					
Godoy, Jacinto B. de					
Gualberto, Dr					272
Guenther, Francisco					278
Gyldenstolpe, Conde Nyls					312
Hempel, Adolfo					272
Holt, Ernest G					~
Hummel, Alexandre					270
Koenigswald, Gustavo					266
Koseritz, Carl von					265
Krone, Ricardo					000
Ihering, Hermann von					100000000000000000000000000000000000000
Ihering, Rodolfo von			,		
Lima, Francisco Queiroz					292
Lima, João Leonardo					
Lima, José Leonardo 272, 293, 298					
Loefgren, Alberto					266
Luederwaldt, Hermann				278, 291	
Olalla, Alfonso		, 301, 305			
Olalia, Alloliso	490	, 401, 505	, 509,	919, 910	, 519

Página
Pinder, Helmuth
Pinto, Olivério M. de Oliveira (v. Autor)
Prado, Armando
Ribeiro da Silva, Hermano
Ruschi, Augusto
Schrottky, Curt
Schwanda, Fernando
Schwanda, Filho
Schwartz, A
Serapião, Heitor
Sertório, Coronel Joaquim
Sester, Paulo
Sia Augustin
Soares, Almeirindo
Soares, Benedito
Taunay, Afonso d'Escragnolle 285, 286, 294
Travassos, Lauro
Vieira, Carlos da Cunha
Zech, João

